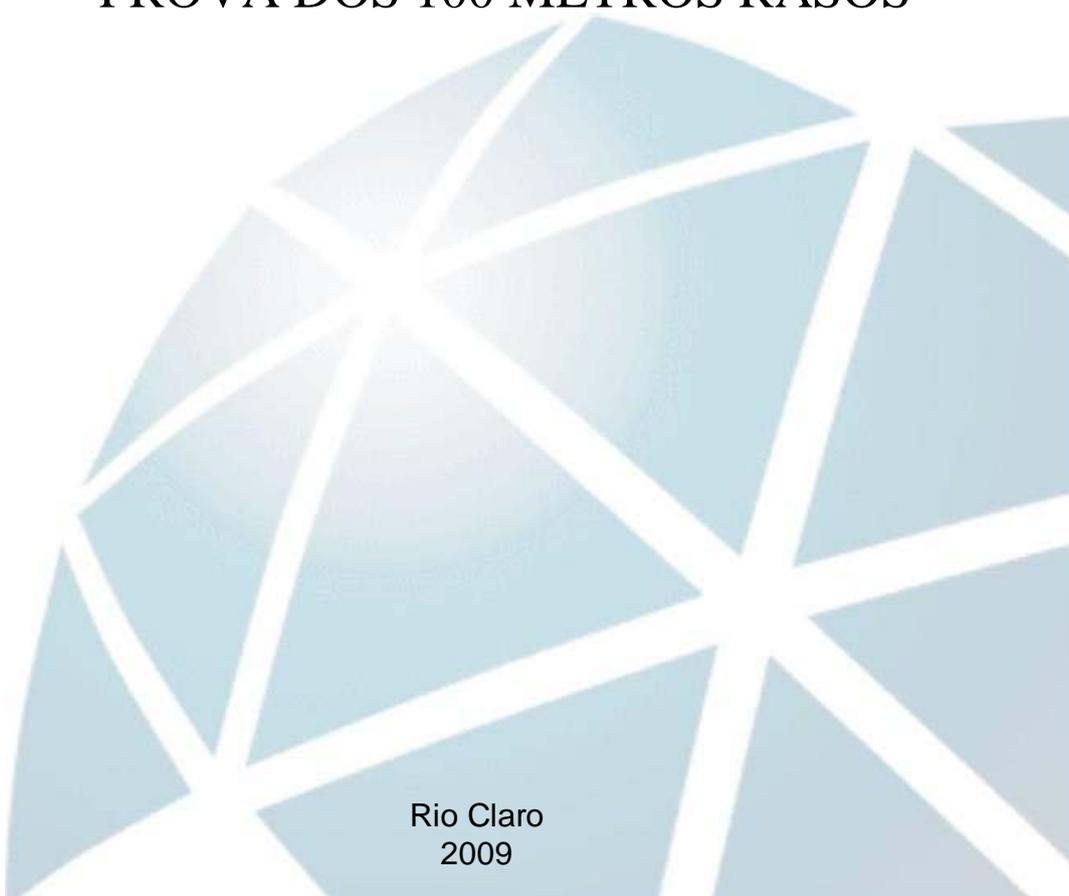

BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GUY GINCIENE

A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA CORRIDA DE
VELOCIDADE: UM APROFUNDAMENTO NA
PROVA DOS 100 METROS RASOS



Rio Claro
2009

GUY GINCIENE

**A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA CORRIDA DE VELOCIDADE: UM
APROFUNDAMENTO NA PROVA DOS 100 METROS RASOS**

Orientadora: SARA QUENZER MATTHIESEN

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro,
para obtenção do grau de Bacharel em
Educação Física.

UNESP – CAMPUS RIO CLARO

2009

796.4 Ginciene, Guy
G492e A evolução histórica da corrida de velocidade : um aprofundamento na prova dos 100 metros rasos / Guy Ginciene. - Rio Claro : [s.n.], 2009
192 f. : il., figs., gráfs., quadros, fots.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Sara Quenzer Matthiesen

1. Atletismo. 2. Atletismo - História. 3. 100 metros rasos. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico esse trabalho aos meus ídolos/pais, Mauro e Clovet.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais, por tudo que já fizeram por mim. Agradeço pela educação que me deram, e pelo grande exemplo que são para mim. Graças a eles, hoje estou terminado o curso de Educação Física em uma das melhores universidades do país. Mais do que isso, eles sempre me apoiaram na escolha desse curso que gosto tanto e tenho o prazer de estudar. Graças aos meus pais, tive a oportunidade de estudar em um excelente colégio, no qual, logo no meu primeiro ano, conheci o professor Márcio de Educação Física, que talvez nem se lembre mais de mim, mas que foi fundamental para que eu me apaixonasse pelo mundo da Educação Física. Graças aos meus pais também, tive a oportunidade de jogar tênis e treinar na academia Tennis Camp, na qual fui treinado pelo Fernando, professor que me inspiro até hoje.

Falando em tênis, algo tão importante para mim e que contribuiu muito na minha decisão pelo curso de Educação Física, não poderia deixar de agradecer mais uma vez meus pais que sempre me levaram para todos os cantos para jogar. À minha mãe que me levava para treinar e ficava 2 horas me esperando, durante 3 vezes por semana. Ao meu pai que acordava cedo às segundas-feiras só para me levar para treinar.

Gostaria também de agradecer à minha orientadora Sara, que logo no meu primeiro ano de faculdade me acolheu em seu grupo de estudos, me ensinando, apoiando, motivando e acreditando em mim. Durante esses quase 4 anos de convivência, a professora Sara foi fundamental na minha formação. Gostaria de lembrar apenas um de vários fatores pelo qual ela foi importante para esse trabalho e para minha formação. Durante uma das correções de meu trabalho, momento em que ela percebeu que faltava mais curiosidade e talvez até mais dedicação para que o trabalho pudesse melhorar, ela foi brilhante e de forma impecável, sem brigas, sem ofensas, sem me deixar mal, com seu jeito calmo e tranquilo, ela conseguiu, conversando comigo, me instigar e motivar de forma incrível a pesquisar, e buscar informações das quais eu não havia nem chegado perto durante os primeiros anos de trabalho. Agradeço as oportunidades que ela me ofereceu e que pude aproveitar intensamente como a bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPq que conseguimos; a oportunidade de apresentar meu trabalho à seus alunos; de ter sido monitor de sua disciplina Atletismo I, entre tantas outras coisas. Obrigado Sara!

Obrigado aos meus professores da UNESP, em especial à professora Suraya e ao professor Afonso, por suas aulas que me deixavam extremamente empolgado e motivado pela busca por informações, pelo estudo e pela leitura.

Aos meus amigos: Leandro Peh (grande parceiro, companheiro nos últimos anos, confiante, pessoa que sei que posso contar, que me fala quando estou errado e quando estou certo e que, independente disso sempre me ajudou); Fernandão (antigo vizinho, que hoje mora comigo e que foi muito importante durante esses anos de faculdade, fazendo com que morar em Rio Claro fosse algo mais prazeroso); Milena (que apesar das brigas, sempre será marcada como minha grande amiga da faculdade, parceira dos trabalhos e confiante); ao Poneis, Tiaguinho, Brunesco, Mary Cid, Carol, Zanatta, amigos que conviveram comigo durante esses quatro anos.

Para finalizar, gostaria de agradecer mais uma vez à minha mãe, que sempre está presente nos momentos difíceis, disposta a fazer de tudo para eu melhorar e que sempre participou e foi fundamental nas minhas decisões. Ao meu pai, que sempre está lá também, pronto para uma conversa, disposto a me ajudar e a me orientar com suas palavras.
OBRIGADO!!!

RESUMO

Existente desde os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, as corridas de velocidade ocupam espaço de destaque dentre as provas do atletismo. Em particular, os 100 metros rasos masculino é a prova cujas particularidades merecem ser investigadas, sobretudo em função das inúmeras alterações ocorridas ao longo dos anos. Por exemplo, a princípio, a corrida de velocidade era disputada nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, com o nome de stádion ou dromo e com um percurso de 192,27 metros. Com a decadência e a extinção dos Jogos Olímpicos, a corrida de velocidade deixou de ser disputada, retornando em 1896, com o renascimento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Entretanto, dentre as modificações nas provas do atletismo, as corridas de velocidade passaram a ser de 100 e 400 metros rasos, o bloco de partida passou a ser obrigatório etc.

O objetivo desta pesquisa consiste em averiguar as principais modificações ocorridas na prova dos 100 metros rasos masculino, desde a sua origem até os dias atuais.

Esta pesquisa, de caráter histórico-bibliográfico, tem a finalidade de resgatar a história da prova dos 100 metros rasos com base na história dos Jogos Olímpicos, verificando as alterações em suas regras básicas, em sua composição e técnicas específicas, a fim de reunir subsídios para o seu ensino em aulas de Educação Física.

Com esta pesquisa, esperamos contribuir não apenas com o resgate da história desta prova, cujas particularidades são pouco conhecidas, mas fornecer subsídios para o ensino das corridas de velocidade na escola, onde deveria ser trabalhada como parte do conteúdo da Educação Física.

Palavras-chave: atletismo; 100 metros rasos; história do esporte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem de alunos participantes do Projeto Piloto em 2006.	19
Figura 2: Vista do stádion de Olímpia (CABRAL, 2004, p. 105).....	26
Figura 3: Vista aérea de Olímpia, em que é possível observar o local (borda superior) onde era disputado o stadion.	27
Figura 4: Stádion de Delfos dos Jogos Pítios.	28
Figura 6: Stádion de Epidauro.....	29
Figura 7: Stádion de Rodes.	29
Figura 8: Stádion de Neméia, onde eram disputados os Jogos Nemeanos.	30
Figura 9: Corredor do stádion (CABRAL, 2004, p. 182).	31
Figura 10: Imagem da prova do stádion (CABRAL, 2004, p. 182).	31
Figura 11: “U. S. Men's Outdoor Track & Field Championships”.....	33
Figura 12: Prova de corrida no ano de 1899 (VIGARELLO, 1988, p. 28).....	33
Figura 13: Pierre Coubertein	34
Figura 14: Jogos Olímpicos de Atenas em 1896.	34
Figura 15: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de 1896.	35
Figura 16: Frank Jarvis.....	36
Figura 17: Archibald Hahn ou “O meteoro de Milwaukee”	36
Figura 18: Final dos 60 metros rasos dos Jogos Olímpicos de 1904.....	37
Figura 19: Prova dos 400 metros rasos nos Jogos Olímpicos de 1904.....	37
Figura 20: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1908, com Reginald Walker (à direita) como o vencedor.	38
Figura 21: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Estocolmo, 1912.....	39
Figura 22: Charles Paddock.....	40
Figura 23: Imagem do photo finish da final dos 100 metros de 1932.....	42
Figura 24: Final dos 200 metros rasos de 1936.	42
Figura 25: Prova do salto em distância nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936.....	43
Figura 26: Jesse Owens recebendo a medalha de ouro do salto em distância, nos Jogos Olímpicos de Berlim.	43
Figura 27: Largada dos 100 metros rasos de 1936.	44

Figura 28: Largada dos 100 metros rasos nos Jogos Olímpicos de 1948, em Londres.....	44
Figura 29: Final dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948	45
Figura 30: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Helsinque, 1952. Da esquerda para direita: Treloar (AUS) 6º, Macdonald Bailey (GBR) 3º, Smith (USA) 4º, Remigino (USA) 1º e Mackenley (JAM) 2º.....	45
Figura 31: Lindy J. Remigino.....	46
Figura 32: Lindy J. Remigino.....	46
Figura 33: Armin Hary.....	47
Figura 34: Final dos 100 metros rasos de 1964.....	48
Figura 35: Robert Hayes como corredor de 100 metros rasos.	48
Figura 36: Robert Hayes como jogador de futebol americano.....	49
Figura 37: James Hines na final dos Jogos Olímpicos do México em 1968.....	50
Figura 38: Final dos 200 metros nos Jogos Olímpicos de Munique, 1972.....	50
Figura 39: Hasely Crawford	51
Figura 40: Donald Quarrie, Hasel Crawford e Valery Borzov (da esquerda para direita).....	52
Figura 41: Allan Wells (à direita) nos Jogos Olímpicos de Moscou, 1980.	53
Figura 42: Carl Lewis nos 200 metros rasos em 1984.....	54
Figura 43: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de 1988 em Seul. Da esquerda para a direita: Ben Johnson (EUA); Calvin Smith (EUA), 3º colocado; Linford Christie (GBR), 2º colocado e Carl Lewis, 1º colocado.....	55
Figura 44: Ben Johnson na final dos Jogos Olímpicos de Seul , em 1988.	55
Figura 45: Medalhistas do salto em distância, todos norte-americanos. Da esquerda para a direita: Michael Powell (2º), Carl Lewis (1º) e Larry Myricks (3º).....	56
Figura 46: Robson Caetano da Silva (o segundo da direita para a esquerda) na final dos 200 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Seul, 1988.....	56
Figura 47: Carl Lewis nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992.....	57
Figura 48: Final dos Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992.....	57
Figura 49: Outra visão da final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Barcelona.....	58
Figura 50: Final dos 100 metros rasos de 1996, com Donovan Bailey estabelecendo o novo recorde mundial.	58
Figura 51: Michael Johnson nos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996.....	59

Figura 52: Maurice Greene leva o ouro nos 100 metros rasos dos jogos Olímpicos de Sydney, em 2000.	59
Figura 53: Final dos Jogos Olímpicos de 2004.	60
Figura 54: Justin Gatlin na prova dos 200 metros rasos em 2004.	60
Figura 55: Final dos 100 metros nos Jogos Olímpicos de 2008, em Pequim.	61
Figura 56: Final dos 200 metros rasos de 2008.	61
Figura 57: Terceira medalha de ouro de Usain Bolt – revezamento 4x100 metros.	62
Figura 58: Final dos 100 metros rasos feminino nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, 1928, com Betty Robinson ao centro.	63
Figura 59: Stanisława Walasiewicz nos Jogos Olímpicos de Los Angeles.	63
Figura 60: Helen Stephens (à esquerda) e Stanisława Walasiewicz (à direita) depois da prova de 100 metros rasos em 1936.	64
Figura 61: Dora Ratjen.....	65
Figura 62: Final dos 100 metros rasos feminino dos Jogos Olímpicos de Londres em 1948.	67
Figura 63: Eliminatória da prova dos 100 metros rasos feminino dos Jogos Olímpicos de 1952.	67
Figura 64: Betty Cuthbert na final da prova dos 200 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Melbourne, em 1956.	68
Figura 65: Wilma Rudolph na prova dos 200 metros rasos, em 1960.	68
Figura 66: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960.	69
Figura 67: Final dos 400 metros rasos feminino dos Jogos Olímpicos de Tóquio.	69
Figura 68: Largada dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de 1964.	70
Figura 69: Chegada dos 200 metros rasos em 1964.	70
Figura 70: Renata Stecher na prova de 200 metros rasos em 1972.	71
Figura 71: Equipe feminina do revezamento 4x100 metros de 1988 - Evelyn Ashford-Washington, Florence Griffith-Joyner, Sheila Echols e Alice Brown (da esquerda para direita).	72
Figura 72: Prova dos 200 metros rasos, nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988.	72
Figura 73: Gail Devers ns Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992.	73
Figura 74: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992.	74
Figura 75: Gail Devers com o ouro nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996.	74
Figura 76: Site oficial do COI.	75
Figura 77: Site sporting-heroes.	76

Figura 78: Largada dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Sydney.	77
Figura 79: Chegada dos 100 metros rasos, em 2000.	77
Figura 80: Shelly Ann Fraser na final dos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008....	78
Figura 81: José Telles da Conceição.....	79
Figura 82: João Batista Eugênio (à esquerda) e Carl Lewis (à direita).....	80
Figura 83: Robson Caetano nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988	81
Figura 84: André Domingos da Silva.	81
Figura 85: Registro dos medalhistas brasileiros em provas de atletismo no site oficial do COI.	82
Figura 86: Equipe brasileira do revezamento 4x100 metros dos Jogos Olímpicos de Sydney. Da esquerda para direita: Edson Luciano, Claudinei Quirino, André Domingos e Vicente Lenílson.	83
Figura 87: Claudinei Quirino da Silva ganhando a medaha de bronze em 1997, nos 200 metros rasos do World Athletics Champs.....	84
Figura 88: Lucimar nos Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas.	84
Figura 89: Momento da largada representado pela estatueta de bronze.	86
Figura 90: Linha de largada com sulcos, nos quais os atletas apoiavam os dedos dos pés.....	86
Figura 91: Primeira saída baixa registrada nos Jogos Olímpicos da Era Moderna.	87
Figura 92: Mike Murphy	88
Figura 93: Primeira saída baixa executada por C. H. Sherril, à direita.....	88
Figura 94: Atletas fazendo suas marcas de partida (“buracos”) nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928.....	89
Figura 95: Bloco de partida feito de madeira e chapas.	90
Figura 96: Bloco utilizado pelo italiano Livio Berruti, campeão olímpico dos 200 metros rasos em Roma, 1960 (LAWSON, 1997, p.41).	90
Figura 97: Modelo de bloco de partida utilizado na atualidade	90
Figura 98: Da esquerda para direita – Ralph Metcalfe, Eddie Tolan e George Simpson.....	91
Figura 99: Desenho do bloco de partida criado por George T. Bresnahan.	92
Figura 100: Documento da patente do bloco de partida.	93
Figura 101: Antonella Battagli	94
Figura 102: Valery Borzov	95
Figura 103: Saída baixa dos 100 metros rasos na atualidade.	95

Figura 104: Sequência da saída baixa.	96
Figura 105: Saída baixa.	96
Figura 106: Momento da saída.	97
Figura 107: Túnica usada pelos gregos.	98
Figura 108: Francis Obikwelu, português de origem nigeriana, campeão da Europa nas provas de 100 e 200 metros rasos, vestindo uniforme com o número de identificação.	98
Figura 109: Número colocado sobre as costas da atleta.	99
Figura 110: Competição feminina em 1909.	100
Figura 111: Betty Robinson	100
Figura 112: Fanny Blankers-Koen em 1948.	101
Figura 113: Wilma Rudolph em 1960.	101
Figura 114: Renate Stecher, 1969-76.	102
Figura 115: Florence Griffith-Joyner, 1983.	103
Figura 116: Florence Griffith-Joyner, 1984.	104
Figura 117: Florence Griffith-Joyner, 1986.	104
Figura 118: Florence Griffith-Joyner, 1987.	105
Figura 119: Florence Griffith-Joyner, 1988.	105
Figura 120: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos Sydney, 2000... ..	106
Figura 121: Cathy Freeman, australiana, medalhista de ouro da prova dos 400 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Sydney, 2000.	106
Figura 122: Cathy Freeman, 2000.	107
Figura 123: Empresa de material esportivo, Nike, testando seus materiais: 'Aerographic Swiftsuit' e a sapatilha 'Zoom Victory'.	108
Figura 124: Aerographic Swiftsuit.	108
Figura 125: Sapatilha Zoom Victory	108
Figura 126: TechFit PowerWeb da Adidas.	109
Figura 127: Nike Swift System of Dress.	110
Figura 128: Modelo de sapatilha atual de atletismo.	111
Figura 129: Sapatilha Foster.	112
Figura 130: sapatilha antiga da Reebok.	113
Figura 131: Sapatilhas Reebok	113
Figura 132: Logotipo Karhu.	114
Figura 133: Fábrica Gebrüder Dassler.	114

Figura 134: Sapatilha dos Dassler usada por corredores nos Jogos Olímpicos de Amsterdam em 1928.	115
Figura 135: Arthur Jonath na prova dos 100 metros rasos.....	115
Figura 136: Adolph (Adi) Dassler em sua fábrica.	116
Figura 137: Usain Bolt e sua sapatilha dourada da Puma.	116
Figura 138: Usain Bolt e sua sapatilha durante o recorde mundial dos 100 metros rasos.....	117
Figura 139: Sapatilha usada por Armin Hary na final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Roma em 1960.....	117
Figura 140: Sapatilha da Adidasn usada pelo alemão Willi Holdorf, o primeiro de sua pátria a ganhar a medalha de ouro no decatlon.	117
Figura 141: Sulcos para apoiar os pés, conhecido como balbídes.	119
Figura 142: Sistema de largada dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga.	120
Figura 143: Largada no estádio do santuário de Posídon, no Istmo.	120
Figura 144: Esquema da largada.....	120
Figura 145: Vista do estádio de Rodes com o local para a largada.	121
Figura 146: Sistema de largada do Istmo.	121
Figura 147: Reconstrução do sistema de largada utilizado em Neméia, nos Jogos Nemeanos.	122
Figura 148: Reconstrução da largada utilizada pelos gregos na Grécia Antiga.	122
Figura 149: Raias suspensas.....	123
Figura 150: Linha de largada dos 100 metros rasos e suas raias pintadas na pista.	123
Figura 151: Pista de agregado de carvão com as raias e linha de chegada.	124
Figura 152: Tiro de Largada.....	124
Figura 153: Corredores com movimentos mais curtos..	127
Figura 154: Corredores com movimentos mais amplos.....	127
Figura 155: Jesse Owens em uma prova de 100 jardas.....	129
Figura 156: Valeriy Borzov, 1971.	129
Figura 157: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos do México, 1968... ..	130
Figura 158: Final dos 100 metros rasos feminino dos Jogos Olímpicos de Munique, 1972.....	130
Figura 159: Final masculina dos 100 metros rasos de 1972.....	131
Figura 160: Final dos 200 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976.....	131

Figura 161: Final dos 100 metros rasos feminino do Campeonato Europeu, em 1974.....	132
Figura 162: Imagem do photo finish.....	133
Figura 163: Imagem sem o photo finish.....	133
Figura 164: Sistema de largada acoplado à cronometragem usado em 1948.....	134
Figura 165: Sistema de cronometragem e photo finish usado nos Jogos Olímpicos de 1948.....	135
Figura 166: Imagem do photo finish dos Jogos Olímpicos do México, 1968.....	135
Figura 167: Imagem do photo finish dos Jogos Olímpicos de Seul, 1988.....	135
Figura 168: Cronometristas e o sistema de photo finish.....	136
Figura 169: Photo finish.....	136
Figura 170: Imagem da chegada e do photo finish.....	137
Figura 171: Thomas Burke.....	137
Figura 172: Jesse Owens em 1935.....	138
Figura 173: Jesse Owens treinando enquanto estava indo de navio para os Jogos Olímpicos de Berlim.....	138
Figura 174: Owens na sua volta para os EUA depois das medalhas de ouro conquistada nos Jogos Olímpicos de Berlim.....	139
Figura 175: Jesse Owens e o vice-presidente dos EUA Richard Nixon em 1958.....	139
Figura 176: Jim Hines no alto do pódio protestando contra o racismo.....	140
Figura 177: Jim Hines, 1966.....	141
Figura 178: Valery Borzov.....	142
Figura 179: Carl Lewis em 1987.....	143
Figura 180: Carl Lewis nos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996.....	143
Figura 181: Michael Johnson.....	144
Figura 182: Michael Johnson, 1999.....	144
Figura 183: Michael Johnson.....	145
Figura 184: Asafa Powell, 2004.....	146
Figura 185: Usain Bolt, 2006.....	147
Figura 186: Usain Bolt, de amarelo, em 2007.....	147
Figura 187: Robson Caetano da Silva, 1995.....	149
Figura 188: Robson Caetano.....	149
Figura 189: Betty Robinson.....	150
Figura 190: Wyomia Tyus, 1968.....	151

Figura 191: Florence Griffith-Joyner.....	152
Figura 192: Gail Devers, 1995.	153
Figura 193: Gail Devers, 2003.	154
Figura 194: Lucimar Aparecida Moura.....	155
Figura 195: Asafa Powell.....	164
Figura 196: Justin Gatlin.	165

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Número de atletas inscritos nas provas de 100, 200 e 400 metros rasos nos Jogos Olímpicos de 1896 a 1908.....	39
Quadro 2: Resultados Olímpicos.	156
Quadro 3: Recordes Olímpicos desde 1896.	158
Quadro 4: Campeãs olímpicas.	160
Quadro 5: Evolução do Recorde Olímpico feminino.....	162
Quadro 6: Recorde Mundial.	163
Quadro 7: Recordes mundiais masculinos.	169
Quadro 8: Recorde feminino.	171
Quadro 9: Recordes mundiais dos 100 metros rasos feminino.	174

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução das finais olímpicas.....	157
Gráfico 2: Evolução do recorde mundial masculino.....	163
Gráfico 3: Evolução do recorde mundial feminino.	172

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. OBJETIVO.....	21
3. METODOLOGIA.....	22
3.1. Definição	22
3.2. Desenvolvimento da pesquisa	23
4. RESULTADO E DISCUSSÃO	25
4.1. Sobre a história das corridas de velocidade	25
4.1.1. A participação feminina em Jogos Olímpicos	62
4.1.2. A participação brasileira	78
4.2. A evolução das corridas de velocidade	85
4.2.1. Sobre a saída baixa e o bloco de partida	85
4.2.2. Sobre o vestuário.....	97
4.2.3. Sobre a largada	118
4.2.4. Sobre a evolução técnica	126
4.2.5. Sobre a chegada	128
4.2.6. Sobre os atletas - masculino	137
4.2.7. Sobre as atletas - feminino.....	149
4.3. Recordes e resultados.....	155
4.3.4. Recordes olímpicos masculinos	155
4.3.5. Recordes olímpicos femininos.....	159
4.3.6. Evolução do recorde mundial na prova dos 100 metros rasos masculino	162
4.3.7. Evolução do recorde mundial na prova dos 100 metros rasos feminino	170
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	175
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	180

1. INTRODUÇÃO

Apesar de ser considerado como um dos conteúdos clássicos da Educação Física (MATTHIESEN, 2005), pouco se sabe sobre a história do atletismo, sendo que a maior parte dos trabalhos da modalidade dirige seus objetivos à área de treinamento. Os poucos registros históricos existentes aparecem, na maioria das vezes, como introdução desses trabalhos, ainda que de forma bastante sucinta, dificultando um aprofundamento na história desse esporte (MATTHIESEN, 2009).

A maioria dos autores considera, por exemplo, que o nascimento da corrida ocorreu na pré-história. Não à toa consideram-na como um movimento natural do ser humano, onde o objetivo é se locomover de uma forma mais rápida do que o andar. Isso não deixa de ser uma verdade. Porém não podemos comparar as corridas de 100, 200, 400 metros e, até mesmo, o stádion¹ com o simples movimento de correr do homem pré-histórico. Ainda que a comparação entre esses movimentos possa ser feita, é preciso destacar que seus objetivos são totalmente diferentes. Na pré-história, por exemplo, o objetivo era simplesmente se locomover de uma forma mais rápida que o andar, seja para fugir ou para ir atrás de alguma coisa, como um animal que iria servir como alimento.

Seguindo em frente na história observamos que a corrida passou a ser disputada em forma de competição. Na Grécia Antiga, de onde provém os primeiros registros de competições de atletismo, a corrida mais conhecida era o stádion, o qual integrava os jogos mais populares da época, os Jogos Olímpicos. Somente os homens participavam dessa competição, enquanto que as mulheres participavam dos Jogos em homenagem a deusa Hera, correndo uma prova de aproximadamente 160 metros, hoje, inexistente na programação oficial do atletismo.

Embora, desde aquela época, fosse dada grande importância às corridas de velocidade, de lá para cá muita coisa mudou, a exemplo das regras, dos implementos, do vestuário, do tipo físico dos atletas e, até mesmo, da participação das mulheres. Entretanto, tais modificações, que ocorreram ao longo da história das corridas de velocidade, não são conhecidas pelos atletas e profissionais de Educação Física. Ou seja, na maioria das vezes, os

¹ O stádion era uma corrida de velocidade com a distância de 192,27 metros disputada, por homens, nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga.

atletas conhecem apenas a prova tal qual a competem, enquanto os professores de Educação Física se restringem a ensiná-la em seus aspectos puramente procedimentais. Por que será que isso acontece? Não teriam os professores subsídios para trabalharem com este conteúdo?

Diante tais questionamentos, é possível afirmarmos que a história do esporte é de grande importância para os educadores físicos por diversos motivos. Por exemplo, no atletismo, a técnica utilizada na atualidade pode ser conhecida e explicada por meio de sua evolução histórica, já que do simples e natural movimento da corrida foram inseridos movimentos técnicos visando à melhora da performance do atleta.

Em suma, é possível dizer que tudo o que acontece no mundo do atletismo tem uma explicação histórica. Por meio da história dessa modalidade esportiva é possível entender o porquê de cada mudança nas regras, na técnica, nos implementos, no vestuário, na estrutura da competição, entre outras mudanças ocorridas ao longo do tempo e que fazem do atletismo o que é atualmente.

Resgatando sua história é possível identificarmos as circunstâncias de sua origem; seus objetivos; onde e por quem foi e é praticado, entre outras coisas que encontram resposta em sua história e que podem, por exemplo, auxiliar na solução de problemas atuais e presentes em aulas de Educação Física, como é o caso da falta de material e de espaço físico para a sua prática.

Observando a história das corridas de velocidade, nos certificamos que a saída baixa começou a ser realizada antes mesmo da invenção do bloco de partida. Naquela época, o apoio para os pés eram buracos feitos na própria pista possibilitando o encaixe dos pés. Nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, é possível observar, por exemplo, o americano Jessé Owens² largando sem o bloco de partida, ao apoiar seus pés em buracos cavados na própria pista.

Tal informação pode ser muito útil aos professores de Educação Física interessados no ensino do atletismo no campo escolar. Ou seja, com base nesse episódio histórico o professor pode buscar alternativas para ensinar a saída baixa, utilizando, por exemplo, pequenos buracos no chão em substituição aos blocos de partida.

Com isso, pretendemos ampliar os conhecimentos dos alunos, contribuindo para que aprendam mais do que a simples execução de movimentos técnicos, tão comuns a dimensão procedimental dos conteúdos. Assim, para além do saber fazer tão valorizado ao longo das

² Esse atleta americano e negro, venceu disputou as provas de: 100 metros rasos, 200 metros rasos, salto em distância e revezamento 4x100 metros, mostrando a Hitler e ao mundo não haver superioridade de nenhuma raça.

aulas de Educação Física,³ esperamos contribuir, com essa pesquisa, para o saber sobre a cultura corporal a que se remete Darido (2005).

Por meio de projeto piloto realizado em uma escola pública de Rio Claro em 2006⁴, observamos, por exemplo, que é possível aplicar esse conteúdo em aulas de Educação Física, aumentando, inclusive, a motivação por parte dos alunos.



Figura 1: Imagem de alunos participantes do Projeto Piloto em 2006.

Além disso, observamos a necessidade de aprofundamento e registro da história das corridas de velocidade, em especial, dos 100 metros rasos, considerando a relevância do tema, a escassez de material acerca de sua história, a falta de confiabilidade de alguns dados, além das grandes lacunas entre os episódios concernentes a essa prova do atletismo.

Conforme apontou Matthiesen (2009) a história do atletismo acaba se limitando a pequenas introduções em livros voltados aos ensinamentos técnicos, normativos ou de treinamento, sem haver contextualização histórica que propicie o conhecimento da prova tal qual ela é. Assim, de tão sucintas, as informações históricas presentes nos livros de atletismo não ajudam os professores a inserí-las em suas aulas.

Com isso, o ensino do atletismo, desde sua iniciação até o treinamento mais avançado, ocorre sem que se conheça a evolução histórica de suas provas. Em outras palavras, diríamos que a técnica da corrida nem sempre foi a mesma, ainda que um atleta se limite a executar, com tanto rigor, um mesmo movimento repetidas vezes, sem saber como e porquê isso ocorre ou como se chegou a esse resultado. Assim, na maioria das vezes, técnicos, atletas e professores de Educação Física não conhecem a história e evolução das provas que ensinam

³ Em pesquisa realizada por Darido (2003), a partir da observação de aulas de sete professores com pós-graduação fica evidente a falta de tradição no desenvolvimento de conteúdos na dimensão conceitual, já que apesar dos professores considerarem os conhecimentos acadêmicos importantes de serem desenvolvidos nas aulas, isso não aconteceu efetivamente em suas práticas pedagógicas.

⁴ Esse trabalho integrou o Projeto do Núcleo de Ensino “Atletismo se aprende na escola”, coordenado pela Professora Dra. Sara Quenzer Matthiesen apoiado pela Prograd/Unesp em 2006.

ou praticam. Mas, esse não é - ou deveria ser – um dos conteúdos a serem trabalhados pelos profissionais de Educação Física?

Talvez, o que falte seja uma boa fonte bibliográfica capaz de levar ao conhecimento e ao trabalho com a história do atletismo, já que as que existem não trazem muitas informações sobre o assunto. Para se obter informações mais específicas é preciso recorrer a diversos livros de atletismo, muitos dos quais estrangeiros, ou a livros sobre outro assunto que juntos nos dêem uma pequena idéia dessa evolução, ou seja, de como as coisas aconteceram.

Considerando o ineditismo desse trabalho, integrante das pesquisas desenvolvidas pelo GEPPA – Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo nos últimos anos, vale ressaltar que não há, de forma sistematizada, nenhum material bibliográfico que auxilie o professor de Educação Física a ensinar a prova dos 100 metros rasos a partir dessa perspectiva histórica, razão pela consideramos ser esse um trabalho de fundamental importância para a área de Educação Física.

2. OBJETIVO

O objetivo dessa pesquisa é resgatar a história da corrida de velocidade, em especial dos 100 metros rasos. Com isso, pretendemos concentrar todas as informações históricas possíveis em um único material, como forma de motivar o professor de Educação Física a ensiná-la a partir da vivência dos movimentos realizados em tempos passados até chegar aos movimentos utilizados na atualidade.

3. METODOLOGIA

3.1. Definição

Segundo Magalhães (2005):

A palavra grega *methodos* vem da justaposição de *meta* e *hodos*, ou seja, 'através ou ao longo do caminho'. Metodologia seria, portanto, o estudo ou a ciência do caminho, se pretendendo que este seja uma trilha racional para facilitar o conhecimento, além de trazer implícita a possibilidade de, como caminho, servir para que diversar pessoas o percorram, isto é, que possa ser repetidamente seguido. Quando se usa a expressão 'método científico', o que se quer designar é, geralmente, a estrutura da parte do processo de conhecimento em que são elaboradas e testadas hipóteses que dizem respeito à ciência. Uma generalização disso é descrição e busca de caminhos para resolver problemas, que até no senso comum acabam tendo uma 'metodologia' (p. 226).

Por meio dessa definição, entendemos que precisamos de uma caminho para resolver o nosso problema. No caso dessa pesquisa, nosso problema está em como resgatar a história de uma prova do atletismo. Saber quando ela se originou; como se originou; por quais mudanças passou ao longo da história; que influências sofreu; quais foram os fatos marcantes etc.

Isso nos levou a Ruiz (1996), que nos ajudou a dar um rumo mais preciso à nossa pesquisa, ao remeter-se às características de uma pesquisa bibliográfica.

As produções humanas foram comemoradas e estão guardadas em livros, artigos e documentos. Bibliografia é o conjunto dos livros escritos sobre determinado assunto, por autores conhecidos e identificados ou anônimos, pertencentes a correntes de pensamento diversas entre si, ao longo da evolução da Humanidade. E a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica (p. 58).

Com isso, percebemos que deveríamos procurar produções humanas que relatem os acontecimentos do atletismo, em especial dos 100 metros rasos. De uma maneira geral, as produções a respeito desse tema poderiam nos ajudar nesse resgate histórico.

Com isso percebemos que nossa pesquisa teria um caráter bibliográfico, mas foi Lakatos (2000) quem nos auxiliou na definição do método histórico:

‘Promovido por Boas. Partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função. Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual por meio de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações.

Exemplos: para compreender a noção atual de família e parentesco, pesquisa-se no passado os diferentes elementos constitutivos dos vários tipos de família e as fases de sua evolução social; para descobrir as causas da decadência da aristocracia cafeeira, investigam-se os fatores socioeconômicos do passado’[Lakatos, 1981:32] (p.91).

Nesse sentido, Parra Filho e Santos (1998) nos ajudaram a perceber alguns aspectos fundamentais para a realização de uma pesquisa dessa natureza. Para eles:

[...] É importante que o pesquisador tenha um espírito crítico e seja obstinado no sentido de obter a verdade, confrontando afirmações com a realidade material existente. O testemunho também pode ser obtido de forma escrita, em documentos e em outras formas de registro (p.120).

3.2. Desenvolvimento da pesquisa

Caracterizada como uma pesquisa histórico-bibliográfica, essa pesquisa teve como finalidade resgatar e comprovar a veracidade das informações acerca da evolução histórica das corridas de velocidade, em especial da prova dos 100 metros rasos, desde a Grécia Antiga - onde outra distância era disputada -, até as competições atuais.

Com tanto tempo de existência muitas mudanças ocorreram nas corridas de velocidade. Por exemplo, na Grécia Antiga a prova masculina mais curta e rápida era de 192,27 metros – o stádion - , hoje ela é representada pelos 100 metros rasos; atualmente as mulheres disputam a mesma distância que os homens e, muitas vezes, na mesma competição, fato que não ocorria antigamente. Esses são apenas dois pequenos exemplos das diversas modificações que ocorreram durante toda a história da prova e é exatamente essa evolução que esta pesquisa procurará resgatar.

Para tanto foi realizada uma vasta pesquisa bibliográfica no acervo das bibliotecas públicas (USP, UNESP e UNICAMP) e sites da Internet que dispunham de informações acerca da história do atletismo, de atletas de renome, entre outras coisas.

Entretanto, vale registrar algumas dificuldades encontradas nesse processo de coleta de informação. Poucos são os registros históricos dessa prova, muitos dos quais em línguas estrangeiras ou sites de internet, dificultando o acesso e a veracidade das informações respectivamente.

Os dados coletados, registrados nesta pesquisa, pretendem, em última instância, contribuir não apenas para um resgate histórico da prova dos 100 metros rasos de atletismo, mas servir como subsídio para o seu ensino, sobretudo no campo escolar, onde deveria ser trabalhada como parte do conteúdo a ser desenvolvido em aulas de Educação Física.

Com base em fontes documentais, essa pesquisa, inédita na área do atletismo, procurará resgatar a história dos 100 metros rasos, passo a passo, servindo como subsídio para o trabalho de profissionais de Educação Física, além de ampliar os conhecimentos de outros interessados nesse campo.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados provenientes dessa pesquisa serão divididos em 3 partes. Na primeira parte abordaremos a história da corrida de velocidade, desde sua primeira aparição nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, com a corrida chamada stádion de 192,27 metros, até a atual prova dos 100 metros rasos – foco principal desse trabalho – disputada nos atuais Jogos Olímpicos.

Vale lembrar que nos baseamos nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga e da Era Moderna para delinear parte dessa história. Além disso, procuramos resgatar essa evolução em relação às mulheres, visto que essa participação aconteceu apenas alguns anos depois da participação masculina. Outro ponto importante a ser abordado diz respeito à participação brasileira nessa prova.

Na segunda parte, procuraremos apontar as principais modificações que aconteceram na história dos 100 metros rasos como: a saída baixa, o bloco de partida, o vestuário, a largada, a evolução técnica e a chegada. Além disso, procuramos reunir algumas informações importantes acerca dos principais atletas, tanto dos 100 metros rasos masculino como dos 100 metros rasos feminino.

Por fim, na última parte, procuramos resgatar e analisar a evolução dos tempos/recordes dos 100 metros rasos masculino e feminino.

4. 1. Sobre a história das corridas de velocidade

A corrida é o meio natural mais rápido que o homem possui para poder se locomover. Talvez, por isso, a corrida tenha sempre estado presente na história, ainda que com formas e objetivos diferentes. Na Grécia Antiga, por exemplo, observamos sua presença desde os I Jogos Olímpicos, permanecendo na programação das provas do atletismo, também nos Jogos Olímpicos da Era Moderna (GRIFI, 1989). Entretanto, segundo Juncosa Gual (1971), a primeira corrida de velocidade disputada na história surgiu antes dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga:

La primera carrera de velocidad – según Homero – dataría del año 1496 antes de J. C., cuando Hércules organizó una carrera para sus cuatro hermanos, Epidemos, Idas, Peongos y Iasus. Para ponerlos en la prueba, trazó el “Temenos”, recinto público donde se debían celebrar más tarde, mucho más tarde, los Juegos Olímpicos, cada cuatro años.

Como medida, utilizó su pie que posó alternativamente sobre el suelo seiscientos veces en un sentido y en otro. Así nació el “estadio”, unidad de medida deportiva de la antigüedad (p.5).

Silva (1978) confirma esses dados, dizendo que a primeira corrida de velocidade surgiu em 1496 a. C.:

Segundo Homero, a primeira referência de uma prova de corrida como prova atlética, dataria do ano 1496 a. C., organizada por Hércules. Diz a lenda que Hércules, depois de peregrinar pelo mundo, realizando proezas incríveis, radicou-se na ilha de Creta, aí construindo um estádio. Nele realizava competições de corridas com outros simpatizantes (p. 11).

Mais tarde essa corrida de velocidade seria disputada nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga. Conhecida como “*stádion*” ou “*estádio*” essa corrida, realizada, conforme ilustram as figuras 2 e 3, em linha reta por aproximadamente 192,27 metros, também conhecida como “*dromo*”(GODOY, 2001, p.76-77).



Figura 2: Vista do stádion de Olímpia (CABRAL, 2004, p. 105).



Figura 3: Vista aérea de Olímpia, em que é possível observar o local (borda superior) onde era disputado o stadion.⁵

Referindo-se a figura 2, Cabral (2004) observa tratar-se do stádion de Olímpia, na atualidade, lembrando que:

É datado da metade do século IV a. C. e tem 192,27 m, ou 600 pés olímpicos de comprimento. Os espectadores sentavam-se sobre um aterro. À direita estão os vestígios da exédra dos hellanodíkai (os assentos dos árbitros) e, à esquerda, o altar de Deméter camine (p.105).

Considerando a existência de diferentes termos, vale enfatizar que a palavra “dromo” significa “corrida” ou “rua”, enquanto que “stádion” é utilizada, na bibliografia, de três formas diferentes. Como veremos adiante, é utilizada para se referir a uma medida nacional de distância da Grécia Antiga; a edificação onde eram disputadas as provas dos Jogos Olímpicos; e como uma modalidade esportiva (GODOY, 1996, p.77). Além desses, outro nome dado a essa corrida de velocidade naquela época era aulus, ressalta Lancellotti (1996).

Ao longo da pesquisa, fomos nos certificando de que existem duas versões sobre a medida do stádion – ou, se preferirmos, dromo ou aulus -, ainda que não excludentes. A primeira considera que Hércules de Ida teria marcado um percurso correspondente a

⁵ Fonte: ANCIENT OLYMPICS. Disponível em: <http://ancientolympics.arts.kuleuven.be/picEN/slides/P0197.jpg.html>, acesso em 24/07/09.

seiscentas vezes o comprimento de seu pé para que seus irmãos o percorressem, enquanto a segunda versão diz que Hércules teria, ele próprio, corrido a distância dessa prova em um só fôlego (GODOY, 2001, p.77).

Mas é Cabral (2004) quem sustenta a afirmação de que o nome stádion era dado ao espaço de 600 pés⁶ de comprimento em que aconteciam as competições na Grécia Antiga. Além de “extenso”, para que os corredores conseguissem alcançar sua maior velocidade, esse espaço precisava ser “largo”, para que muitos atletas pudessem competir juntos. Portanto, o lugar em que o stádion era disputado deveria ser plano, retangular e extenso. Logo, o nome deste lugar (“estádio” ou “stádion”) foi concedido à prova esportiva em questão.

Essa corrida de velocidade também era disputada em outras competições na Grécia Antiga. Com isso, a medida do stádion sofria certa variação de uma pista para outra, pois a unidade de medida utilizada, o poûs (“pé”), diferia de um local para outro. Cabral (2004) detalha essa diferença dizendo que:

Os 600 pés representavam a distância de 192,28 metros em Olímpia; 191,39 em Priene; 184,96 metros em Atenas; 181,30 em Epidauro; 177,55 em Delfos; e 177,36 em Mileto. Os corredores de Delfos tinham de correr, portanto, 14,73 metros a menos que os de Olímpia, fato que não tinha importância alguma em uma época em que se desconhecia o cronômetro e não havia o registro de recordes (p.177).

Para que se tenha uma ideia do local em que essa corrida de velocidade era disputada, vejamos as figuras 4, 5, 6, 7 e 8.



Figura 4: Stádion de Delfos dos Jogos Pítios.⁷

⁶ Ou seja, 192,27 metros.

⁷ Fonte: RIBEIRO JR., W.A. **O vaso dos corredores**. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. Disponível em www.greciantiga.org/iniciantes.asp?num=0362. Consulta: 24/7/2009.



Figura 5: Vista aérea do stádion de Delfos.⁸

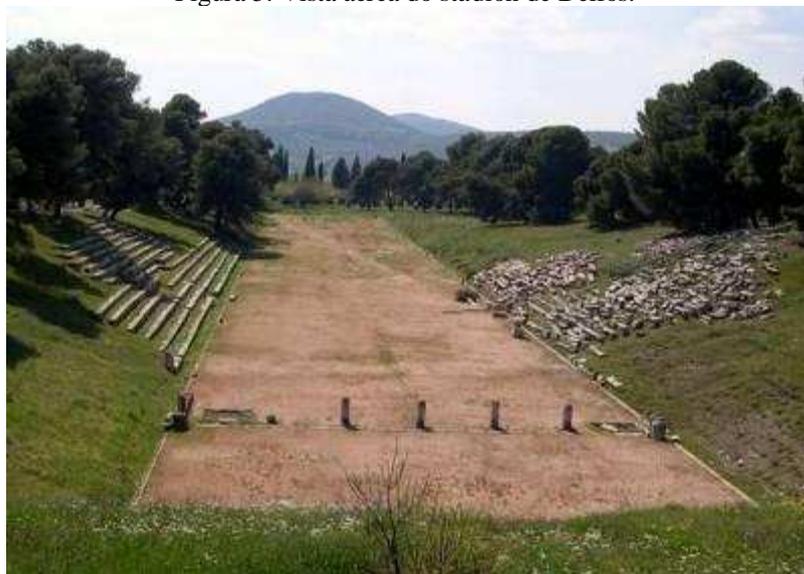


Figura 6: Stádion de Epidauro.⁹



Figura 7: Stádion de Rodas.¹⁰

⁸ Fonte: DEARQUEOLOGIA. Disponível em: http://www.dearqueologia.com/santuario_delfos4.htm, acesso em 24/07/09.

⁹ Fonte: PANORAMIO, **Foto de Stadium in Epidauros.** Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/3894567>, acesso em 24/07/2009.



Figura 8: Stádion de Neméia, onde eram disputados os Jogos Nemeanos.¹¹

Segundo Juncosa Gual (1971), a medida do stádion foi descoberta no século XIX:

Se tuvo que esperar el siglo XIX para que arqueólogos alemanes exhumasen las ruinas de Olimpia para saber que Hércules calzaba el 44 y que el estadio medía 192,27 m. Esta medida no era por otra parte muy fija puesto que el de Delfos no medía de hecho más que 177,92 metros (p. 5).

Apesar de existir em outras competições, o stádion foi disputado primeiramente em Olímpia como parte de um evento esportivo, no ano de 776 a.C., quando integrou a programação dos Jogos Olímpicos. Neste ano, apenas essa corrida foi disputada. Com o tempo, outras provas foram sendo incorporadas, dentre elas, uma outra corrida, o diaulos, que correspondia a duas vezes a medida do stádion, ou seja, 384,54 metros (LANCELLOTTI, 1996).

¹⁰ Fonte: RHODES PRIVATE TOURS. Disponível em: http://www.rhodesprivatetours.com/images/New_Town/set_11/site_042_mod_small.jpg, acesso em 24/07/09

¹¹ Fonte: ANCIENT OLYMPICS. Disponível em: <http://ancientolympics.arts.kuleuven.be/picEN/slides/P0424.jpg.html>, acesso em 24/07/09.

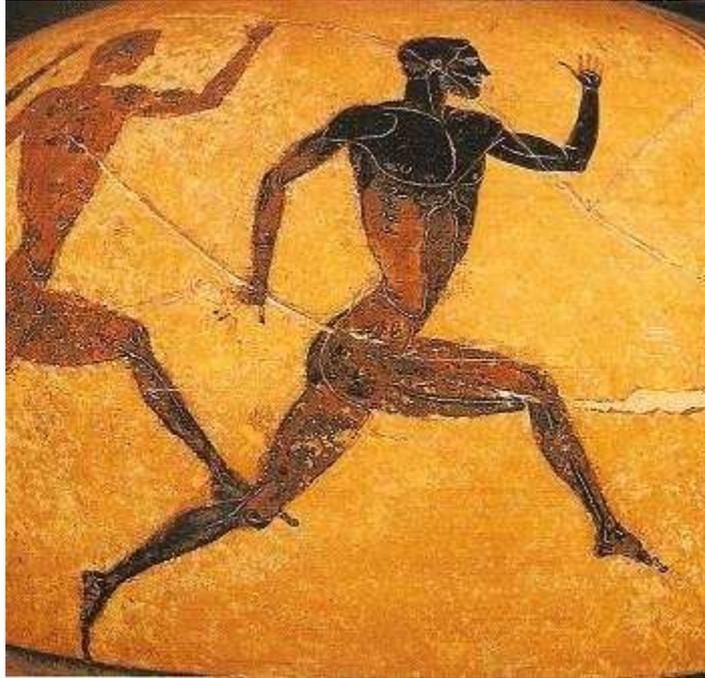


Figura 9: Corredor do stádion (CABRAL, 2004, p. 182).

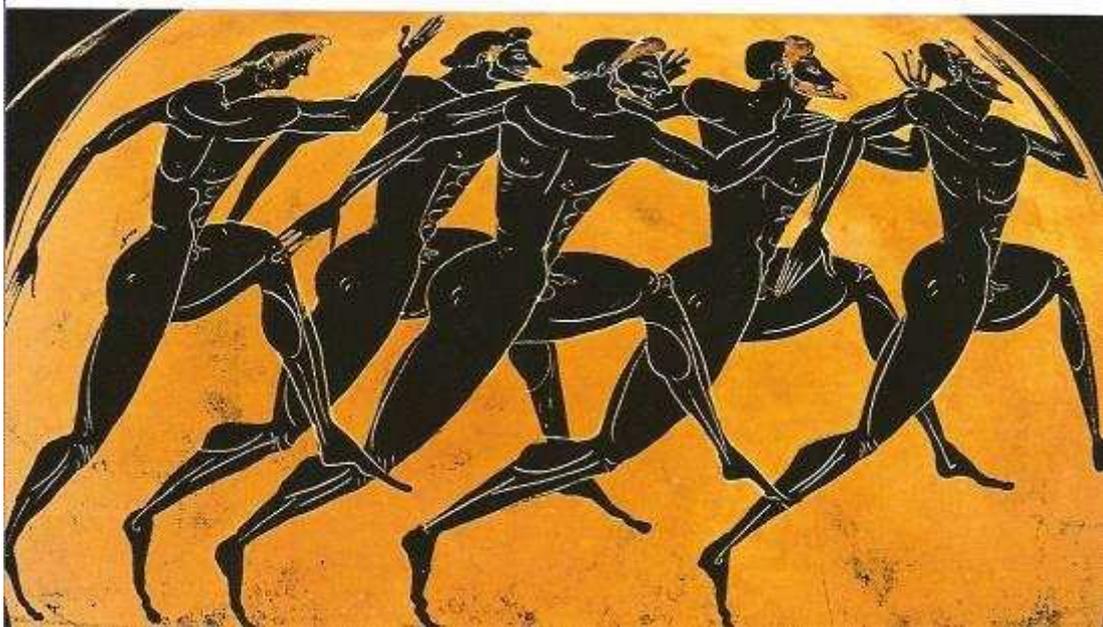


Figura 10: Imagem da prova do stádion (CABRAL, 2004, p. 182).

De acordo com Cabral (2004), essa corrida de velocidade foi a única prova disputada nos 13 primeiros Jogos Olímpicos da Grécia Antiga.

Vale observar que durante muito tempo, os Jogos Olímpicos foram realizados e organizados pelos gregos até que os romanos dominaram a Grécia. Mesmo assim, os jogos continuaram sendo realizados de quatro em quatro anos. Com isso, outras provas foram incorporadas enquanto as antigas e famosas corridas e lançamentos foram sendo deixados de

lado, como nos conta Godoy (1996): “...as corridas rasas e os lançamentos de dardo ou disco provocavam zombaria dos espectadores.” (p. 110). Isso acontecia porque as atividades violentas, tais como as lutas, começaram a ficar mais populares que as outras atividades mais tradicionais para os gregos como as corridas.

Isso contribuiu para que os Jogos Olímpicos perdessem força, até deixarem de ser disputados a partir de 369 d.C..

Depois dessa data, os únicos registros sobre corridas de velocidade encontrados são provenientes da internet, mais precisamente do site Uol, que enfatiza que:

Por volta do ano 1154, provas atléticas começaram a ser praticadas em Londres, apesar da proibição real para todo esporte que interferisse na prática da arqueria, necessária para o aprimoramento guerreiro. Mais tarde, provas de atletismo foram permitidas, desde que com autorização expressa do rei.¹²

Além desse registro, Juncosa Gual (1971), refere-se a dois tipos de corrida de velocidade, 100 e 200 jardas, dizendo o seguinte:

El sprint moderno aparece en Gran Bretaña en 1812, primeira reunión para aficionados en el Colegio Real militar de Great Marlow. Iniciativa sin mañana desde luego a causa de las guerras napoleónicas. No se reanudó la prueba hasta 1837. En los dos casos, los iniciadores habían elegido la distancia de 100 yardas (91,44 metros).

A partir de esta época, regular o episódicamente, se organizaron pruebas sobre 100 yardas y sobre 200 yardas, [...] (p. 6).

Podemos observar no site HickokSports.com, os tempos de provas de 100 jardas masculino datadas de 1876, disputadas nos Estados Unidos, como mostra a figura 11, revelando que nessa época já havia competição organizada de corridas de velocidade:

¹² Fonte: UOL, olimpíadas. Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/2008/modalidades-olimpicas/atletismo/>, acesso em 05/10/08.

The screenshot shows a web browser window with the URL <http://www.hickoksports.com/history/usmotrk1.shtml>. The page title is "100-Yard Dash". The table below lists the winners and their times for each year from 1876 to 1898.

Year	Champion	Time
1876	Fred Saportas	10.5
1877	Charles McIvor	10.5
	2-Fred Saportas	
1878	William Wilmer	10.0w
1879	Beverly Value	10.6
1880	Lon Myers	10.4
1881	Lon Myers	10 1/4
1882	Arthur Waldron	No Time
1883	Arthur Waldron	10 1/4
1884	Malcolm Ford	10.8
1885	Malcolm Ford	10.8
1886	Malcolm Ford	10.4
1887	Charles Sherrill	10.4
1888	Fred Westing	10.0
1888	Fred Westing	10.4
1889	John Owen	10.4
1890	John Owen	9.8
1891	Luther Cary	10.2
1892	Harry Jewett	10.0
1893	Charles Stage	10.2
1894	Tom Leo	10.2
1895	Bernie Wefers	10.0w
1896	Bernie Wefers	10.2
1897	Bernie Wefers	9.8
1898	Frank Jarvis	10.0

Figura 11: “U. S. Men's Outdoor Track & Field Championships”¹³

Isso evidencia a existencia de competições de corridas de velocidade desde 1876, ano em que foi disputada outra corrida de velocidade, uma prova de 440 jardas, vencida por Edward Merritt com o tempo de 54”5. No ano seguinte, 1877, outra corrida de velocidade foi disputada, a prova de 220 jardas, sendo que, conforme ilustra a figura 12, em 1899, a corrida de velocidade em linha reta, era disputada por homens.

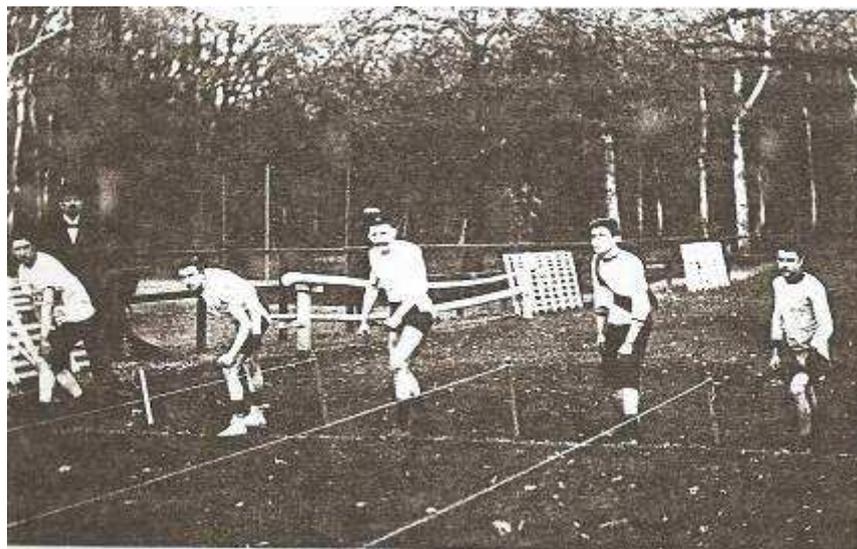


Figura 12: Prova de corrida no ano de 1899 (VIGARELLO, 1988, p. 28).

¹³ Fonte: HICKOKSPORTS.COM. **History** – U.S. Men’s Outdoor Track Champions – Track Events. Disponível em: <http://www.hickoksports.com/history/usmotrk1.shtml>, acesso em 03/06/09.

Entretanto, antes disso, em 1894, o Barão de Coubertein, ilustrado pela figura 13, realizou seu sonho de reviver as competições olímpicas interrompidos por longos anos. Em 1896, constituiu-se o Comitê Olímpico Internacional (COI), responsável pela organização dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna em Atenas, ilustrado pela figura 14. Com a participação de 13 países e 311 atletas homens, já que as mulheres não podiam participar, dos 9 esportes disputados, um era o atletismo, cujas competições começaram com as provas de corrida, mais precisamente, com as três eliminatórias dos 100 metros rasos (BARBOSA, 1979).



Figura 13: Pierre Coubertein¹⁴

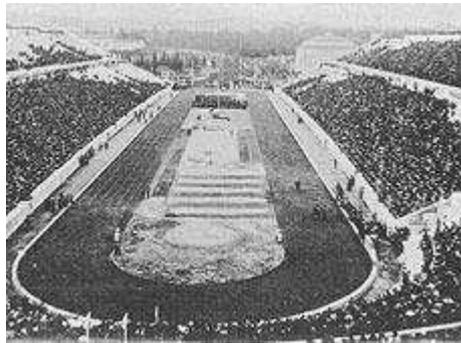


Figura 14: Jogos Olímpicos de Atenas em 1896.¹⁵

A corrida de velocidade nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna foi, portanto, representada pelas provas de 100 e 400 metros rasos. Nessa ocasião, a prova mais próxima ao stádion foi a corrida dos 100 metros rasos, cuja final é ilustrada na figura 15.

¹⁴ Fonte: DEPORTES OLÍMPICOS, **Atletismo**, disponível em: www.todo-olimpiadas.com, acesso em 09/03/2008.

¹⁵ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/games/past/index_uk.asp?OLGT=1&OLGY=1896, acesso em 19/02/2008.

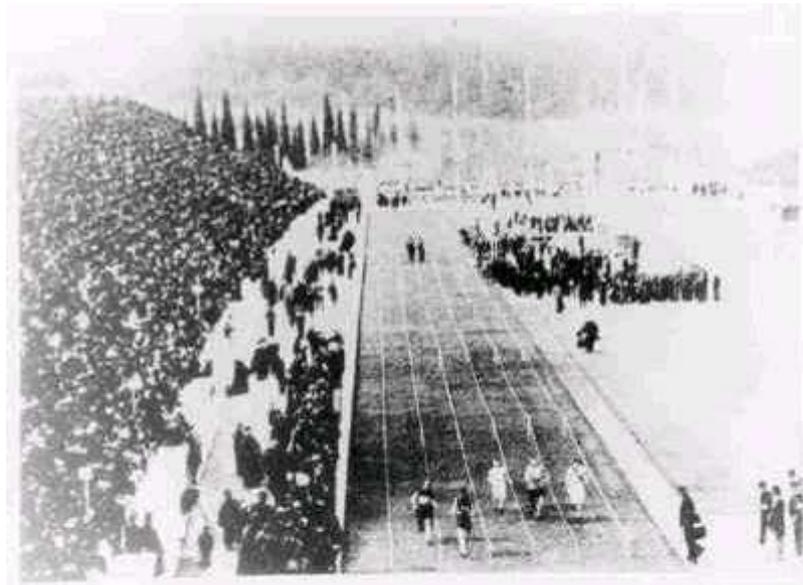


Figura 15: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de 1896.¹⁶

Nessa primeira edição dos 100 metros rasos em Jogos Olímpicos da Era Moderna, aconteceu algo que mudaria o estilo de largada da prova, conforme relembra Lancellotti (1996):

Invariavelmente inventivos, os norte-americanos introduziram em Atenas um estilo de largada que fascinou os europeus – todos os seus atletas impulsionavam o corpo, na partida, agachados no chão. Graças ao impacto da visão, que surpreendeu os adversários, Francis Lane, de Princeton, venceu a primeira prova dos Jogos de Atenas, uma das eliminatórias dos 100 metros, com o tempo de 12”02 (p.8).

Na final dessa mesma prova, Thomas Burke realizou uma saída diferente dos demais finalistas. Esse foi o primeiro registro fotográfico de uma saída baixa em Jogos Olímpicos (figura 96). A partir desse momento, muitos outros atletas começaram a utilizar esse tipo de saída, hoje obrigatório para as provas de velocidade (LANCELLOTTI, 1996).

Segundo esse mesmo autor, Thomas Burke, vencedor da final dos 100 metros rasos com o tempo de 12 segundos, também ganhou os 400 metros rasos, executando, mais uma vez, a saída baixa.

Nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1900, foram disputadas mais duas provas de velocidade: os 60 metros e os 200 metros rasos. Com isso, nesse ano, foram quatro as corridas rasas de velocidade integrantes da programação olímpica, quais sejam: 60 metros, 100 metros, 200 metros e 400 metros rasos. Nas três provas mais rápidas, o norte-americano John W. Tewksbury conseguiu o segundo lugar nos 60 e 100 metros rasos, além de conquistar a

medalha de ouro nos 200 metros rasos. Além disso, esse norte-americano¹⁷ conquistou a medalha de bronze nos 200 metros com barreiras e o ouro nos 400 metros com barreiras. Segundo Lancellotti (1996), o australiano Stanley Rowley ficou com o bronze nas três provas de corrida de velocidade, sendo que o vencedor dos 100 metros rasos foi Frank Jarvis, representado pela figura 16.



Figura 16: Frank Jarvis¹⁸

Já nos Jogos Olímpicos de 1904, em St. Louis, foram realizadas as quatro provas de corridas rasas de velocidade - 60, 100, 200 e 400 metros rasos – cujo ouro foi conquistado pelo norte-americano Archibald Hahn nas três primeiras.



Figura 17: Archibald Hahn ou “O meteoro de Milwaukee”¹⁹

O norte-americano Myer Pristein, prata e ouro no salto em distância e triplo respectivamente, nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1900, além de ter conquistado o ouro nessas duas provas nos Jogos Olímpicos de 1904, ainda se inscreveu na prova dos 60 metros rasos, ilustrada pela figura 18, conquistando a 5ª. colocação.

¹⁶ Fonte: SABERWEB. Disponível em: <http://www.saberweb.com.br/esportes/atletismo/>, acesso em 02/06/09.

¹⁷ Nesses Jogos Olímpicos, das 12 medalhas em disputa nas provas de corrida de velocidade, 7 foram conquistadas pelos norte-americanos.

¹⁸ Fonte: WIKIPÉDIA, THE FREE ENCYCLOPEDIA, disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Frank_Jarvis, acesso em 27/05/2009.

¹⁹ Fonte: WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE, disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Archie_Hahn, acesso em: 27/05/2009.

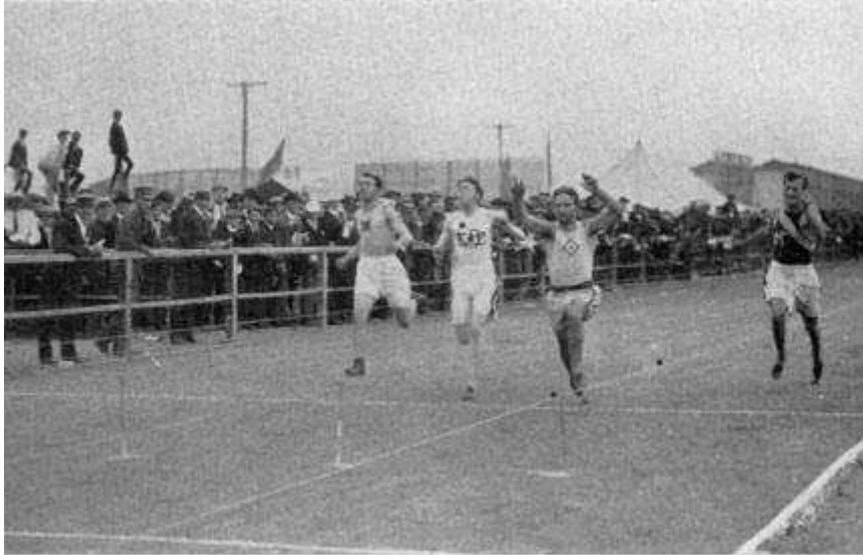


Figura 18: Final dos 60 metros rasos dos Jogos Olímpicos de 1904.²⁰

Nesses mesmos Jogos Olímpicos os organizadores decidiram realizar a prova de 400 metros rasos sem eliminatórias, razão pela qual os 13 inscritos largaram todos juntos em linhas reta, como pode ser visto na figura 19.



Figura 19: Prova dos 400 metros rasos nos Jogos Olímpicos de 1904.²¹

Os registros históricos evidenciam que os Jogos Olímpicos de ST. Louis, em 1904, os norte-americanos, maioria nas provas, lideraram as corridas de velocidade, conquistando as

²⁰ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

12 medalhas em disputa. Vale ressaltar que nas provas de 60 e 400 metros rasos apenas 3 países participaram, enquanto que nos 100 e 200 metros rasos apenas 2 tiveram essa oportunidade.

Outro fato curioso ocorrido durante esses Jogos Olímpicos diz respeito à penalidade utilizada para a saída falsa. Lancelloti (1996) destaca que:

Muito franzino para os padrões e exigências dos 200 metros, Archie Hahn sabia compensar sua fragilidade com malícia. Adorava provocar, através de falsos movimentos de corpo, a largada falsa de seus adversários. De fato, na prova dos 200 metros de St. Louis, conseguiu que os três outros finalistas disparassem antes do tiro de partida. De acordo com as regras primitivas daqueles tempos, o atleta que queimasse a largada era punido com um atraso de um metro na linha de saída. Vantagem do regulamento à parte, Hahn bateu o vigoroso Nathaniel Cartmell por duas jardas de diferença e anotou um novo recorde nos jogos (p.33).

Nos Jogos Olímpicos seguintes, em Londres, em 1908, aconteceram apenas três provas de corridas de velocidade: 100, 200 e 400 metros rasos, evidenciando a exclusão da prova dos 60 metros rasos da programação olímpica do atletismo. Nessa ocasião, o vencedor da prova dos 100 metros rasos foi o sul-africano Reginald Walker.



Figura 20: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1908, com Reginald Walker (à direita) como o vencedor.²²

Lancelloti (1996) destaca que nesses Jogos Olímpicos ocorreram 20 eliminatórias até a decisão final dos 100 metros rasos, quando apenas 4 atletas correram. De fato, no ano de

²¹ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

²² Fonte: LIFE. Disponível em: <http://www.life.com/image/3315880>, acesso em 27/05/09

1908, o número de participantes das provas de velocidade aumentou consideravelmente, conforme demonstra o quadro 1.

Jogos Olímpicos	Atletas inscritos nos 100 metros	Atletas inscritos nos 200 metros	Atletas inscritos nos 400 metros
Atenas – 1896	15	-----	7
Paris – 1900	20	15	16
St. Louis – 1904	13	7	13
Londres – 1908	57	43	36

Quadro 1: Número de atletas inscritos nas provas de 100, 200 e 400 metros rasos nos Jogos Olímpicos de 1896 a 1908.

Um outro aspecto referente à organização das eliminatórias dos 100 metros rasos, dessa vez, durante os Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, merece ser destacado. Nessa ocasião, foram doze as séries classificatórias e seis as semifinais, das quais apenas um atleta se classificava para a grande final (LANCELLOTTI, 1996).

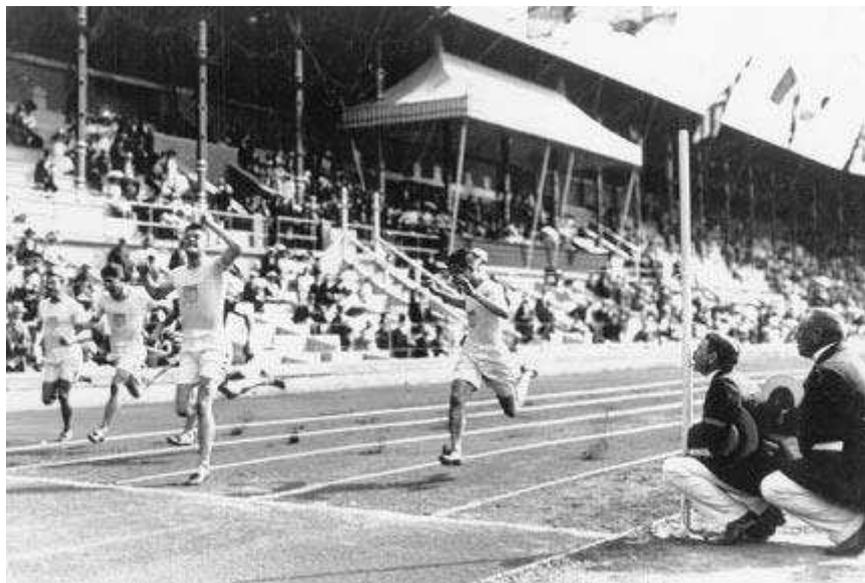


Figura 21: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Estocolmo, 1912.²³

Os Jogos Olímpicos seguintes, que aconteceriam em Berlim em 1916, foram cancelados por causa da I Guerra Mundial. Em função disso, a próxima edição dessa competição aconteceu em 1920, na Antuérpia. Nesse ano, o grande nome dos 100 metros rasos foi Charles Paddock (figura 22), que além do ouro nessa prova, também conquistou a

²³ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

prata nos 200 metros rasos. Lancellotti (1996) conta um fato interessante que aconteceu nesse ano durante a prova dos 100 metros rasos, que mostra a falta de conhecimento científico da época:

[...] Meia hora antes da largada, Lawson Robertson, um treinador norte-americano, aproximou-se do trio de compatriotas e apontou um colega, Morris Kirksey, que sorvia um drinque de xerez com ovo cru. ‘Acho melhor vocês também tomarem’. Preocupados com a possibilidade de um fracasso, se não seguissem o modelo de Kirksey, os outros engoliram a indicação (p.89).

Paddock, um ano depois dos Jogos Olímpicos da Antuérpia, portanto, em 1921, superou o recorde mundial na prova dos 100 metros rasos com o tempo de 10”4 (recorde que seria mantido até 1930). Entretanto, nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, ficou, apenas, com a quinta colocação.



Figura 22: Charles Paddock.²⁴

Em 1927, Roland Locke superou o recorde mundial dos 200 metros rasos, que pertencia a Charles Paddock com exatos 21 segundos. Locke se tornou, então, o primeiro homem a correr os 200 metros na casa dos 20 segundos, com o tempo de 20”6, em uma pista oficial, como nos conta Lancellotti (1996):

Campeão dos Estados Unidos em 1926, um ano depois Roland Locke, um descendente de alemães, aluno da Universidade de Nebraska, bateu o recorde mundial de seu patrício Charles Paddock, 21” cravados, e se tornou o primeiro homem do planeta a correr os 200 metros na casa dos vinte segundos. Melhor: a correr numa pista oficial, oval, de quatrocentos metros

²⁴ Fonte: FRANK WYKOFF – **Track & Field**. Disponível em: <http://frankwykoff.com/semi-finals.htm>, acesso em 27/05/09.

– ou seja, a metade inicial da prova numa curva e a sua metade decisiva numa reta (p.145).

De acordo com a referência anterior, constatamos que nem todas as corridas de 200 metros rasos eram disputadas em pistas oficiais de atletismo, ou seja, em uma pista oval de 400 metros.

Nos Jogos Olímpicos de Amsterdam, em 1928, o canadense Percy Williams (que dois anos mais tarde superaria o recorde mundial de Paddock com o tempo de 10''3) ficou com o ouro nas provas de 100 e 200 metros rasos.

Na decisão dos 200 metros rasos ficou difícil determinar quem foi o segundo e terceiro colocados, por isso, os juízes recorreram ao sistema existente na época:

Por causa de problemas no procedimento de revelação das imagens do photo-finish, os fiscais resolveram promover um desempate entre o alemão e o norte-americano. Scholz, exausto e desaquecido, não aceitou. Koernig ficou com a medalha de bronze. Posteriormente, bem reveladas as fotografias, demonstrou-se que o alemão fora mesmo o terceiro, por um nariz (LANCELLOTTI, 1996, p. 146).

Essa citação nos levou a averiguar que o primeiro equipamento de photo-finish foi utilizado pela primeira vez em competições de atletismo em 1916, sendo utilizado nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928. Entretanto, esse sistema foi substituído em 1932 por um outro mais avançado, como veremos mais adiante.

Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932, mais um problema aconteceu na decisão da classificação final. Os dois norte-americanos, Thomas Tolan e Ralph Metcalfe cruzaram a linha de chegada praticamente juntos, fazendo com que os árbitros analisassem as fotografias da chegada da prova. Embora Metcalfe tenha alcançado primeiro a linha de chegada, foi Thomas Tolan que a cruzou na frente. Isso fez com que os árbitros atribuíssem a medalha de ouro a Tolan, considerando que, naquela época, a linha de chegada tinha uma espessura diferente de competição para competição.²⁵ Esse episódio foi decisivo para que a IAAF (Associação Internacional das Federações de Atletismo) e o Comitê Olímpico decidissem que em casos futuros, similares a esse, o vencedor seria quem alcançasse primeiro a linha de chegada (LANCELLOTTI, 1996, p.169).

²⁵ Ao que consta, em 1932, a medida da linha era de 5 centímetros.

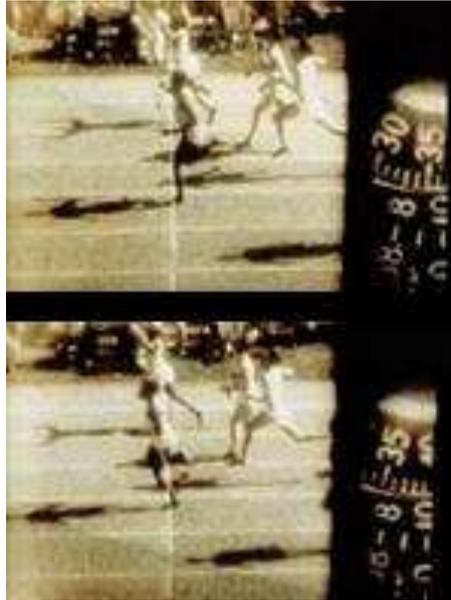


Figura 23: Imagem do photo finish da final dos 100 metros de 1932.²⁶

Quatro anos mais tarde, nos Jogos Olímpicos de Berlim, Jesse Owens igualou o recorde estabelecido por Thomas Tolan logo na eliminatória inicial, vencendo a final composta por mais cinco atletas. Owens ainda conseguiu mais três medalhas de ouro nas provas de 200 metros rasos, salto em distância e 4x100 metros.



Figura 24: Final dos 200 metros rasos de 1936.²⁷

²⁶ Fonte: OMEGA WATCHES, Los Angeles 1932. Disponível em: <http://www.omegawatches.cn/index.php?id=1072&L=>, acesso em 30/07/09.

²⁷ Fonte: GUARDIAN, Jesse Owens, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331127>, acesso em 23/07/09.



Figura 25: Prova do salto em distância nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936.²⁸



Figura 26: Jesse Owens recebendo a medalha de ouro do salto em distância, nos Jogos Olímpicos de Berlim.²⁹

Analisando a figura 27, na qual Jesse Owens está executando a saída da prova dos 100 metros rasos, podemos constatar que, naquela época, os atletas apoiavam os pés em buracos cavados no chão, já que não havia bloco de partida.

²⁸ Fonte: GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331145>, acesso em 23/07/09.

²⁹ Fonte: GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331154>, acesso em 23/07/09.



Figura 27: Largada dos 100 metros rasos de 1936.³⁰

Por meio de outros registros fotográficos, observamos que o bloco de partida na prova dos 100 metros rasos começou a ser usado nos Jogos Olímpicos de 1948, em Londres.



Figura 28: Largada dos 100 metros rasos nos Jogos Olímpicos de 1948, em Londres.³¹

³⁰ Fonte: DEPORTES OLÍMPICOS, **Atletismo**, disponível em: www.todo-olimpiadas.com, acesso em 05/12/2006.

³¹ Fonte: DEPORTES OLÍMPICOS, **Atletismo**, disponível em: www.todo-olimpiadas.com, acesso em 05/12/2006.



Figura 29: Final dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948³²

Mais uma vez houve dificuldades relacionadas à classificação dos atletas na chegada das provas de velocidade. Ao que consta, os árbitros tomavam como base o tempo de cada atleta e, só depois, recorriam às fotos das provas, como nos conta Lancellotti (1996):

Ao simples olhar, foi impossível ao fiscal mais experiente e mais preciso determinar o ganhador da prova dos 100 metros de Helsinque. Com a exceção do soviético Vladimir Sokharyev, na raia um, e do australiano John Treloar, na raia seis, todos os outros quatro contendores atravessaram a fita simultaneamente. Os organizadores, então, recorreram aos cronômetros. De novo, um quádruplo empate entre o jamaicano Herb McKenley, o britânico Mac Bailey e os norte-americanos Lindy Remigino e Dean Smith – exatos 10”4 (p.255).



Figura 30: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Helsinque, 1952. Da esquerda para direita: Treloar (AUS) 6°, Macdonald Bailey (GBR) 3°, Smith (USA) 4°, Remigino (USA) 1° e Mackenley (JAM) 2°.³³

³² Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

³³ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

Lancellotti (1996) também revela a precariedade do método de análise das fotos, afirmando que: “Foram necessários longos minutos de estudo e várias lupas para que os jurados da prova, mergulhados nos filmes e fotografias da corrida, se decidissem em favor do perplexo Remigino³⁴” (p.255).

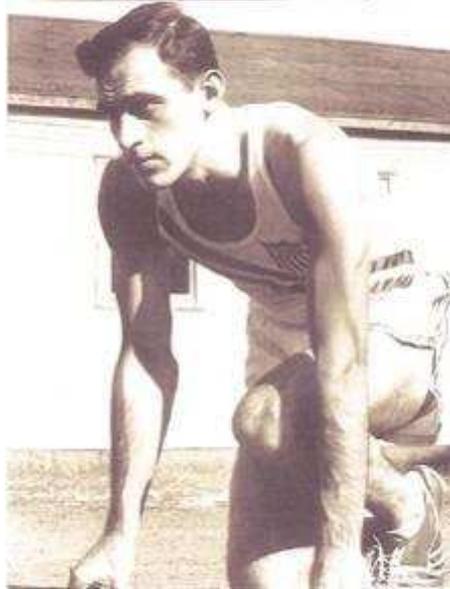


Figura 31: Lindy J. Remigino.³⁵

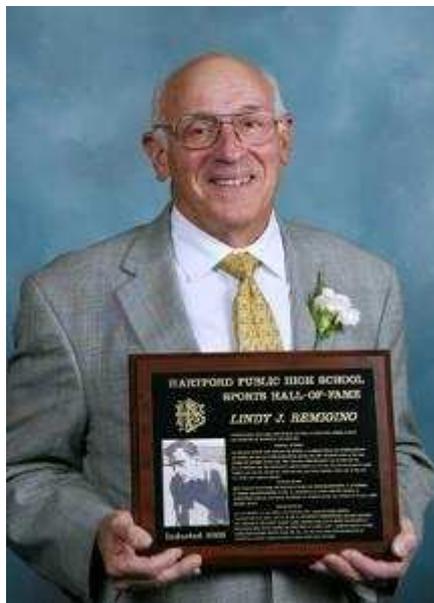


Figura 32: Lindy J. Remigino.³⁶

³⁴ Lindy Remigino era norte-americano, estudava em Hartford, Connecticut e morava em Nova York. Segundo Lancellotti (1996) Remigino era o menos cotado a vencer a prova, mesmo assim conquistou duas medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, uma nos 100 metros rasos e outra no revezamento dos 4x100 metros.

³⁵ Fonte: HARTFORD PUBLIC HIGH SCHOOL. Athletic Hall of Fame – Lindy J. Remigino. Disponível em: <http://www.hphshof.org/Inductees/2002/RemiginoLindyJ.htm>, acesso em: 25/05/09.

³⁶ Fonte: HARTFORD PUBLIC HIGH SCHOOL. **Athletic Hall of Fame – Lindy J. Remigino**. Disponível em: <http://www.hphshof.org/Inductees/2002/RemiginoLindyJ.htm>, acesso em: 25/05/09.

Nos Jogos Olímpicos de 1956, em Melbourne, o vencedor dos 100 metros rasos foi Bobby Joe Morrow, jogador de futebol americano que ganhou bolsa para estudar e jogar no Abilene Christian College. Porém, sua vontade era correr, o que logo o levou a trocar de esporte. Nas eliminatórias Morrow e outro norte-americano, chamado Ira Murchison, chegaram a marcar o tempo de 10"3. Já nas semifinais os nort-americanos marcaram 10"3 e 10"4 respectivamente. Vale lembrar que 10"3 era o recorde olímpico da época, conquistado em 1932 por Eddie Tolan. As expectativas para final eram grandes, porém um vento contra de 15 km/h fez com que o vencedor Bobby Morrow levasse a medalha de ouro com o tempo de 10"5 (LANCELLOTTI, 1996, p. 288).

Em 1960, o recorde olímpico da prova dos 100 metros rasos foi superado, depois de 28 anos. O recorde na época pertencia a Eddie Tolan, que marcou 10"3 em 1932. Nos Jogos Olímpicos de Roma o alemão Armin Hary, além de ganhar o ouro marcou 10"2 na prova. Lancellotti (1996) ressalta uma característica interessante sobre o novo recordista:

Na decisão, propositadamente, Hary queimou a largada duas vezes. Era seu truque, antecipar-se ao tiro e ao controle dos fiscais. Apostava que ninguém desclassificaria ninguém na final de Olimpíada. Na terceira chance disparou à frente e cruzou a meta à frente de David Sime, estudante de Medicina de Nova Jersey, por cerca de quarenta centímetros (p. 322).



Figura 33: Armin Hary.³⁷

Pela análise dos resultados olímpicos, verificamos que a grande novidade inserida nas corridas de velocidade dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, foi a realização das provas com a participação simultânea de oito atletas e não mais seis, como em outras edições dos Jogos Olímpicos (LANCELLOTTI, 1996).

O vencedor dos 100 metros rasos desse ano foi o norte-americano Robert Hayes, ilustrado nas figuras 35 e 36, que marcou 9"9 nas semi-finais. Esse resultado, não foi, entretanto, homologado por causa do vento forte que estava a favor. Mesmo assim, Hayes estabeleceu o novo recorde olímpico na final com o tempo de 10"00. Segundo Lancellotti (1996), depois dos Jogos Olímpicos de Tóquio, o americano trocou o atletismo pelo futebol

americano, atuando pelo Dallas Cowboys, por meio do qual recebeu o prêmio de melhor jogador de sua posição (ala-recebedor) por duas temporadas.



Figura 34: Final dos 100 metros rasos de 1964.³⁸



Figura 35: Robert Hayes como corredor de 100 metros rasos.³⁹

³⁷ Fonte: SVAROG. Disponível em: <http://nnd.svarog.org/?leto=1960>, acesso em 25/05/09.

³⁸ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8620>, acesso em 05/07/09.

³⁹ Fonte: CLEVELAND. Disponível em: http://blog.cleveland.com/sports/2008/06/_when_jamaicas_usain_bolt.html, acesso em 25/05/09

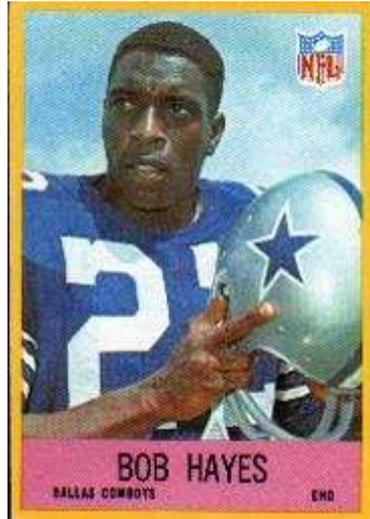


Figura 36: Robert Hayes como jogador de futebol americano.⁴⁰

O norte-americano James Hines chegou aos Jogos Olímpicos do México como o primeiro homem a percorrer os 100 metros em menos de 10". Isso aconteceu no Campeonato Estudantil dos Estados Unidos, realizado em Sacramento e no qual Hines terminou a prova com 9"9. Vale lembrar que nas semi-finais esse atleta marcou 9"8, mas sem que o recorde mundial fosse homologado, em função do vento forte que poderia ajudar no tempo dos corredores.

Nos Jogos Olímpicos, Hines não decepcionou e na final, além de ganhar o ouro, marcou 9"95 na final com a nova cronometragem eletrônica:

Hines ganhou o ouro, um metro de vantagem, o tempo eletrônico de 9"95. Como, até então, definia os primados a cronometragem manual, humana, falível, menos confiável do que o tempo eletrônico, a federação de Atletismo decidiu que o tempo de Hines seria oficializado como o novo recorde do planeta (LANCELLOTTI, 1996, p. 396).

⁴⁰ Fonte: CONWAYCORP, Receiver. Disponível em: <http://users.conwaycorp.net/tstone/receiver.html>, acesso em: 25/05/09.



Figura 37: James Hines na final dos Jogos Olímpicos do México em 1968.⁴¹

Quatro anos mais tarde, nos Jogos Olímpicos de Munique, o ucraniano, que representou a União Soviética, Valery Borzov, foi o grande nome das corridas de velocidade, ganhando o ouro nos 100 e 200 metros rasos, fato que segundo Lancellotti (1996) não acontecia desde as conquistas de Jesse Owens, em 1936. Outro dado interessante é que Borzov foi o primeiro atleta de seu país a ganhar o ouro em uma corrida de velocidade.



Figura 38: Final dos 200 metros nos Jogos Olímpicos de Munique, 1972.⁴²

⁴¹ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, Olympic Games, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

⁴² Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

Apesar de seu belo desempenho em Munique, Borzov não conseguiu manter a mesma performance, ficando com o bronze nos 100 metros rasos. O vencedor foi Hasely Crawford (figura 39), primeiro atleta a conquistar uma medalha de ouro em Jogos Olímpicos por Trinidad-Tobago. Segundo Lancellotti (1996): “Crawford se consagrou como o primeiro homem de sua pátria a conquistar um título olímpico. Virou efígie de selo, nome de avião e tema de canções, no ritmo do calypso (p.471)”. Entretanto, uma cãibra atrapalhou Hasely Crawford nos 200 metros rasos, mas, mesmo assim o atleta terminou a prova com o tempo de 1’19”60, enquanto o jamaicano medalhista de ouro, Donald Quarrie (figura 40), de apenas 21 anos, terminou-a em 20”23.

www.sporting-heroes.net



Figura 39: Hasely Crawford⁴³

⁴³ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4634>, acesso em 26/05/09.

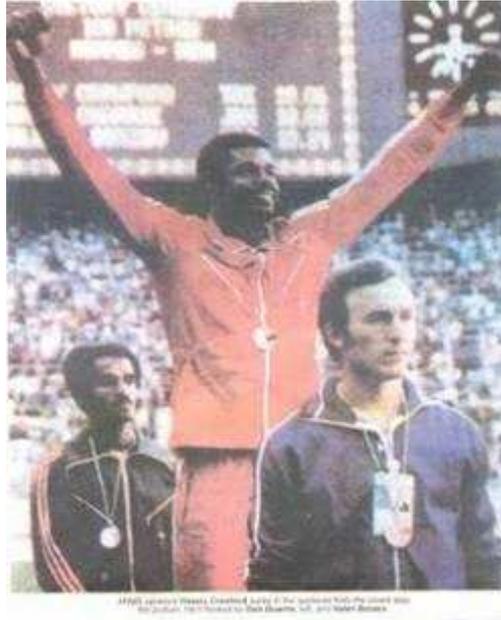


Figura 40: Donald Quarrie, Hasel Crawford e Valery Borzov (da esquerda para direita).

Nos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, a organização parece ter planejado para que o soviético Aleksandr Aksinin ganhasse a prova, enfatiza Lancellotti (1996):

O bom senso, a lógica e, principalmente os regulamentos do Atletismo determinam que, ao se montarem as séries eliminatórias de qualquer disputa da modalidade, os contendores sejam distribuídos de acordo com a hierarquia de seus tempos. Por exemplo, o dono da melhor marca compete na primeira das séries e assim por diante. Evidente e justa intenção: evitar que os craques da prova se canibalizem. Nesse cenário, chocou os inscitos dos 100 metros de Munique a aposição, em um muro do Estádio Lênin, da relação dos emparceiramentos da segunda fase da etapa de qualificação. Dos oito principais competidores, quatro apareceram na mesma chave, inclusive o campeão de 1976, Hasely Crawford, de Trinidad-Tobago. Enquanto isso, o xodó dos soviéticos, Aleksandr Aksinin miraculosamente despontava, sem nenhum adversário perigoso, em outro grupo da peleja.

Coincidência? Nada disso. Os organizadores da União Soviética fizeram o possível para proteger seus atletas em todos os cotejos do evento. Aksinin ganhou a pugna com resultado bem fraco – correspondente ao sétimo posto na chave dos sacrificados. Obteve a qualificação, porém, enquanto oponentes difíceis, como Hasely Crawford e o alemão-oriental Eugen Ray se despediam da disputa (p. 507)

Apesar disso Aksinin não chegou a ganhar uma medalha, ficando apenas, na quarta colocação. O vencedor foi o britânico Allan Wells (figura 41) com o tempo de 10”25.

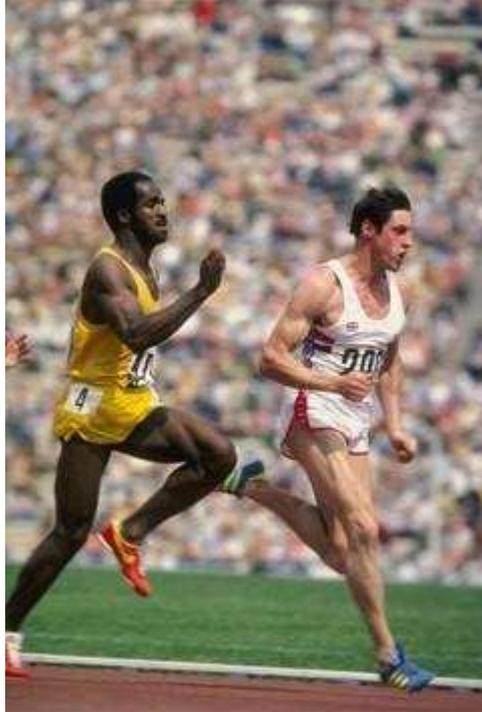


Figura 41: Allan Wells (à direita) nos Jogos Olímpicos de Moscou, 1980.⁴⁴

Em 1984 foram realizados os Jogos Olímpicos de Los Angeles, no qual Carl Lewis (figura 42) além de ganhar a prova dos 100 metros rasos, ganhou mais 3 medalhas de ouro, nas provas de 200 metros rasos, revezamento 4x10 metros e salto em distância. Lancellotti (1996) relata um fato curioso antes da primeira medalha conquistada por Lewis:

Pouco antes da final dos 100 metros de 1984, um repórter estrangeiro, menos experiente e mais entusiasmado, descobriu-se ao lado do norte-americano Carl Lewis no caminho do Coliseum de Los Angeles e lhe perguntou, num inglês abaixo de razoável: “Por que você não quebrou nenhum recorde nas eliminatórias da prova?” O norte-americano fitou o rapaz e, sem diminuir o seu passo, respondeu-lhe, brincalhão, imitando o sotaque do jornalista: “Apenas porque não foi necessário”. De fato, cerca de uma hora depois, Lewis retirou o agasalho preto com manchas em púrpura, alinhou-se com outros sete adversários na linha de partida da contenda, pacientemente se controlou quando um oponente se antecipou ao tiro de largada e enfim voou rumo à glória, a primeira de suas quatro medalhas de ouro, 2,5 metros à frente de seu amigo Sam Graddy, a maior vantagem de toda a história dos 100 metros nos jogos (p. 542).

Carl Lewis, além de ganhar as 4 medalhas de ouro, superou o recorde olímpico da prova dos 200 metros rasos com o tempo de 19”80 e o recorde mundial e olímpico da prova do revezamento 4x100 metros com o tempo de 37”83.

⁴⁴ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.



Figura 42: Carl Lewis nos 200 metros rasos em 1984.⁴⁵

Dos vários outros episódios da história da prova dos 100 metros rasos, merece destaque aquele que foi considerado como um dos maiores escândalos da história do esporte. Nos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, os favoritos à medalha de ouro eram Carl Lewis (EUA) e o canadense Ben Johnson (figura 44). Johnson abriu grande vantagem e cruzou a linha de chegada à frente do americano. Depois da prova, foi feito o exame antidoping e, na madrugada seguinte, foi constatado que um dos exames continha traços de esteróides anabolizantes. Foi feito novo teste e confirmado o uso de doping. Com isso, Benjamin ou Ben Johnson teve que devolver sua medalha que passou a pertencer ao americano Carl Lewis, segundo colocado antes da confirmação de doping. O brasileiro Robson Caetano da Silva também participou da final dessa prova e, com a re-classificação, ficou com o quinto lugar (LANCELLOTTI, 1996).

⁴⁵ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=5657>, acesso em 26/05/09.



Figura 43: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de 1988 em Seul. Da esquerda para a direita: Ben Johnson (EUA); Calvin Smith (EUA), 3º colocado; Linford Christie (GBR), 2º colocado e Carl Lewis, 1º colocado.⁴⁶

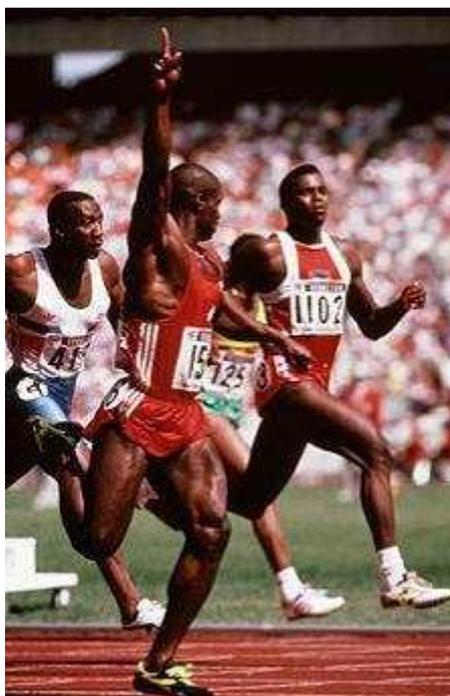


Figura 44: Ben Johnson na final dos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988.⁴⁷

Lewis ainda conquistou a medalha de prata na prova dos 200 metros rasos e o ouro no salto em distância.

⁴⁶ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

⁴⁷ Fonte: WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE, disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ben_Johnson, acesso em: 30/10/2007.



Figura 45: Medalhistas do salto em distância, todos norte-americanos. Da esquerda para a direita: Michael Powell (2°), Carl Lewis (1°) e Larry Myricks (3°).⁴⁸

Vale lembrar que nesse ano, 1988, o brasileiro Robson Caetano da Silva conquistou o melhor resultado do Brasil em provas de velocidade, uma medalha de bronze na prova dos 200 metros rasos, ficando atrás de Joe DeLoach e Carl Lewis (ambos norte-americanos).

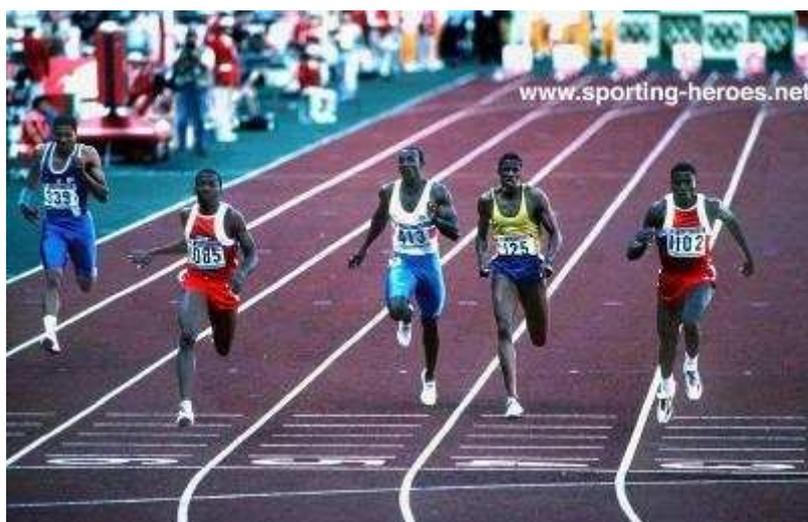


Figura 46: Robson Caetano da Silva (o segundo da direita para a esquerda) na final dos 200 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Seul, 1988.⁴⁹

O fenômeno Carl Lewis, bicampeão dos Jogos Olímpicos na prova dos 100 metros rasos, se classificou apenas em quarto lugar nas seletivas de seu país para os Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, ocasião em que seu compatriota, Dennis Mitchell, conquistou a medalha de bronze (LANCELLOTTI, 1996).

⁴⁸ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

⁴⁹ SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8090>, acesso em 26/05/09.

Apesar disso, Lewis conquistou mais 2 medalhas: uma no salto em distância e outra no revezamento 4x100 metros, com o novo recorde mundial e olímpico da equipe dos EUA com o tempo de 37"40.



Figura 47: Carl Lewis nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992.⁵⁰

O medalhista de ouro desse ano foi o britânico Linford Christie, 2º colocado nos Jogos Olímpicos de 1988 em Seul.



Figura 48: Final dos Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992.⁵¹

⁵⁰ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=5661>, acesso em 27/05/09.

⁵¹ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4562>, acesso em 27/05/09.



Figura 49: Outra visão da final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Barcelona.⁵²

Em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, nenhum norte-americano conseguiu uma medalha na prova dos 100 metros rasos. Subiram ao pódio o medalhista de bronze Ato Boldon de Trinidad-Tobago, Frank Fredericks da Namíbia que, pela segunda vez, conseguiu a prata nos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos e o canadense Donovan Bailey que estabeleceu o novo recorde mundial e olímpico com o tempo de 9"84.

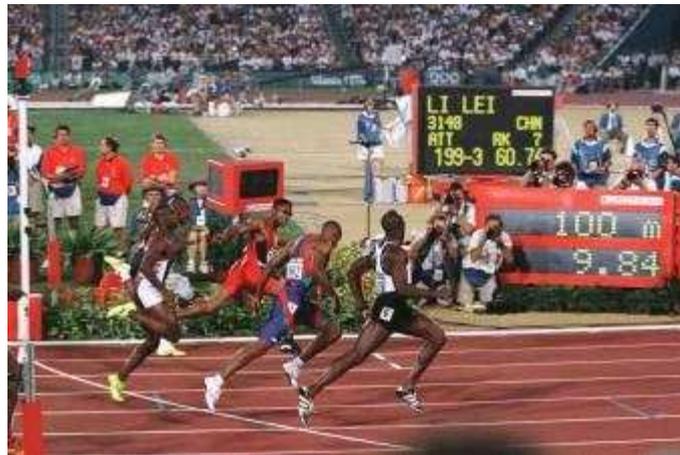


Figura 50: Final dos 100 metros rasos de 1996, com Donovan Bailey estabelecendo o novo recorde mundial.⁵³

Ainda nos Jogos Olímpicos de Atlanta, o grande astro das corridas de velocidade, o norte-americano Michael Johnson ganhou 2 medalhas de ouro, uma nos 200 e outra nos 400 metros rasos.

⁵² Fonte: MSN. Disponível em: http://encarta.msn.com/media_701765446/linford_christie.html, acesso em 27/05/09

⁵³ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4220>, acesso em 27/05/09.

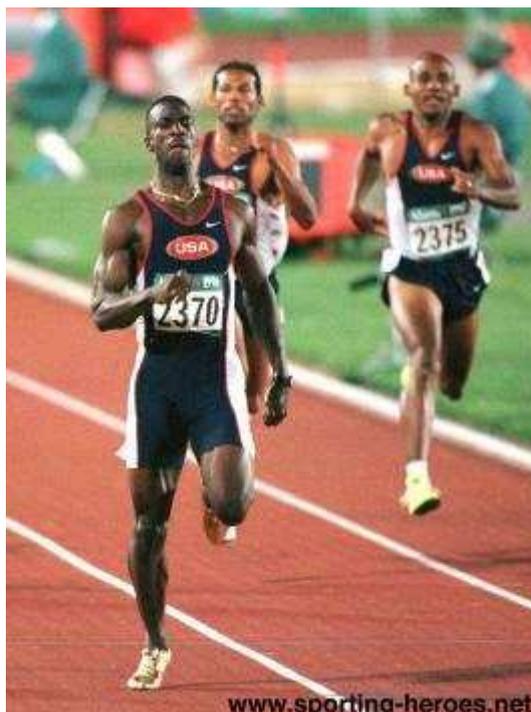


Figura 51: Michael Johnson nos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996.⁵⁴

O norte-americano Maurice Greene foi o homem mais rápido dos 100 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Sydney, 2000. Além de conquistar o ouro nessa prova, conquistou o primeiro lugar no revezamento 4x100 metros.



Figura 52: Maurice Greene leva o ouro nos 100 metros rasos dos jogos Olímpicos de Sydney, em 2000.⁵⁵

⁵⁴ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=5345>, acesso em 27/05/09.

⁵⁵ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=5074>, acesso em 27/05/09.

Michael Johnson ganhou sua quarta medalha de ouro em Jogos Olímpicos, a qual foi a segunda nos 400 metros rasos.

Os Jogos Olímpicos de 2004 foram realizados em Atenas, local em que ocorreu a primeira edição dos Jogos Olímpicos em 1896. Em ambos, o vencedor da prova dos 100 metros rasos foi um norte americano, porém em 2004 o nome do medalhista foi Justin Gatlin, seguido pelo português Francis Obikwelu e pelo norte-americano Maurice Greene.



Figura 53: Final dos Jogos Olímpicos de 2004.⁵⁶

Justin Gatlin também conquistou o bronze nos 200 metros rasos e a prata no revezamento 4x100 metros, junto com a equipe norte-americana.



Figura 54: Justin Gatlin na prova dos 200 metros rasos em 2004.⁵⁷

⁵⁶ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4987>, acesso em 27/05/09.

⁵⁷ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4988>, acesso em 27/05/09.

O ano de 2008, sem dúvida, ficará marcado para a história do atletismo, principalmente para os 100 metros rasos, que revelou o jamaicano Usain Bolt, atleta das provas de 100 e 200 metros rasos e do revezamento 4x100 metros. Não bastasse ganhar medalha de ouro nas 3 provas que disputou, ele ainda superou o recorde de todas elas, com os respectivos tempos de 9"69, 19"30 e 37"10.



Figura 55: Final dos 100 metros nos Jogos Olímpicos de 2008, em Pequim.⁵⁸



Figura 56: Final dos 200 metros rasos de 2008.⁵⁹

O resultado do revezamento 4x100 metros não poderia ser diferente já que a equipe jamaicana possuía em sua equipe 2 grandes astros da corrida de velocidade: Asafa Powell e Usain Bolt. O primeiro, apesar de nunca ter conquistado uma medalha em Jogos Olímpicos antes disso, foi o recordista mundial dos 100 metros rasos em 2005 com o tempo de 9"77 e

⁵⁸ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7087>, acesso em 27/05/09.

⁵⁹ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7109>, acesso em 27/05/09.

em 2007 com o tempo de 9"74 e o segundo, que antes de conquistar o recorde mundial em Pequim, havia superado o recorde de Powell em 2008, com o tempo de 9"72.



Figura 57: Terceira medalha de ouro de Usain Bolt – revezamento 4x100 metros.⁶⁰

4.1.1. A participação feminina

O atletismo feminino teve sua primeira participação em Jogos Olímpicos no ano de 1928, em Amsterdã. Nesse ano, apenas cinco provas femininas foram realizadas, quais sejam: 100 metros rasos, 800 metros rasos, revezamento 4x100 metros, salto em altura e lançamento do disco (CARDOSO, 1996, p.267). Nessa ocasião a norte-americana Betty Robinson, primeira recordista mundial na prova dos 100 metros rasos, conquistou a primeira medalha de ouro, com o tempo de 12,2 segundos (LANCELLOTTI, 1996, p. 100). Vale ressaltar que essa norte-americana possuía apenas 16 anos quando participou dessa final.

⁶⁰ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7243>, acesso em 27/05/09.



Figura 58: Final dos 100 metros rasos feminino nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, 1928, com Betty Robinson ao centro.⁶¹

Na programação feminina do atletismo nos Jogos Olímpicos de 1932, a única prova de corridas de velocidade foi os 100 metros rasos, cuja vencedora foi a polonesa Stanislaw Walasiewicz, que foi levada por seus pais para os Estados Unidos da América onde foi rebatizada como Stella Walsh. Os norte-americanos tentaram naturalizá-la, porém, devido a alguns problemas e a um convite do consulado da Polônia em Nova York, Stella Walsh voltou a ser Stanislaw Walasiewicz, nome com que defendeu a Polônia nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (LANCELLOTTI, 1996, p. 100).



Figura 59: Stanislaw Walasiewicz nos Jogos Olímpicos de Los Angeles.⁶²

⁶¹ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/photo_uk.asp?EntIdProv=15&EntId=1172&LinkName=AMSTERDAM&Direct=0, acesso em 19/02/2008.

⁶² Fonte: BIEGANIE. Disponível em: http://www.bieganie.com.pl/joomla/index.php?option=com_content&task=view&id=127&Itemid=49, acesso em 27/05/09.

Nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, a polonesa Stanisława Walasiewicz ficou com a medalha de prata, perdendo o ouro para a norte-americana Helen Stephens. Anos mais tarde, Walasiewicz foi assassinada nos Estados Unidos da América. Com a autópsia foi revelado que, na verdade, a corredora era homem.



Figura 60: Helen Stephens (à esquerda) e Stanisława Walasiewicz (à direita) depois da prova de 100 metros rasos em 1936.⁶³

Newsholme (2006), mostra que esse não foi o único caso. Em 1936, nos Jogos Olímpicos de Berlim, a quarta colocada no salto em altura, Dora Ratjen, na verdade era homem, como comprovado anos mais tarde. Diante disso, testes sexuais passaram a ser obrigatórios para as mulheres participantes de competições internacionais, de modo que para disputarem as provas, as mulheres precisavam apresentar um certificado comprovando o sexo.

⁶³ Fonte: ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Disponível em : <http://www.britannica.com/EBchecked/topic-art/634342/88025/Helen-Stephens-and-rival-Stanisława-Walasiewicz-shaking-hands-after-the>, aceso em 27/05/09.



Figura 61: Dora Ratjen⁶⁴

Segundo Cardoso (1996) foi nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, que as mulheres começaram a ser submetidas a testes para confirmação do sexo:

Pela primeira vez as mulheres seriam submetidas a testes de feminilidade. A Federação Internacional de Natação protestou contra a prática vexaminosa, mas todas as 780 atletas olímpicas passaram pelo exame. Nenhuma foi reprovada (p. 159).

Esse teste de sexualidade sempre causou muita polêmica e merece ser detalhado, assim como nos conta Newsholme (2006):

O problema do sexo em atletas foi levado em conta pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1964, em Tóquio e uma comissão médica foi instalada. Desde que as diferenças mais óbvias entre homens e mulheres fossem anatômicas, as mulheres participantes tinham inspeções no campeonato europeu, em Budapeste, em 1966. A genitália de competidores

⁶⁴ Fonte: WIKIMEDIA COMMONS. Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bundesarchiv_Bild_183-C10379,_Hermann_Ratjen_alias_%22Dora_Ratjen%22.jpg, acesso em 27/05/09.

foi inspecionada por uma equipe médica. Nos jogos da comunidade Britânica, em Kingston, Jamaica, em 1966, mulheres participantes passaram por em exame físico, feito por médicos. Não surpreendentemente, havia considerável oposição para testes deste modo, os quais foram considerados cruéis, degradante e sempre muito assustador para as competidoras. O fato é que estes testes foram exigidos durante eventos maiores, acarretando maior estresse nas participantes. A necessidade destes testes naquela época era, contudo, confirmado pelo fato de que algumas competidoras dos países do bloco leste saíram do campeonato europeu em Budapeste no último momento!

Em 1968, um teste genético, conhecido como o teste de sexo por meio de uma amostra de células da boca, foi introduzido pela comissão médica do Comitê Olímpico Internacional. Dos 46 cromossomos que contêm as informações inerentes em cada célula humana, somente duas são envolvidas na determinação do sexo. Em fêmeas, estes dois cromossomos são idênticos e conhecidos como cromossomos X. Em machos, há um cromossomo X único mais um pequeno cromossomo Y. Somente um cromossomo X é atualmente usado na célula, de modo que as fêmeas podem ser consideradas como possuidoras do cromossomo X spare sobressalente, que se torna reduzido em uma pequena gota de material genético, só incidindo no núcleo, onde é conhecido como corpúsculo de Barr [...] Se no exame microscópico de pedaços de células da bochecha do competidor for revelada a existência do corpúsculo de Barr, serão de mulher; caso contrário, serão de homens (p. 162 e 163).

Os 200 metros rasos feminino foram disputados somente no ano de 1948, nos Jogos Olímpicos de Londres, sendo que a vencedora foi a holandesa Fanny Blankers-Koen, que havia participado dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. Na época (1948), com 30 anos, essa atleta conquistou a medalha de ouro nos 100 e 200 metros rasos, 80 metros com barreiras e revezamento 4x100 metros.



Figura 62: Final dos 100 metros rasos feminino dos Jogos Olímpicos de Londres em 1948.⁶⁵

Embora não tenha se classificado para a final, vale ressaltar a participação da brasileira Deyse Jurdelina de Castro que fez o tempo de 25 segundos em uma das semifinais dos 200 metros rasos, dos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952.



Figura 63: Eliminatória da prova dos 100 metros rasos feminino dos Jogos Olímpicos de 1952.⁶⁶

Em Melbourne, nos Jogos Olímpicos de 1956, a atleta australiana Betty Cuthbert, além de conquistar a medalha de ouro nas provas dos 100 e 200 metros rasos, superou o recorde olímpico das 2 provas, com 11"5 e 23"4 respectivamente. A australiana ainda

⁶⁵ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

⁶⁶ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

participou do revezamento 4x100 metros, conquistando a medalha de ouro e o novo recorde olímpico.



Figura 64: Betty Cuthbert na final da prova dos 200 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Melbourne, em 1956.⁶⁷

Quatro anos mais tarde, nos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, a norte-americana Wilma Rudolph que ficou apenas com o bronze no revezamento 4x100 metros em 1956, conquistou 3 medalhas de ouro nos 100 metros rasos, nos 200 metros rasos e no revezamento 4x100 metros.



Figura 65: Wilma Rudolph na prova dos 200 metros rasos, em 1960.⁶⁸

⁶⁷ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

⁶⁸ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.



Figura 66: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960.⁶⁹

A participação feminina na prova dos 400 metros rasos, passou a integrar as competições de atletismo a partir dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964. Com isso, as mulhreses, desde então participam das três provas de corrida de velocidade, isto é, dos 100, 200 e 400 metros rasos (CARDOSO, 1996).



Figura 67: Final dos 400 metros rasos feminino dos Jogos Olímpicos de Tóquio.⁷⁰

⁶⁹ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.



Figura 68: Largada dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de 1964.⁷¹



Figura 69: Chegada dos 200 metros rasos em 1964.⁷²

Nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, aconteceu algo inédito no atletismo feminino. Das 14 medalhas de ouro de atletismo em disputa, nenhuma foi conquistada pelos Estados Unidos da América. A Alemanha, que na época era dividida entre ocidental e oriental, conquistou 10 delas, a União Soviética 3 e a Grã Bretanha 1. Nas 3 provas de corrida de velocidade a única medalhista americana foi Katty Hammond, que ficou com o bronze na prova dos 400 metros rasos.

⁷⁰ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

⁷¹ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

⁷² Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

A grande velocista desses Jogos Olímpicos foi Renate Stecher, da República Democrática da Alemanha, como nos conta Lancellotti (1996):

A tedesca-oriental Renate Stecher foi a grande estrela do torneio de 1972. Vencedora de noventa disputas consecutivas dos 100 e dos 200 metros entre 1970 e 1974, no intervalo, claro, ela conquistou os títulos das duas distâncias nos Jogos de Munique. Os 100, com enorme facilidade, dois metros à frente da australiana Raelene Boyle, a quarta classificada no certame de 1968 (p. 437).

Vale lembrar que Stecher, além das conquistas mencionadas, estabeleceu o recorde mundial das provas dos 100 e 200 metros raso nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972.



Figura 70: Renate Stecher na prova de 200 metros rasos em 1972.⁷³

Quatro anos mais tarde, nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, as norte-americanas ficaram sem nenhum título no atletismo. Das 42 medalhas em disputa, os Estados Unidos da América conquistaram apenas uma medalha de prata, na prova do revezamento 4x100 metros.

Em 1988, nos Jogos Olímpicos de Seul, a norte-americana Florence G. Joyner conquistou a medalha de ouro nas provas dos 100 metros rasos, 200 metros rasos e

⁷³ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

revezamento 4x100 metros. Além disso conquistou uma medalha de prata no revezamento 4x400 metros. No mesmo ano, essa atleta estabeleceu o novo recorde mundial em ambas as provas, os quais permanecem intocáveis até hoje. Ou seja, essa atleta percorreu os 100 metros rasos em 10''49 e os 200 metros rasos em 21''34.



Figura 71: Equipe feminina do revezamento 4x100 metros de 1988 - Evelyn Ashford-Washington, Florence Griffith-Joyner, Sheila Echols e Alice Brown (da esquerda para direita).⁷⁴



Figura 72: Prova dos 200 metros rasos, nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988.⁷⁵

⁷⁴ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

⁷⁵ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

Em Barcelona, palco dos Jogos Olímpicos de 1992, a vencedora dos 100 metros rasos, Gail Devers correu o risco de não disputar a prova, por causa de uma doença constatada dois anos antes como nos conta Lancellotti (1996):

Em março de 1990 os médicos norte-americanos constataram que sua velocista Gail Devers padecia de uma gravíssima inflamação nos vasos linfáticos das pernas. Até que se encontrasse o tratamento justo, Devers correu o risco de uma amputação dupla. Dois anos depois ela conquistaria a medalha de ouro dos 100 metros para mulheres em Barcelona (p. 628).



Figura 73: Gail Devers ns Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992.⁷⁶

⁷⁶ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4688>, acesso em 27/05/09.



Figura 74: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992.⁷⁷

Gail Devers ganhou mais duas medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, nas provas de 100 metros rasos e no revezamento 4x100 metros.



Figura 75: Gail Devers com o ouro nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996.⁷⁸

Ao procurarmos no site oficial do COI (Comitê Olímpico Internacional) o nome da vencedora da prova dos 100 metros rasos para mulheres dos Jogos Olímpicos de Sydney, em

⁷⁷ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8066>, acesso em 28/07/09.

2000, verificamos que não aparece nenhuma medalhista de ouro, como nos mostra a figura 76.



Figura 76: Site oficial do COI.⁷⁹

Entretanto, ao observarmos a figura 77, observamos que a vencedora dos 100 metros rasos naquela ocasião, foi, na verdade, Marion Jones, desclassificada anos mais tarde.

⁷⁸ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4691>, acesso em 27/05/09.

⁷⁹ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/athletes/results/search_r_uk.asp, acesso em 27/05/2009.

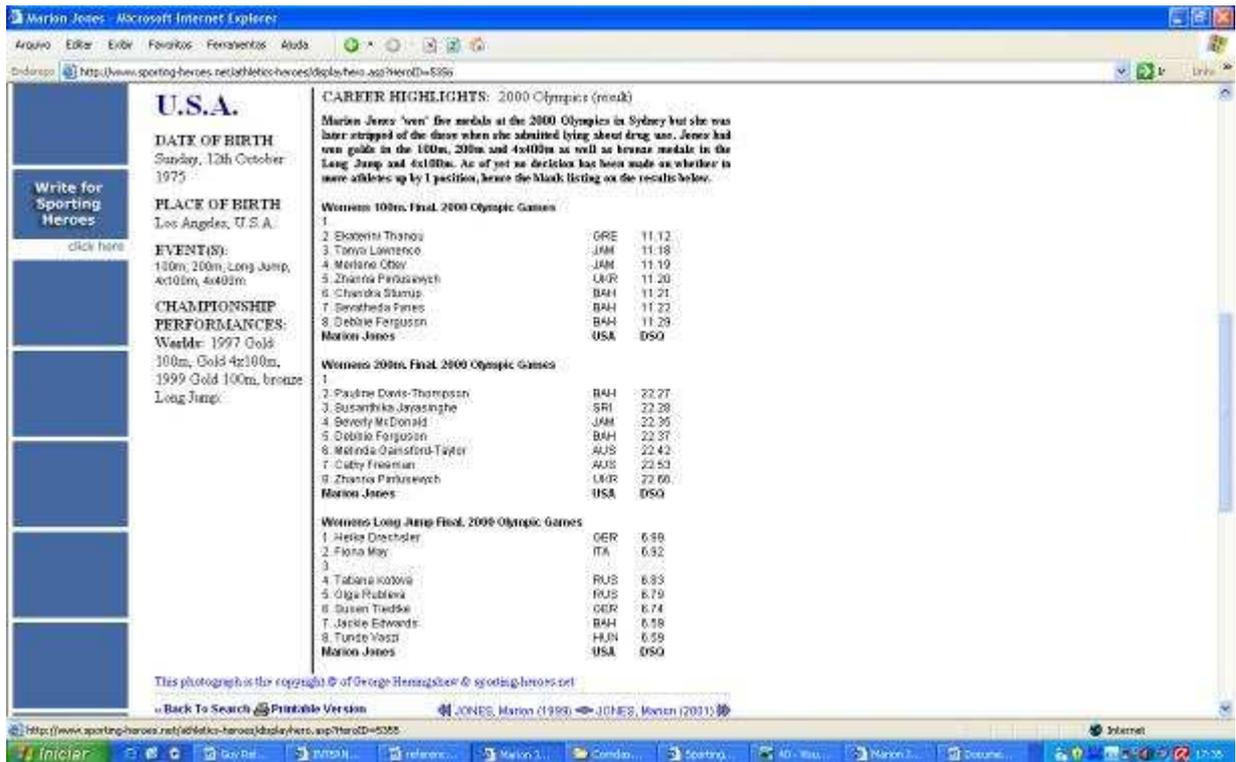


Figura 77: Site sporting-heroes.⁸⁰

O que aconteceu foi que Marion Jones, em outubro de 2007 confessou ter feito uso de doping durante os Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000. A norte-americana conquistou 3 medalhas de ouro nas provas de 100 e 200 metros rasos e no revezamento 4x100 metros. Além disso, a atleta conquistou mais 2 medalhas de bronze nas provas de salto em distância e no revezamento 4x400 metros. Jones foi suspensa por 2 anos pelo Comitê Olímpico dos Estados Unidos. Além disso o COI, no final de 2007, retirou as 5 medalhas da norte-americana, proibindo-a de participar dos Jogos Olímpicos de Pequim.⁸¹

⁸⁰ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=5356>, acesso em 27/05/09.

⁸¹ Fonte: WIKIPÉDIA, **A Enciclopédia Livre**, disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Marion_Jones, acesso em: 27/05/2009.



Figura 78: Largada dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Sydney.⁸²



Figura 79: Chegada dos 100 metros rasos, em 2000.⁸³

A prova dos 100 metros rasos dos últimos Jogos Olímpicos, realizados em Pequim, em 2008, foram lideradas pelas jamaicanas Shelly Ann Fraser (figura 80) com o tempo de 10"78, Sherone Simpson com 10"98 e Kerron Stewart com o mesmo tempo que sua compatriota Simpson, contribuindo para que a Jamaica conquistasse uma medalha de ouro e duas de prata.

⁸² Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

⁸³ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.



Figura 80: Shelly Ann Fraser na final dos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008.⁸⁴

4.1.2. A participação brasileira

A primeira participação brasileira em Jogos Olímpicos ocorreu em 1920, na Antuérpia, ainda que isso não tenha ocorrido no atletismo.

Especificamente, na prova dos 100 metros rasos, a primeira participação brasileira ocorreu nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, por meio de Álvaro de Oliveira Ribeiro, que correu a décima quarta preliminar dos 100 metros rasos, mas não se classificou para a final. Inscrito nas provas dos 200 metros rasos, dos 400 metros rasos e no salto em distância, o atleta participou da primeira prova sem se classificar, desistindo de participar das outras duas (PAIOLI, 1985).

O Brasil, devido a problemas econômicos não participou dos Jogos Olímpicos de Amsterdam, em 1928. Mas, nos X Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932, três brasileiros participaram da prova dos 100 metros rasos: José Xavier de Almeida, Arnaldo Ferrara e Ricardo Vaz Guimarães. Na edição seguinte, isto é, em 1936, nos Jogos Olímpicos de Berlim, os brasileiros Antônio Damaso e José Xavier de Almeida representaram o Brasil na prova dos 100 metros rasos, ainda que desclassificados logo na primeira eliminatória (PAIOLI, 1985).

Nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, o Brasil teve apenas uma participação na prova dos 100 metros rasos. Foi uma participação feminina, de Helena Cardoso de

⁸⁴ Fonte: KINGSTON STATE OF MIND, disponível em: <http://dutybwoy.wordpress.com/2008/08/17/shelly-ann-frazerkerron-stewart-sheron-simpson-sweep-womens-100m-final/>, acesso em 13/05/2009

Menezes, a qual chegou em quarto lugar na sua série, mas não se classificou para as finais (PAIOLI, 1985).

Nos Jogos Olímpicos de Melbourne, em 1956, o brasileiro José Telles da Conceição conquistou o sexto lugar nos 200 metros rasos com o tempo de 21"3 (LANCELLOTTI, 1996, p.288).



Figura 81: José Telles da Conceição.⁸⁵

Em Roma, nos Jogos Olímpicos de 1960, o único representante brasileiro foi Afonso Coelho Filho que não conseguiu se classificar para a segunda fase da prova dos 100 metros rasos.

Nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, o representante brasileiro nas corridas de velocidade foi Ruy da Silva, desclassificado na semi-final da prova dos 100 metros rasos e 5º. colocado na prova dos 200 metros rasos (PAIOLI, 1985).

Em 1984, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, os três brasileiros – Paulo Roberto Correia, Katsuhico Nakaya e Robson Caetano – passaram para a segunda eliminatória, mas não conseguiram seguir adiante. No entanto, o brasileiro João Batista Eugênio conquistou a 4ª colocação na prova dos 200 metros rasos, ficando atrás de três norte-americanos, sendo que um deles era Carl Lewis, vencedor da prova.



Figura 82: João Batista Eugênio (à esquerda) e Carl Lewis (à direita).⁸⁶

Entretanto, o melhor resultado brasileiro em Jogos Olímpicos na prova dos 100 metros rasos ocorreu em Seul, em 1988. Nessa ocasião Robson Caetano da Silva, detentor do recorde sul-americano, com o tempo de 10", estabelecido em 22/07/88, conquistou a 5ª colocação, após a desclassificação de Ben Johnson (LANCELLOTTI, 1996). Outros dois brasileiros também participaram dessa prova. Foram eles: Jaílton Bonfim, que ficou com a 64ª. colocação dentre os 102 atletas inscritos nos 100 metros rasos e Arnaldo Oliveira da Silva que ficou com a 10ª. colocação.

Robson Caetano não só conseguiu o melhor resultado brasileiro na prova dos 100 metros rasos como também conquistou a medalha de bronze na prova dos 200 metros rasos, com o tempo de 20"04, ficando atrás de Joseph DeLoach e Carl Lewis (figura 83), ambos norte-americanos, com os respectivos tempos de 19"75 e 19"79.

⁸⁵ Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – **Heróis do Atletismo**. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/galeria/herois/galeria.asp#>, acesso em 27/05/09.

⁸⁶ Fonte: TV CABO BRANCO – **Paraíba Comunidade**. Disponível em: <http://www.cabobranco.tv.br/paraibacomunidade/index.php?ev=1&d=2008-07-27>, acesso em: 28/05/09.



Figura 83: Robson Caetano nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988 (CARDOSO, 1996, p. 213)

Em 1992, nos Jogos Olímpicos de Barcelona, o tempo de 10''78 do brasileiro André Domingos da Silva (figura 84) não foi suficiente para que ultrapassasse a fase eliminatória. Arnaldo Oliveira da Silva, com o tempo de 10''47, participou dessa prova até as quartas de final, enquanto Robson Caetano da Silva passou pela primeira etapa das eliminatórias com o tempo de 10''24, ficando em segundo lugar na sua série das quartas de final com o tempo de 10''29. Entretanto, seu tempo de 10''32, conquistado na semi-final dessa prova, não foi suficiente para que se classificasse para a final.



Figura 84: André Domingos da Silva.⁸⁷

⁸⁷

Segundo o site oficial do COI (figura 85), as medalhas olímpicas de corridas de velocidade conquistadas pelo Brasil em Jogos Olímpicos ocorreram nas provas de: 200 metros rasos e revezamento 4x100 metros.

Year	Sport	Event	Medal	Athlete Name
Seoul 1988	Athletics	200m Men	Bronze	DA SILVA, Robson
Seoul 1988	Athletics	800m Men	Silver	CRUZ, Joaquim
Atlanta 1996	Athletics	4x100m relay Men	Bronze	DA SILVA, Amadeu
Atlanta 1996	Athletics	4x100m relay Men	Silver	DA SILVA, Robson
Atlanta 1996	Athletics	4x100m relay Men	Bronze	ALBUQUERQUE, Estevão
Atlanta 1996	Athletics	4x100m relay Men	Silver	ALVES, André Carmo
Sydney 2000	Athletics	4x100m relay Men	Silver	DE LIMA, Vanderlei
Sydney 2000	Athletics	4x100m relay Men	Bronze	ALBUQUERQUE, Estevão
Sydney 2000	Athletics	4x100m relay Men	Silver	ALVES, André Carmo
Sydney 2000	Athletics	4x100m relay Men	Bronze	ALVES, Claudinei
Sydney 2000	Athletics	4x100m relay Men	Silver	ALBUQUERQUE, Estevão
Athens 2004	Athletics	marathon Men	Bronze	DE LIMA, Vanderlei

Figura 85: Registro dos medalhistas brasileiros em provas de atletismo no site oficial do COI.⁸⁸

Como vimos, Robson Caetano foi medalhista de bronze na prova dos 200 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. No revezamento 4x100 metros, os brasileiros conquistaram uma medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, e uma de prata nos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000. Embora os velocistas brasileiros nunca tenham conquistado uma medalha em Jogos Olímpicos na prova dos 100 metros rasos, principal foco desse trabalho, as conquistas dos brasileiros nas provas de revezamento 4x100 metros têm revelado o potencial de vários velocistas.

Em 1996, os atletas brasileiros, ao conquistarem a medalha de bronze, ficaram atrás de potências como o Canadá, país de atletas tais como Donovan Bailey, recordista mundial dos 100 metros rasos daquela época. Já em 2000, com a conquista da medalha de prata, o Brasil ficou atrás apenas dos Estados Unidos da América. Nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, a equipe brasileira quase conseguiu mais uma medalha, ficando em quarto lugar, já que às equipes vencedoras foram de Jamaica, Trinidad e Tobago e Japão.

⁸⁸ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/athletes/results/search_r_uk.asp, acesso em 28/05/2009.

Lembrando dos atletas participantes da equipe brasileira do revezamento 4x100 metros de 1996 estavam: Arnaldo da Silva, Robson Caetano, Edson Ribeiro e André Domingos Silva, enquanto que Claudinei Quirino, Vicente Lenílson, André Domingos da Silva e Edson Luciano integraram a equipe brasileira do revezamento 4x100 metros nos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000.



Figura 86: Equipe brasileira do revezamento 4x100 metros dos Jogos Olímpicos de Sydney. Da esquerda para direita: Edson Luciano, Claudinei Quirino, André Domingos e Vicente Lenílson.⁸⁹

Dentre os países da América do Sul, o Brasil é o detentor das melhores marcas nas corridas de velocidade. Segundo o site oficial da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), Robson Caetano da Silva é, ainda, o recordista sul-americano dos 100 metros rasos com o tempo de 10", estabelecido no México em 1988. Claudinei Quirino da Silva é o recordista dos 200 metros rasos com o tempo de 19"89, estabelecido em Munique, em 1999, enquanto Sanderlei Claro Parrela, marcou o melhor tempo sul-americano nos 400 metros rasos, isto é 44"29, nessa mesma competição.⁹⁰

⁸⁹ Fonte: GLOBOESPORTE.COM – **Atletismo**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Atletismo/0,,MUL875032-16316,00-BRASIL+PODE+HERDAR+OURO+DOS+JOGOS+DE+SYDNEY+APOS+CONFISSAO+DE+MONTGOME RY.html>, acesso em: 28/05/09.

⁹⁰ Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – **Recordes**. Disponível em: http://www.cbat.org.br/estatisticas/recordes/recordes_quadro.asp?id=7, acesso em 29/05/09.



Figura 87: Claudinei Quirino da Silva ganhando a medalha de bronze em 1997, nos 200 metros rasos do World Athletics Champs.⁹¹

Além da medalha de bronze conquistada na prova dos 200 metros rasos (figura 87), Claudinei Quirino da Silva⁹² ainda conquistou uma medalha de prata, dois anos mais tarde, no mesmo torneio e na mesma prova, ficando atrás apenas do grande velocista norte-americano Maurice Greene. Outro grande resultado em sua carreira foi ter chegado a final dos 200 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000 e ter ficado com a sexta colocação.

No feminino, a velocista brasileira Lucimar Aparecida de Moura é a recordista sul-americana dos 100 e 200 metros rasos, com os tempos de 11"17 e 22"60 respectivamente, ambos conquistados em Bogotá, em 1999.⁹³



Figura 88: Lucimar nos Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas.⁹⁴

⁹¹ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4669>, acesso em 29/05/09.

⁹² Ao deixar as competições de atletismo, Claudinei Quirino da Silva foi chamado pela Confederação Brasileira de Desportos no Gelo (CBDG) para ser reserva da equipe de bobsled, ou seja, um esporte de inverno, em que uma equipe, formada por duas ou quatro pessoas, desce uma pista de gelo com curvas em um trenó. Sobre o assunto ver: UOL – **Últimas Notícias**. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2006/01/27/ult28u42236.jhtm>, acesso em 01/06/09.

⁹³ Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – **Recordes**. Disponível em: http://www.cbat.org.br/estatisticas/recordes/recordes_quadro.asp?id=7, acesso em 29/05/09.

⁹⁴ Fonte: ESPORTE UOL – **Olimpíadas**. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/ultimas/2004/08/23/ult2247u384.jhtm>, acesso em 01/06/09.

4.2. A EVOLUÇÃO DAS CORRIDAS DE VELOCIDADE

Foram várias as mudanças que ocorreram nas corridas de velocidade ao longo dos tempos, das quais vale destacar as relativas à saída baixa, ao vestuário, à largada, à técnica e às regras, como veremos a seguir.

4.2.1. Sobre a saída baixa e o bloco de partida

A saída baixa nem sempre foi realizada como hoje em dia, merecendo destaque a grande mudança que ocorreu na largada das corridas de velocidade.

Na Grécia Antiga, não existia o bloco de partida e, muito menos, a saída baixa, como nos conta Cabral (2004):

A posição adotada pelos corredores na linha de partida pode ser despreendida mais especificamente por meio de várias estatuetas, pelas pinturas sobre vasos e pela construção dos dispositivos de partida: ambos os pés permaneciam sobre a linha de partida com os dedos nos sulcos ou nas cavidades que lhes correspondiam, com um pé ligeiramente adiante do outro (era somente em Corinto que a distância entre os dois pés equivalia a de um passo completo). O joelho da perna dianteira permanecia fletido e o calcanhar erquido do solo, de modo que todo o peso do corpo recaísse sobre os dedos do pé dianteiro, enquanto a perna traseira ficava esticada para trás, com a sola do pé completamente apoiada no chão. O corpo inclinava-se para frente e a cabeça erguia-se, enquanto os braços se estendiam para frente, quase horizontalmente, com as palmas das mãos voltadas para baixo (p. 180).



Figura 89: Momento da largada representado pela estatueta de bronze (CABRAL, 2004, p. 176).



Figura 90: Linha de largada com sulcos, nos quais os atletas apoiavam os dedos dos pés.⁹⁵

Em Jogos Olímpicos, o primeiro registro de saída baixa ocorreu em Atenas, em 1896, na primeira edição dos Jogos Olímpicos na Era Moderna. Com base na figura 96 observamos que um dos corredores da final dos 100 metros rasos masculino se diferenciava dos demais. Era Thomas Burke – segundo atleta da esquerda para a direita – que se colocou numa posição mais baixa, apoiando as mãos no solo enquanto os outros competidores aguardavam o tiro de largada em pé. Campeão da prova, Burke passou a ser “copiado” por outros corredores, até

⁹⁵ Fonte: GREEKLANDSCAPES, **Anciente Olympia Pictures**, disponível em: http://www.greeklandscapes.com/greece/olympia/slides/olympia127_2760_jpg.htm, acesso em 17/07/09

que essa posição se tornasse regra dentre os corredores de velocidade. Ou seja, atualmente, por regra, todas as provas - até e inclusive 400 metros - devem ser iniciadas por meio da saída baixa.



Figura 91: Primeira saída baixa registrada nos Jogos Olímpicos da Era Moderna (PALLICCA, 1960, p.20).

Porém, segundo Kring (1968), essa não foi a primeira vez que a saída baixa se fez presente em provas de corridas de velocidade. Para ele:

A partida americana apareceu pela primeira vez em público nos jogos do Rockaway Hunt Club, de Cedarhurst, em Long Island, no dia 12 de maio de 1888. Charles H. Sherrill, da Universidade de Yale, foi o primeiro atleta a usá-la. Os circunstantes nunca tinham visto nada parecido, e o juiz de partida, imaginando que Sherrill não soubesse largar, suspendeu a corrida para dar-lhe instruções. Segundo uma descrição jornalística da corrida, ‘Embora Sherrill parecesse tropeçar no início da prova, conseguiu recuperar-se e venceu’. Nesse dia, uma nova e promissora técnica surgia no mundo do atletismo. A superioridade da partida americana foi imediatamente compreendida e o mundo inteiro a adotou como a melhor para todas as corridas de velocidade (p.50).

Juncosa Gual (1971) também confirma que a primeira saída baixa aconteceu em 1888 por C. H. Sherrill, ou seja: “Veinte años más tarde, otro americano, C. H. Sherril inauguró el “crouch-start” o salida agachada (p.8)”.

Silva (19-) nos conta mais sobre a origem da saída baixa:

Antigamente a partida ou saída para corridas era feita na posição vertical, isto é, de pé. Pouco a pouco verificou-se que essa atitude não era a ideal e tampouco, fisiologicamente, a mais correta. Não se sabe bem ao certo como, quando e onde se iniciou a partida da posição agachada. Segundo alguns historiadores, a primeira vez que se procedeu dessa forma foi nos Estados Unidos, durante os jogos esportivos do “Rockaway Hunt Club” de Cedarhurst Long Island, a 12 de maio de 1888, por iniciativa do famoso treinador Mike Murphy, que a denominou “saída americana”. O primeiro atleta a usar desse sistema foi o estudante C. H. Sherril, da Universidade de Yale, em 1887 (p. 25).

Portanto, segundo alguns historiadores, Mike Murphy (figura 92) foi o treinador responsável pela primeira saída baixa da história.



Figura 92: Mike Murphy⁹⁶



Figura 93: Primeira saída baixa executada por C. H. Sherril, à direita (SILVA, 19- , p.24).

Com essas duas últimas informações, verificamos que a saída baixa, a princípio, foi utilizada sem o bloco de partida. Ou seja, por algum tempo, os corredores largavam

⁹⁶ Fonte: WIKIPEDIA – The Free Encyclopedia. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Mike_Murphy_\(trainer_and_coach\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Mike_Murphy_(trainer_and_coach)), acesso em 03/06/09.

abaixados, apoiando os pés em pequenos buracos adaptados para a largada como podemos observar na figura 94. Entretanto, como foi o caso de Jesse Owens nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, esse sistema danificava a pista e nem sempre os buracos entre um corredor e outro coincidiam como nos conta Silva (19-):

Para uma arrancada mais veloz, é necessário que o atleta tenha um ponto de apoio para os pés. Daí que se venha usando há mais de trinta anos o sistema de apoiar os pés em covas de partida. [...] Variando o estilo de saída entre um corredor e outro, cada um deve fazer pessoalmente a cova de apoio, treinando nesse sentido durante a fase de preparo para as competições (p. 30).



Figura 94: Atletas fazendo suas marcas de partida (“buracos”) nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928.⁹⁷

O bloco de partida solucionou esses problemas, já que podia ser ajustado de corredor para corredor. Atualmente, os blocos podem ser fixados no solo, sendo retirados após a utilização sem danificar a pista. Os primeiros blocos de partida foram feitos de madeira conforme ilustra a figura 100. Hoje em dia os blocos são produzidos com outros materiais, como o metal, a exemplo do bloco da figura 95.

⁹⁷ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.



Figura 95: Bloco de partida feito de madeira e chapas.⁹⁸



Figura 96: Bloco utilizado pelo italiano Livio Berruti, campeão olímpico dos 200 metros rasos em Roma, 1960 (LAWSON, 1997, p.41).

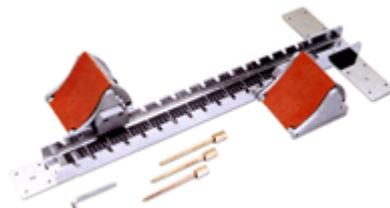


Figura 97: Modelo de bloco de partida utilizado na atualidade⁹⁹

⁹⁸ Fonte: HELART, disponível em: www.helart.com.br/Catalogo/bloco_partida.htm, acesso em 16/07/2009.

Pallicca (1960) descreve que em 1929, em Chicago, no Campeonato Universitário da NCAA (National Collegiate Athletic Association) um americano chamado George Simpson venceu a prova de 100 jardas¹⁰⁰ usando um bloco de partida.



Figura 98: Da esquerda para direita – Ralph Metcalfe, Eddie Tolan e George Simpson.¹⁰¹

Berenguer (1970) também comenta a aparição do bloco de partida, dizendo que:

No vamos a hablar de La colocación de los agujeros em razón de que hoy, por lo general, éstos han dejado de emplearse em La mavotía de los casos y desde 1927, año em que fueron adoptados por primera vez, los tacos de salida son de adopción general (p.38).

Silva (19-) confirma a origem do bloco de partida no ano de 1927:

O sistema de tacos de saída foi inventado e patenteado por George T. Bresnahan, em 1927, isto por que havia necessidade de um ponto de apôio para os corredores em locais fechados, como o Madison Square Garden e outros. Com o tempo tais tacos foram alicados com evidentes vantagens nas pistas externas. Observações feitas comprovaram que os tacos de saídas dão uma vantagem de 30 centímetros, no impulso da partida, sobre as covas preparadas no terreno da pista (p. 30).

⁹⁹ Fonte: CASA SENA, disponível em: www.casasenna.com/produtos/atletismo.htm, acesso em 09/03/2008

¹⁰⁰ Vale observar que 1 jarda é igual a 0,914399 metros. Portanto, essa prova teria aproximadamente 91, 44 metros.

¹⁰¹ Fonte: SPARTA – Black History Month. Disponível em: <http://www.sparta.k12.il.us/lincoln/curric/blackam/p2blam.htm>, acesso em 03/06/09.

Nas figuras 99 e 100 podemos observar o documento da patente do bloco de partida de George T. Bresnahan, de 5 de fevereiro de 1929.

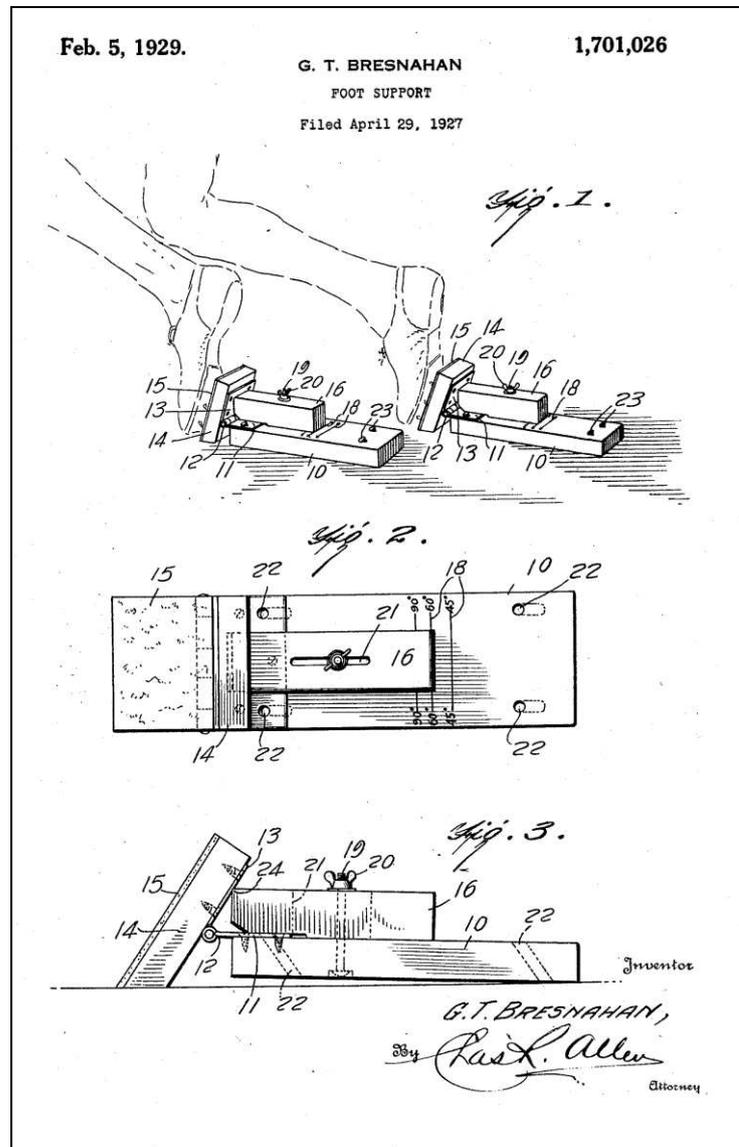


Figura 99: Desenho do bloco de partida criado por George T. Bresnahan.¹⁰²

¹⁰² Fonte: FREE PATENTS ONLINE – all the inventions of mankind. Disponível em: <http://www.freepatentsonline.com/1701026.pdf>, acesso em 03/06/09.

Patented Feb. 5, 1929.

1,701,026

UNITED STATES PATENT OFFICE.

GEORGE T. BRESNAHAN, OF IOWA CITY, IOWA.

FOOT SUPPORT.

Application filed April 29, 1927. Serial No. 187,505.

My invention relates to what might be termed a starting block used in connection with a running track or field whether it be a board track or cinder path.

It is a well known fact that in short runs or sprints the moments of greatest importance are those in the "get-away" or the driving from their starting marks. The outdoor track athletes usually dig holes in the ground in an effort to get a firm foothold but inasmuch as the firmness of the soil or cinders is of great variance this is frequently very impractical.

One of the principal objects of my invention resides in the provision of a very simple, inexpensive, compact and highly effective device of this character which may be readily placed in its proper position or removed therefrom. A further object of my invention resides in a means for tilting this device so that it may conform to the feet of the various individuals. These and other objects will be apparent as the description proceeds.

The scope of my invention extends to whatever constructions may be defined by or included within the terms or language of the appended claims.

In the drawings:

Figure 1 is a view in perspective illustrating my invention in its operative position;

Figure 2 is a top plan view thereof, and

Figure 3 is a side elevation.

My invention in the form or embodiment shown in the drawings and briefly described comprises two similarly constructed devices, for the use of each athlete, that is to say one for the right foot and one for the left. Each of the devices comprises a ground block, 10, which is preferably in the form of a rectangular piece of wood and adapted to be adjusted to the running track whether it be wood, cinders or the like. To the forward end of the ground block, 10, is secured one plate, 11, of a hinge, 12, by screws or other suitable means. The other plate, 13, of the hinge, 14, is secured to an adjustably mounted block, 14, against which the runner's foot bears. For the purposes of permitting a very firm foothold for the athlete I provide a cork or rubber plate, 15, on the outer surface of the adjustably mounted block, 14.

Various angles of tilt may be given the

adjustably mounted block, 14, which is accomplished by means of a slidably mounted member, 16, which is arranged to slide longitudinally of the ground block, 10. Graduations, 18, are arranged upon the upper surface of the ground block, 10, so that the adjustably mounted block may be given certain or predetermined angles as for example 30, 45 or 60 degrees. For the purpose of locking the slidably mounted block, 16, with respect to the ground block I provide a bolt and wing nut, 19 and 20. The bolt, 19 is preferably firmly secured in the ground block, 10, whereas the slidably mounted member, 16, is provided with a longitudinally extending slot, 21.

Downwardly and rearwardly arranged openings, 22, are located at the front and rear ends of the ground block, 10, for the purpose of receiving suitable nails or spikes, 23. When this device is used in connection with a board track suitable openings may of course be arranged in the floor in proper relationship to the starting line.

As is clearly shown in Figure 3 it will be noted that the forward and upper corner or edge, 24, of the slidably mounted member, 16, firmly rests against the adjacent portion of the plate, 13, of the hinge, 21. In this position of the adjustably mounted block, 14, the front end of the ground block, 10, would be slightly elevated above the ground. This of course has a tendency to cause the adjustably mounted block, 14, to firmly be seated against either the surface or floor of the track.

What I claim is:

1. A device of the character described comprising a member adapted to rest upon the surface of a track, an adjustably mounted block adapted to support a foot and slidable on said member, and means interconnecting said block and member for varying the tilt of said adjustably mounted block.
2. A device of the character described comprising a ground block adapted to be located upon the surface of a track, a foot support pivotally mounted thereon and a movable member interposed between said ground block and the foot-supporting member on said ground block.

GEORGE T. BRESNAHAN.

Figura 100: Documento da patente do bloco de partida.¹⁰³

Portanto, segundo a Free Patents Online, 2009, podemos concluir que o bloco de partida surgiu em 1927. Porém, esse implemento passou a ser obrigatório em corridas de velocidade a partir do ano de 1937, como ressalta Vieira (2007):

¹⁰³ Fonte: FREE PATENTS ONLINE – all the inventions of mankind. Disponível em: <http://www.freepatentsonline.com/1701026.pdf>, acesso em 03/06/09.

Os blocos de partida, nos quais os corredores se apóiam na hora da largada, são de uso obrigatório (desde 1937) em corridas de tiro rápido, como as de 100m, 200m e 400m (masculino e feminino), e também em provas de revezamento, como 4x100m e 4x400m (masculino e feminino). Também são utilizadas nas provas de barreiras 100m feminino, 110 masculino e 400 masculino e feminino. Nas demais corridas não são utilizados (p. 31).

Nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, o bloco de partida apareceu somente em 1948, nos Jogos Olímpicos de Londres. Porém, não foi incorporado por todos os atletas que utilizavam a saída baixa com quatro apoios. Há exemplos, da utilização do bloco de partida utilizando-se a saída em pé, como é o caso de Antonella Battagli, citada por Pallicca (1960).



Figura 101: Antonella Battagli (PALLICA, 1960, p.22).

Pallicca (1960) também se refere ao velocista Valery Borzov para ilustrar a utilização do bloco de partida com três apoios (dois pés e a mão direita) em uma prova de 60 metros rasos em Gotenburgo, como ilustra a figura 102.



Figura 102: Valery Borzov (PALLICA, 1960, p. 36).

Atualmente, segundo o livro de regras da Confederação Brasileira de Atletismo (2004 – 2005), o atleta, após o comando do árbitro de “Às suas marcas”, deve estar com as duas mãos e o joelho em contato com o solo e os dois pés em contato com o bloco de partida, conforme ilustra a figura 103.



Figura 103: Saída baixa dos 100 metros rasos na atualidade.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Fonte: WIKIPEDIA, THE FREE ENCYCLOPEDIA, disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/100_metros_rasos, acesso em 09/03/2008.

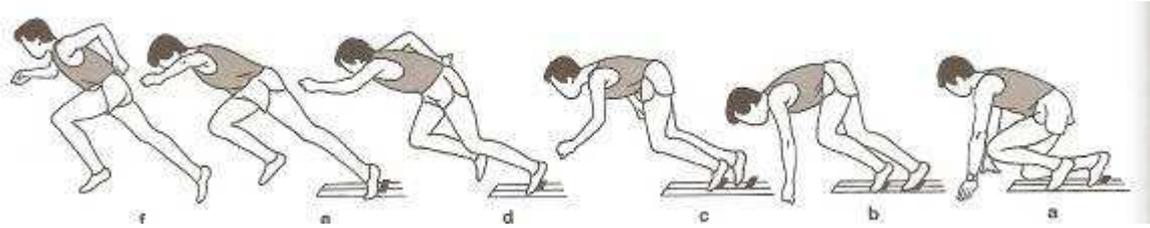


Figura 104: Sequência da saída baixa (MATTHIESEN, 2007, p.48).

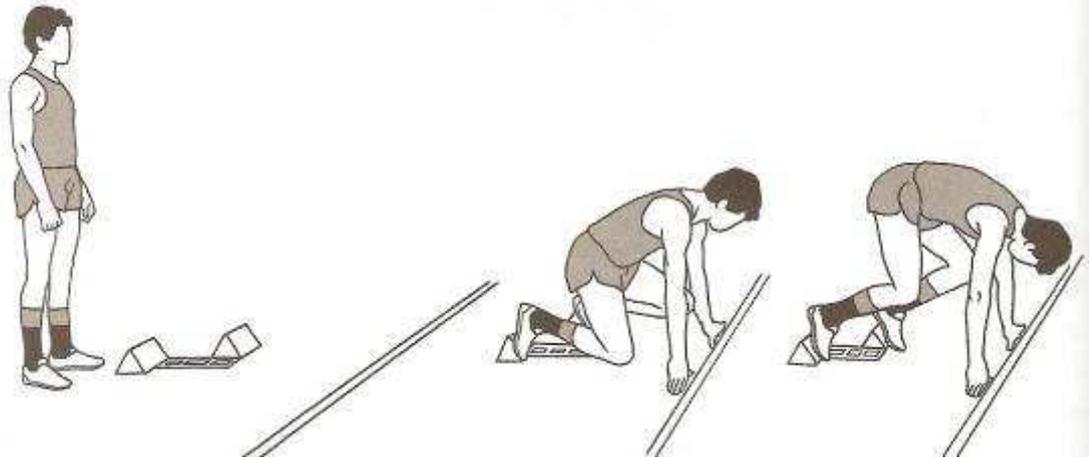


Figura 105: Saída baixa (MATTHIESEN, 2007, p.56).

De acordo com Matthiesen (2004), a técnica básica para a realização da saída baixa é a seguinte:

Em pé, atrás da linha de largada, o corredor, ao sinal de ‘às suas marcas’, dado pelo árbitro, colocará as mãos no solo e, à frente do bloco de partida, apoiará o pé correspondente à perna (‘forte’) de impulso no apoio dianteiro do bloco de partida, e o outro pé no apoio posterior. A partir disso, colocará as mãos paralelas, atrás da linha de largada, com dedos votados para fora, com exceção dos polegares, que estarão voltados para dentro. Ao sinal de ‘prontos’, o corredor elevará o quadril, desequilibrando o corpo à frente, mantendo os braços estendidos, sustentando o peso do corpo, podendo ultrapassar a linha de saída apenas com o tronco e a cabeça. Ao sinal do tiro de largada, o corredor deverá pressionar o bloco de partida projetando o corpo à frente, realizando um movimento rápido com os membros superiores (p.48).



Figura 106: Momento da saída.¹⁰⁵

Segundo essa mesma autora, podemos classificar a saída baixa de três formas:

Curta: Quando a distância entre o corpo do corredor e a linha de largada é bem pequena, de modo que o corredor fica encolhido quando assume a posição de saída baixa.

Média: Quando a distância entre o pé anterior (correspondente à perna de impulsão) for de aproximadamente dois pés do atleta em relação à linha de largada. O pé correspondente à perna posterior, por sua vez, estará a cerca de dois e meio ou três pés (do atleta) de distância em relação à linha de largada, sendo essa a posição mais utilizada, sobretudo na fase de aprendizagem.

Longa: Quando a distância entre o pé anterior é maior em relação à linha de largada e o corredor mantém uma posição mais alongada do corpo (MATTHIESEN, 2004, p. 50).

4.2.2. Sobre o vestuário

Com o passar do tempo, o vestuário dos atletas também sofreu alterações. Cabral (2004) mostra um dos aspectos dessa mudança, dizendo que:

Nos tempos mais antigos, eles vestiam uma espécie de túnica longa (perízoma), que posteriormente foi abandonada. Segundo a tradição, Orsipo de Mégara foi o primeiro atleta a se desvencilhar desse traje e a correr desnudo, tornando-se o vencedor da décima quinta olimpíada (720 a.C.) (p.176).

¹⁰⁵

Fonte: IMOTION, **Imagens**, disponível em: http://www.imotion.com.br/imagens/details.php?image_id=5479&mode=search&sessionid=1bb71ca785f395cda b31b621e29c2176, acesso em 22/07/09.



Figura 107: Túnica usada pelos gregos.¹⁰⁶

Atualmente, os competidores devem, segundo as regras, usar uniformes que sejam limpos, de material que não seja transparente mesmo se estiverem molhados e que não atrapalhem a visão do árbitro. Esses uniformes devem ser aprovados pela Federação Nacional (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO).

Os uniformes dos competidores deverão conter dois números de identificação: um sobre o peito e outro sobre as costas, ficando visíveis, mesmo que o atleta esteja trajando um agasalho (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO).

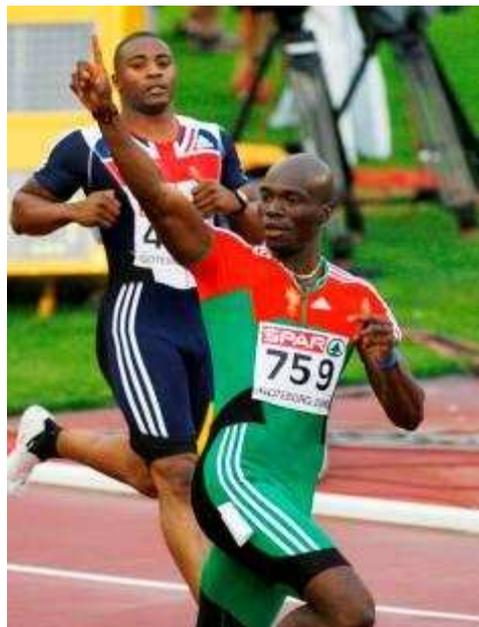


Figura 108: Francis Obikwelu, português de origem nigeriana, campeão da Europa nas provas de 100 e 200 metros rasos, vestindo uniforme com o número de identificação.¹⁰⁷

¹⁰⁶ Fonte: Disponível em: <http://5fjoiaseroupasdoantigoegito.blogspot.com/2009/06/joias-roma-antiga-joia-e-um-acessorio.html>, acesso em 17/07/09.



Figura 109: Número colocado sobre as costas da atleta.¹⁰⁸

Na figura 109 é possível observar um número na lateral, além do fixado nas costas da atleta. O livro de regras da Confederação Brasileira de Atletismo (2004) nos explica isso dizendo:

9. Quando o aparelho de Photo finish estiver em operação, o Comitê Organizador da competição pode solicitar aos competidores o uso de números adicionais, do tipo adesivo na parte lateral de seus calções. A nenhum competidor será permitido participar em qualquer competição sem o(s) número(s) apropriado(s) e ou identificação (p. 96).

Em relação às mudanças do vestuário dos atletas, podemos observar nas imagens, tanto dos homens como das mulheres que os uniforme de antigamente eram maiores e mais largos. Com o tempo eles se tornaram cada vez mais justos ao corpo. Exemplo disso é a figura 110, que ilustra uma competição dos Jogos Anuais de Wendell Phillips High School , em 1909, em que as competidoras aparecem vestindo saias, e blusas com mangas, um tanto quanto largas como compridas.

¹⁰⁷ Fonte: OCASIONALIDADES, disponível em: <http://ocasionalidades.wordpress.com/2007/01/09/atletismo-obikwelu-eleito-atleta-europeu-do-ano/>, acesso em 09/03/2008.

¹⁰⁸ Fonte: CLICRBS, **China em foco**, disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=95091&blog=471&coldir=1&topo=4242.dwt>, acesso em 22/07/09.



Figura 110: Competição feminina em 1909.¹⁰⁹

Outro exemplo é o da figura 111, que ilustra a primeira campeã olímpica dos 100 metros rasos, em 1928, Betty Robinson usando uma camiseta com mangas e um shorts, ambos bastante folgados.



Figura 111: Betty Robinson¹¹⁰

Vinte anos mais tarde, nos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, a holandesa medalhista de ouro nas provas de 100 e 200 metros rasos, 80 metros com barreiras e revezamento 4x100 metros, Fanny Blankers-Koen ainda usava camiseta e shorts; apesar desse último ser um pouco mais curto.

¹⁰⁹ Fonte: IHSA, **Ilinois H.S.toric**: Early Girls Track and Field. Disponível em: http://www.ihsa.org/initiatives/hstoric/track_girls_early.htm, acesso em 28/07/09.

¹¹⁰ Fonte: IHSA, **Ilinois H.S.toric**: Early Girls Track and Field. Disponível em: http://www.ihsa.org/initiatives/hstoric/track_girls_early.htm, acesso em 28/07/09.



Figura 112: Fanny Blankers-Koen em 1948.¹¹¹

Doze anos mais tarde os uniformes parecem ter ficado mais justos, assim como é possível observar na figura 113, de Wilma Rudolph, medalha de ouro nas provas de 100, 200 metros rasos e revezamento 4x100 metros. Ao lado dessa figura aparece outra em que é possível observar o agasalho da equipe norte-americana da época.

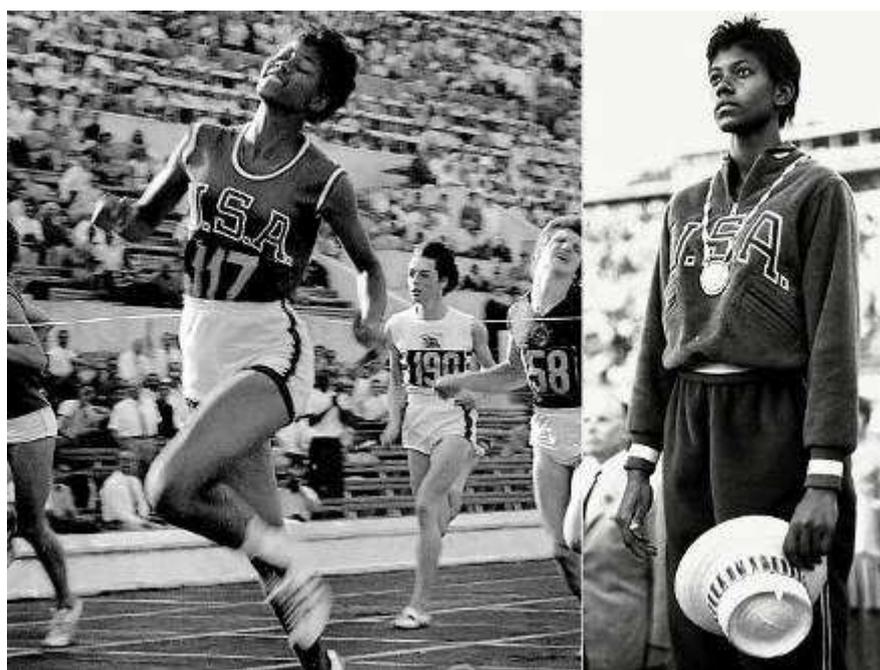


Figura 113: Wilma Rudolph em 1960.¹¹²

¹¹¹ Fonte: WORLD'S LATEST SPORTS EVENTS. http://worldsportsinfo.blogspot.com/2008_08_01_archive.html, acesso em 28/07/09.

A figura 114 registra diferentes momentos da velocista alemã Renate Stecher entre 1969 e 1976, que nos ajudam a concluir que as roupas utilizadas pela atleta nesse período não eram muito diferentes às utilizadas em 1960.



Figura 114: Renate Stecher, 1969-76.¹¹³

Entretanto, de 1928, quando ocorreu a primeira participação feminina em Jogos Olímpicos até 1976 é fácil constatar que as roupas ficaram mais curtas e mais coladas ao corpo.

Ao observarmos imagens de Florence Griffith-Joyner, entre 1983 e 1988, verificamos várias outras modificações que ocorreram no vestuário das corridas de velocidade. Na figura 115, de 1983, a norte-americana aparece com uma roupa semelhante a utilizada da década de 1970, ou seja, shorts e blusa regata presa no shorts. No ano seguinte, isto é, em 1984, a atleta aparece com uma roupa semelhante a um maiô de praia ou de natação, deixando o uniforme mais justo ao corpo.

¹¹² Fonte: SPORTS ILLUSTRATED, Photos. Disponível em: http://sportsillustrated.cnn.com/multimedia/photo_gallery/0808/best.woman.athlete.by.birth.state/content.42.html, acesso em 28/07/09.

¹¹³ Fonte: SPORTING-HEROES – Athletes. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=10319>, acesso em 28/07/09.

Em 1986, a semelhança do uniforme a um maiô continua, apesar do tamanho parecer diminuir um pouco.

Já em 1987, Florence aparece com uma roupa totalmente diferente, que cobre quase o corpo todo da atleta, deixando de fora apenas os pés, mãos e a face, já que o uniforme, colante ao corpo, possui um gorro para cobrir a cabeça. Um ano depois o maiô volta a ser utilizado, porém o gorro utilizado no uniforme anterior continua.



Figura 115: Florence Griffith-Joyner, 1983.¹¹⁴

¹¹⁴ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8556>, acesso em 28/07/09.



Figura 116: Florence Griffith-Joyner, 1984.¹¹⁵



Figura 117: Florence Griffith-Joyner, 1986.¹¹⁶

¹¹⁵ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8557>, acesso em 28/07/09.

¹¹⁶ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8558>, acesso em 28/07/09.



Figura 118: Florence Griffith-Joyner, 1987.¹¹⁷



Figura 119: Florence Griffith-Joyner, 1988.¹¹⁸

Na figura 120 podemos observar, na final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Sydney, 2000, várias modificações em relação ao comprimento do uniforme utilizado pelas

¹¹⁷ SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8559>, acesso em 28/07/09.

¹¹⁸ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8560>, acesso em 28/07/09.

velocistas. É possível observar que as atletas utilizam roupas justas, coladas ao corpo, algumas das quais cobrindo o tronco, deixando apenas os membros inferiores e superiores de fora, enquanto outras não cobrem a barriga.



Figura 120: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos Sydney, 2000.¹¹⁹

Mas é em 2000, que a australiana Cathy Freeman, corredora dos 400 metros rasos, aparece competindo com uma roupa parecida com a usada por Florence Griffith-Joyner em 1987.



Figura 121: Cathy Freeman, australiana, medalhista de ouro da prova dos 400 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Sydney, 2000.¹²⁰

¹¹⁹ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9166>, acesso em 28/07/09.

¹²⁰ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.



Figura 122: Cathy Freeman, 2000.¹²¹

Com base em todas essas figuras podemos afirmar que a principal mudança que ocorreu nos vestuários utilizados pelas atletas de velocidade¹²² durante todos esses anos está relacionada ao tamanho do uniforme. Ou seja, antigamente elas eram maiores e mais largas, depois passaram a ficar mais curtas e mais justas. Nos últimos tempos, o tamanho das roupas pode até variar (cobrindo o corpo todo ou apenas o tronco), porém todos são colados ao corpo, como fruto da evolução tecnológicainerente ao esporte de competição. A idéia é que esse tipo de vestimenta contribua para o desempenho do atleta.

Nesse sentido, são muitos os estudos realizados para que a roupa do atleta contribua para a performance, diminuindo, por exemplo, o atrito com o ar, que ela seja mais leve, absorva o suor etc.

¹²¹ Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

¹²² Apesar de termos ilustrado as modificações no vestuário por meio da análise de fotos de mulheres, é fácil observar o mesmo tipo de modificação no vestuário do corredores de velocidade.



Figura 123: Empresa de material esportivo, Nike, testando seus materiais: 'Aerographic Swiftsuit' e a sapatilha 'Zoom Victory'.¹²³



Figura 124: Aerographic Swiftsuit.¹²⁴



Figura 125: Sapatilha Zoom Victory¹²⁵

¹²³ Fonte: WALLPAPER, **Fashion**. Disponível em: <http://www.wallpaper.com/fashion/nike-swiftsuit-victory-spike/2514>, acesso em 28/07/09.

¹²⁴ Fonte: WALLPAPER, **Fashion**. Disponível em: <http://www.wallpaper.com/fashion/nike-swiftsuit-victory-spike/2514>, acesso em 28/07/09.

¹²⁵ Fonte: WALLPAPER, **Fashion**. Disponível em: <http://www.wallpaper.com/fashion/nike-swiftsuit-victory-spike/2514>, acesso em 28/07/09.

Das várias novidades tecnológicas utilizadas nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, merecem destaque as ressaltadas por Silva (2008):

No atletismo, uma idéia semelhante à do LZR Racer deverá ser vista dentro das pistas. A Adidas levará aos Jogos Olímpicos de Pequim seu TechFit PowerWeb, traje que ajuda não apenas a melhorar a aerodinâmica, mas também a diminuir a perda de energia do atleta. A roupa, que deverá ser usada pelo corredor norte-americano Tyson Gay, também comprime a musculatura do atleta de forma a minimizar a fricção do ar com as dobras do corpo, além de ter função cinética. Na largada da corrida, as passadas do atleta dissipam muita da energia usada para a explosão, explica a Adidas. A compressão oferecida pelo Techfit PowerWeb, diz a fabricante, ajuda a estabilizar os músculos usados durante a largada e converter a energia que seria desperdiçada para as passadas à frente, o que aumenta em 5,3% o desempenho do atleta e diminui o tempo gasto em 1,1%.

A concorrente Nike aposta em um novo sistema chamado Nike Swift System of Dress, que oferece peças separadas que podem cobrir pernas, braços, costas e bustos de corredores, com diminuição de até 19% no atrito do atleta com o ar.¹²⁶



Figura 126: TechFit PowerWeb da Adidas.¹²⁷

¹²⁶ Fonte: SILVA, E. M. Tecnologia em roupas e calçados fará a diferença em Pequim. Disponível em: <http://www.boletimef.org/forum/viewtopic.php?f=21&t=272>, acesso em 29/07/09.

¹²⁷ Fonte: SILVA, E. M. Tecnologia em roupas e calçados fará a diferença em Pequim. Disponível em: <http://www.boletimef.org/forum/viewtopic.php?f=21&t=272>, acesso em 29/07/09.



Figura 127: Nike Swift System of Dress.¹²⁸

Em relação aos calçados utilizados pelos atletas, também verificamos várias modificações. Cabral (2004), por exemplo, lembra que os atletas na Grécia Antiga corriam descalços. Hoje em dia isso também é permitido, como podemos ver no livro de regras da Confederação Brasileira de Atletismo (2004):

2. Os atletas podem competir descalços ou calçados em um ou em ambos os pés. A finalidade dos sapatos para competição é dar proteção e estabilidade aos pés e um atrito firme no chão; entretanto, tais sapatos não devem ser feitos de modo a dar qualquer vantagem adicional ao competidor, nem conter nenhuma moa ou aparelho de qualquer tipo. É permitido o uso de correia no peito do pé (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2004, p.95).

Ou seja, os atletas podem correr descalços, de tênis ou com a sapatilha de pregos. Os velocistas profissionais utilizam a sapatilha própria da modalidade para que tenham uma melhora na performance, mas é Smit (2007) quem nos conta um pouco mais sobre os primeiros calçados esportivos utilizados por corredores:

Entre os atletas que estavam em Berlim, só os mais ricos tinham dinheiro para comprar os sapatos Foster. Com o nome de um sapateiro de Bolton, esses calçados haviam despontado para a fama nas Olimpíadas de Paris de Paris nos pés de Harold Abrahams e Eric Liddell, os heróis cuja história seria tema do filme Carruagens de fogo. Herdeiro de uma longa linhagem de sapateiros de Nottinghamshire, Samuel Foster começou, em 1862, a complementar sua linha de produtos comum com calçados para a prática de críquete, destacando-se como o inventor do modelo com travas para esse

¹²⁸ Fonte: SILVA, E. M. Tecnologia em roupas e calçados fará a diferença em Pequim. Disponível em: <http://www.boletimef.org/forum/viewtopic.php?f=21&t=272>, acesso em 29/07/09.

esporte. O filho de Samuel mudou-se com a família para Bolton, onde abriu uma confeitaria, mas um de seus netos havia aprendido com determinação a arte de fabricar sapatos.

Ávido corredor, Joe Foster colocou em prática o conhecimento do avô para desenvolver calçados leves com trava para corrida, que chegaram ao mercado com o nome de “Sapatilha de Corrida de Joe Foster”. Eles ficaram conhecidos entre os corredores em 1904, quando Alf Schrubbs, um pequenino corredor de longa distância de Sussex, bateu três recordes mundiais em uma única corrida em Ibrox Park, Glasgow, calçando as sapatilhas. Mas foi depois do triunfo britânico nos Jogos de 1924 que o negócio de Foster decolou e ele pôde abrir uma fábrica destinada somente à fabricação de calçados esportivos, chamada The Olympic Works (p. 30 -31).



Figura 128: Modelo de sapatilha atual de atletismo.¹²⁹

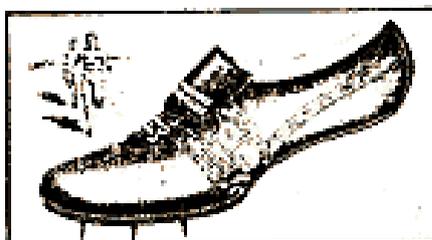
O site da marca esportiva Reebok¹³⁰ diz que o inglês Joseph William Foster desenvolveu em 1895 o primeiro calçado de atletismo com travas (pregos). Foster deixou a empresa de calçados para seus filhos e netos, a qual, em 1958, passou a se chamar Reebok. Isso nos leva a constatar que a primeira sapatilha de atletismo foi produzida em 1895.

¹²⁹ Fonte: MERCADO LIVRE, disponível em: http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-67658203-sapatilha-de-atletismo-para-velocidade-nike-zoom-rival-s-_JM, acesso em 03/09/2008.

¹³⁰ Fonte: REEBOK, **Institucional**. Disponível em: <http://www.reebok.com.br/>, acesso em 27/07/09.

1936—If you want to be **successful this Season**, wear
FOSTER'S FAMOUS SHOES,
 As used by **ALL CHAMPIONS.**

Worn by
 the International
 Cross-Country
 Champion, 1933,
 1934, 1935, and
 successful athletes
 in the Olympic
 Games since 1908.



Running, Cycling,
 Road Walking,
 Jumping,
 Cross-Country,
 Road Racing
 Shoes,
 Boxing, Soccer
 and Rugby Boots.

Hand-Made throughout.

Write for Price List and Self-Measurement Form to—

J. W. FOSTER & SONS, Olympic Works, Deane Rd., Bolton, Lancs.

Figura 129: Sapatilha Foster.¹³¹

O site STRATEGIA nos conta um pouco mais sobre a história da empresa Reebok e, consequentemente, sobre a origem da sapatilha e atletismo, já que, como vimos, as duas estão relacionadas:

A Reebok foi fundada em 1895 por Joseph William Foster, um jovem membro do clube atlético British Bolton Primrose Harries. Foster observou que vários corredores eram mais rápidos do que ele, e começou a procurar uma forma de melhorar sua performance. Martelando um conjunto de pregos feitos por ele nas solas de seus sapatos descobriu que sua performance melhorava. Assim, constituiu a J. W. Foster Company para produzir e vender seu revolucionário produto, e logo após todos os atletas do clube Harrier estavam usando calçados fabricados pela Foster. A J. W. Foster continuou a revolucionar a indústria de calçados para atletas inventando outros produtos, inclusive o “Running Pump” que foi apresentado em 1909.¹³²

¹³¹ Fonte: STRATEGIA, Caso Reebok – história. Disponível em: http://www.strategia.com.br/Casos/casos_corpo_reebok.htm, acesso em 27/07/09.

¹³² Fonte: STRATEGIA, Caso Reebok – história. Disponível em: http://www.strategia.com.br/Casos/casos_corpo_reebok.htm, acesso em 27/07/09.



Figura 130: sapatilha antiga da Reebok.¹³³



Figura 131: Sapatilhas Reebok¹³⁴

Outra empresa de material esportivo que está ligada a origem dos calçados esportivos é a Adidas. Segundo Smit (2007), Adolf Dassler, o fundador da Adidas, abriu uma pequena sapataria em 1920. Um dos interesses de Dassler eram os calçados esportivos, principalmente os de corrida:

Adolf começou produzindo sapatos robustos, do tipo que poderia durar muitos anos. Contudo, estava mais interessado em calçados esportivos. Vendeu algumas sapatilhas para ginástica e trabalhou avidamente em protótipos de calçados para corrida. Naquela época, essa parte do negócio ainda era um tanto experimental, pois Adi e seus amigos eram os únicos “consumidores”. As travas desses calçados eram moldadas e presas às solas pelo seu amigo Fritz Zehlein, que, convenientemente, era filho do ferreiro da cidade.

Para melhorar os calçados de corrida, Dassler estudou com ímpeto os métodos de produção utilizados em países com uma tradição mais arraigada nesse esporte. O mais importante deles era, de longe, a Finlândia, que havia conquistado uma série de medalhas nas Olimpíadas em arremessos e corrida. Os finlandeses, mestres na média distância, tinham à frente o impassível Paavo Nurmi, um pequenino corredor aparentemente inexpressivo que bateu uma série de recordes mundiais a ganhou oito medalhas olímpicas de ouro. Ele também gerou uma publicidade sem igual para a Karhu, uma empresa e Helsinque dedicada à fabricação de calçados para os melhores atletas da Finlândia. A marca ganhou estrelato durante as Olimpíadas de 1920, na Antuérpia, ocasião em que foi utilizada por todos os lançadores de dardo

¹³³ Fonte: ZAPAPEDIA. Disponível em: <http://www.zapapedia.com/category/bread-butter/>, acesso em 27/07/09.

¹³⁴ Fonte: ZAPAPEDIA. Disponível em: <http://www.zapapedia.com/category/bread-butter/>, acesso em 27/07/09.

finlandeses. Mas ela realmente deslanchou nos jogos de Paris, quando Paavo Nurmi ganhou cinco medalhas de ouro usando notável par de calçados de corrida brancos (p. 17).

Com isso, podemos concluir que antes mesmo dos calçados de Dassler, já existia uma outra empresa preocupada com os calçados esportivos, a Karhu. Apesar disso, não conseguimos saber se a empresa fabricava sapatos específicos para corrida, assim como o fizeram Foster e Dassler, ou se, simplesmente, fabricavam sapatos esportivos em geral.

Segundo o site da empresa Karhu¹³⁵, a empresa nasceu em 1916, sendo que na década de 1920 mudou seu nome para Karhu que significa urso. Nessa época, disco e dardo eram os principais produtos produzidos, mas a empresa também fabricava calçados para corrida, sendo que forneceu material para os finlandeses pela primeira vez nos Jogos Olímpicos da Antuérpia, em 1920.



Figura 132: Logotipo Karhu.¹³⁶

Em 1924 foi fundada a Gebrüder Dassler, fábrica de calçados dos irmãos Dassler, cujas instalações são ilustradas pela figura 133.



Figura 133: Fábrica Gebrüder Dassler.¹³⁷

¹³⁵ Fonte: KARHU, **Finland's Legendary Running Brand**. Disponível em: <http://karhu.com/index.php?pid=3>, acesso em 28/07/09.

¹³⁶ Fonte: CROSS COUNTRY SKIER, **Equipment**. Disponível em: http://www.crosscountryskier.com/2007_08/equipment/karhu.htm, acesso em 28/07/09.

Segundo o site da empresa esportiva Adidas¹³⁸, Adi Dassler fez o primeiro calçado com travas em 1926, sendo que em 1928 forneceu seus calçados para alguns atletas disputarem os Jogos Olímpicos de Amsterdam.



Figura 134: Sapatilha dos Dassler usada por corredores nos Jogos Olímpicos de Amsterdam em 1928.¹³⁹

O primeiro atleta a ganhar uma medalha usando as sapatilhas de Dassler foi o alemão Arthur Jonath na prova dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1932, conforme ilustra a figura 135.



Figura 135: Arthur Jonath na prova dos 100 metros rasos.¹⁴⁰

Depois disso, Adi Dassler conseguiu que o velocista Jesse Owens usasse seu calçado nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, fato que repercutiu positivamente para essa empresa de calçados, como nos conta Simson e Jennings (1992):

[...] O atletismo é uma das chaves para o mundo olímpico. A Adidas construiu seu Noé e reputação graças a este esporte. Jesse Owens, na Olimpíada de 1936 em Berlim, ganhou quatro medalhas de ouro calçando Adidas. É só olhar para as fotografias dos campeões olímpicos. Os anos passam, mas a imagem das três listras nos calçados se repete regularmente.

¹³⁷ Fonte: ITOMIZER, **Il marketing incontra lo sport: la storia di Adidas**. Disponível em: <http://itomizer.com/2008/07/19/il-marketing-incontra-lo-sport-la-storia-di-adidas/>, acesso em 28/07/09.

¹³⁸ Fonte: ADIDAS, **Adidas Press Room** – Olympic History. Disponível em: <http://www.press.adidas.com/en/DesktopDefault.aspx/tabid-86/>, acesso em 24/07/2009.

¹³⁹ Fonte: ADIDAS, **Adidas Press Room** – Olympic History. Disponível em: <http://www.press.adidas.com/en/DesktopDefault.aspx/tabid-86/>, acesso em 24/07/2009.

¹⁴⁰ Fonte: ADIDAS, **Adidas Press Room** – Olympic History. Disponível em: <http://www.press.adidas.com/en/DesktopDefault.aspx/tabid-86/>, acesso em 24/07/2009.

‘O pai de Horst, o velho Adolph, compreendeu a importância de fixar a marca, e a importância das Olimpíadas. As pessoas se esquecem, hoje em dia, de que este era o único evento realmente internacional em atletismo, na época. Adolph Dassler percebeu que se tornava cada vez mais importante criar o mito de que só a Adidas fazia tênis para campeões. ‘O vencedores usam Asidas.’ Em outras palavras, se alguém ia ganhar a medalha de ouro, a ganharia usando Adidas (p. 41).’



Figura 136: Adolph (Adi) Dassler em sua fábrica (SMIT, 2007, p.22).

Em 1948, os irmãos Adi Dassler e Rudolph se separaram e duas novas empresas foram criadas. Adi fundou a Adidas, cujo nome corresponde a uma junção de seu apelido e de seu sobrenome, enquanto Rudolph criou a Puma, marcas que até hoje estão no mercado. Vale lembrar que a Puma tem como garoto propaganda Usain Bolt, atual recordista mundial dos 100 e 200 metros rasos.



Figura 137: Usain Bolt e sua sapatilha dourada da Puma.¹⁴¹

¹⁴¹ Fonte: ESTRATÉGIA EMPRESARIAL. <http://estrategiaempresarial.wordpress.com/2008/09/04/>, acesso em 28/07/09.



Figura 138: Usain Bolt e sua sapatilha durante o recorde mundial dos 100 metros rasos.¹⁴²

A seguir, nas figuras 139 e 140, podemos ver duas sapatilhas da Adidas, usadas em 1960 e 1964, respectivamente.



Figura 139: Sapatilha usada por Armin Hary na final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Roma em 1960.¹⁴³



Figura 140: Sapatilha da Adidasn usada pelo alemão Willi Holdorf, o primeiro de sua pátria a ganhar a medalha de ouro no decatlon.¹⁴⁴

¹⁴² Fonte: VICARI, B. **Pedaladas**. Disponível em: <http://blogs.jovempan.uol.com.br/pedaladas/tag/pequim-2008/>, acesso em 28/07/09.

¹⁴³ Fonte: NETSCHOOL. **Sport** – Sportgeschichte. Disponível em: <http://www.netschool.de/spo/dsomk/dsomk06.htm>, acesso em 25/05/09.

¹⁴⁴ Fonte: ADIDAS, **Adidas Press Room** – Olympic History. Disponível em: <http://www.press.adidas.com/en/DesktopDefault.aspx/tabid-86/>, acesso em 24/07/2009.

4.2.3. Sobre a largada

As pistas da Grécia Antiga possuíam seus próprios sistemas de largada e chegada. No início e ao final da pista, haviam postes de madeira que definiam os vencedores da prova. Esses postes de madeira, onde se dava a largada, juntamente com a linha de pedras demarcada sobre a areia, situado a leste, eram conhecidos como *aphesis*. O outro poste, posicionado a oeste e próximo ao altar de Zeus, recebia o nome de *terma* e sinalizava a chegada do dromo (GODOY, 2001, p.75-76).

Segundo Cabral (2004, p.178), as linhas de partida e chegada, nessa época, eram feitas por linhas riscadas no solo que se chamavam *grammés*. Por terem que ser renovadas constantemente, a partir do século V a.C. foram construídas linhas permanentes, chamadas de *balbídes*.

Segundo Cabral (2004):

As linhas de partida tinham geralmente a mesma forma, como a que foi conservada e que se mostra com toda clareza em Olímpia: uma fileira de placas de pedra longas e estreitas com dois sulcos paralelos contínuos na sua extensão (cuja distância entre ambos é de aproximadamente 0,18 m), sobre os quais os atletas posicionavam seus pés na linha de partida. Havia cavidades a cada 1,25 m para o encaixe de stacas que separavam as posições dos corredores. Em Olímpia, as linhas de partida (*balbídes*) tinham posições para 20 corredores; em Delfos, para 17 ou 18; em Mileto, para 12; em Epidauro, para 11; em Priene e em Dídima, para 6. Os estádios do Istmo e de Delos tinham apenas um sulco na extensão da linha de partida. Em Corinto, onde havia 16 posições para os corredores, os sulcos contínuos foram substituídos por duas cavidades em cada posição: a da frente para o pé esquerdo e a de trás para o pé direito, com uma distância de 0,63 m entre ambas – ou seja, muito mais afastadas entre si que nos outros estádios (p.178).



Figura 141: Sulcos para apoiar os pés, conhecido como balbídes.¹⁴⁵

O balbídes foi usado em locais onde o sistema de largada denominado hýsplex era mais complexo.

Esse sistema foi descrito por Cabral (2004) da seguinte maneira:

Vestígios do hýsplex, uma barra estreita ou uma corda que era usada para dar o sinal de largada, foram preservados no estádio do santuário de Posídon, no Istmo; ele esteve em funcionamento do início do século IV a. C. Até a destruição do estádio pelos romanos em 146 a.C. A disposição do mecanismo de partida tinha a forma de um triângulo isósceles em cuja base situava-se a linha de partida. No vértice do triângulo localizava-se uma cova circular de aproximadamente 1 m de profundidade por 0,53 m de diâmetro, na qual o aphétes (o operador da linha de partida) permanecia. A linha de partida possuía cavidades para a inserção de estacas verticais retangulares que a dividiam em 17 posições. Através de cada estaca vertical saía um fino sulco e todos eles se dirigiam para a cova do operador da linha de partida e eram atravessados por grampos de bronze em toda a sua extensão. Essa evidência permite-nos reconstruir o modo de funcionamento do hýsplex com exatidão absoluta: havia barras móveis de madeira que permaneciam em posição horizontal sobre as estacas verticais, as quais separavam as posições dos corredores, que ficavam atrás dessas barras. Estas estavam conectadas a fios que passavam através das estacas verticais, desciam até a sua base e passavam através dos sulcos e dos grampos até chegarem ao aphétes, o

¹⁴⁵

operador da linha de partida, que segurava todos os fios juntos. Com uma puxada brusca, as barras horizontais caíam todas ao mesmo tempo e abriam o caminho para os corredores, possibilitando, assim que todos eles começassem a correr juntos (p. 178).

Nas figuras 142, 143 e 144 podemos visualizar esse diferenciado sistema de largada utilizado pelos corredores de velocidade na Grécia Antiga.

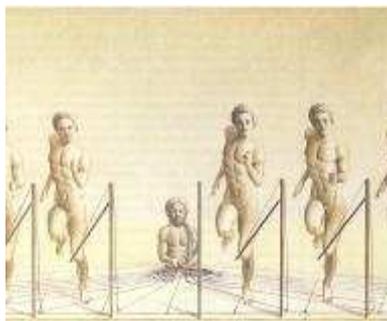


Figura 142: Sistema de largada dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga (YALOURIS, 2003, p.169).

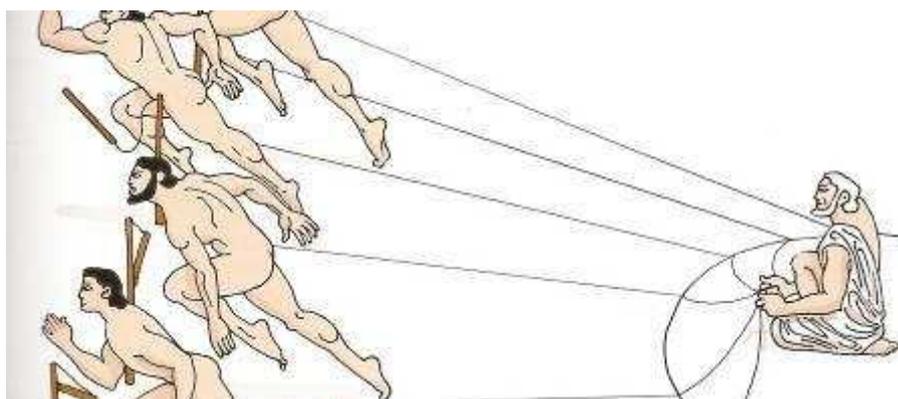


Figura 143: Largada no estádio do santuário de Posídon, no Istmo (CABRAL, 2004, p.179).

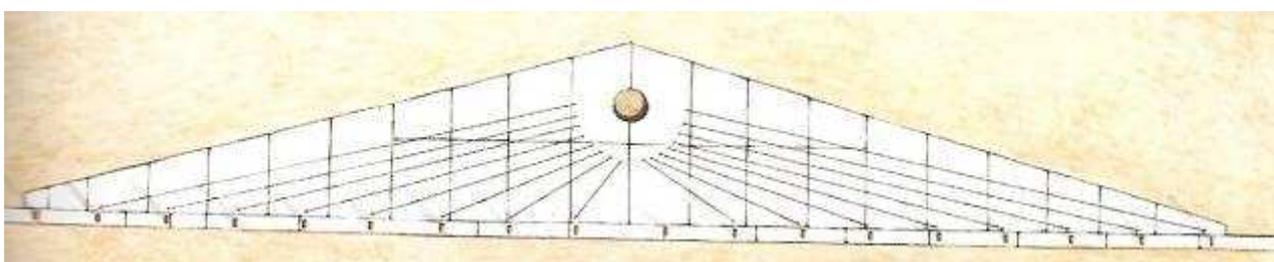


Figura 144: Esquema da largada (CABRAL, 2004, p.179).

Nas figura 145 e 146 podemos observar os locais onde eram disputas as corridas de velocidade com esse complexo sistema de largada.



Figura 145: Vista do estádio de Rodes com o local para a largada.¹⁴⁶



Figura 146: Sistema de largada do Istmo.¹⁴⁷

Nas figuras 147 e 148 podemos observar duas formas de reconstrução do hýsplex.

¹⁴⁶ Fonte: VENI VIDI TRAVEL, Greece. Disponível em: <http://www.venividitravel.com/greece/packages/info/66/old-city-philerimos-tour.html>, acesso em 24/07/09.

¹⁴⁷ Fonte: ANCIENT OLYMPICS. Disponível em: <http://ancientolympics.arts.kuleuven.be/picEN/slides/P0423.jpg.html>, acesso em 24/07/09.



Figura 147: Reconstrução do sistema de largada utilizado em Neméia, nos Jogos Nemeanos.¹⁴⁸

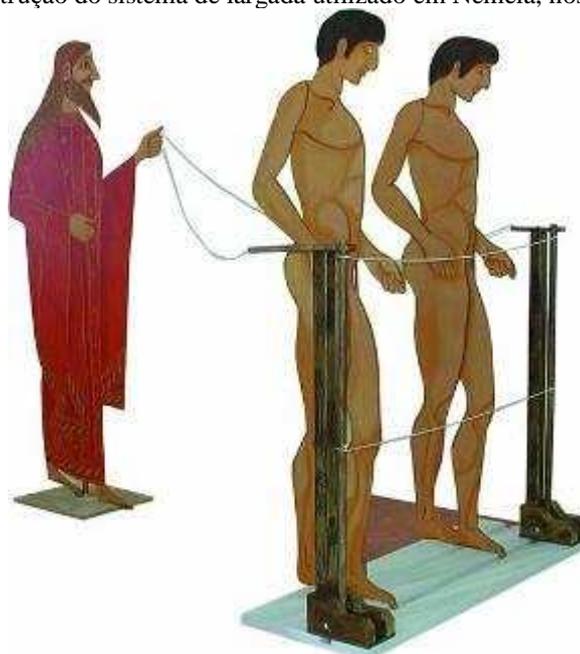


Figura 148: Reconstrução da largada utilizada pelos gregos na Grécia Antiga.¹⁴⁹

Atualmente, a linha de largada, situada no início da reta dos 100 metros rasos e a linha de chegada, situada ao final dela, medem 5 cm, sendo que, esta última é utilizada para definir a chegada em todas as provas de pista.

Quanto às linhas que delimitam as raias, verificamos que, inicialmente, eram suspensas, até serem feitas de cal ou de tinta, de acordo com o material de cada pista.

¹⁴⁸ Fonte: ARCHAEOLOGY, **Stadia and Starting Gates**. Disponível em: <http://www.archaeology.org/online/features/olympics/stadia.html>, acesso em 24/07/09.

¹⁴⁹ Fonte: IDEKE. Disponível em: http://www.ideke.edu.gr/sde/sde_pirgou/vsp1.jpg, acesso em 24/07/09.

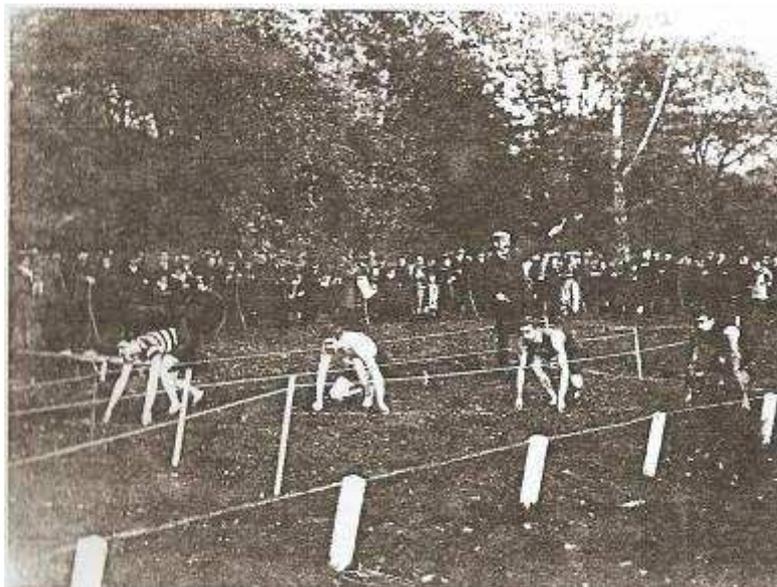


Figura 149: Raias suspensas (VIGARELLO, 1988, p. 28).



Figura 150: Linha de largada dos 100 metros rasos e suas raias pintadas na pista.¹⁵⁰

¹⁵⁰ Fonte: SIMPLES CIDADE, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.simplescidade.com.br/rio-janeiro/postagens/2008-04-15/1111/vila-olimpica-do-salgueiro-esta-de-cara-nova-e-oferece-capacitacao-para-jovens/>, acesso em 29/07/09.



Figura 151: Pista de agregado de carvão com as raias e linha de chegada.¹⁵¹

Atualmente, os comandos de partida das provas de velocidade serão dados pelo árbitro em inglês, francês ou em sua própria língua seguindo essa ordem: “As suas marcas”; quando os atletas se posicionam no bloco de partida; “prontos”: quando o árbitro verifica se todos os competidores estão imóveis, sendo que se assim estiverem, o revólver ou o equipamento aprovado será disparado (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2004.).



Figura 152: Tiro de Largada.¹⁵²

¹⁵¹ Fonte: FLICKR. Disponível em: <http://www.flickr.com/groups/fotografiacms/discuss/72157600200442469/>, acesso em 29/07/09.

¹⁵² Fonte: OMEGA WATCHES. Disponível em: http://www.omegawatches.cn/index.php?id=235&tx_ttnews%5BpS%5D=1207000800&tx_ttnews%5BpL%5D=

A prova dos 100 metros rasos também teve uma grande mudança na largada, mais especificamente em relação à penalidade da saída falsa, provavelmente por um motivo ético e de respeito ao ser humano, já que, nos I Jogos Olímpicos, os erros eram punidos com violência, como nos conta Cabral (2004): “Qualquer um que partisse antes de ser pronunciada a palavra de comando devia ser submetido a um castigo, aparentemente de natureza corporal” (p. 180). Apesar disso, não é possível termos certeza sobre a existência desses castigos corporais. Mas é fato que as alterações concernentes às punições para a saída falsa em provas de velocidade foram muitas ao longo dos anos.

Segundo o livro de regras da Confederação Brasileira de Atletismo (1973), as punições por uma saída falsa aconteciam da seguinte forma:

5. – Ao comando de **Pronto**, todos os competidores deverão, a um só tempo e sem demora, tomar completa e final posição de partida. A não-obediência a esse comando, dentro de um tempo razoável, constituirá uma saída falsa.
6. – Se um competidor deixa seu bloco, com a mão ou com o pé, depois das palavras **às suas marcas** ou **Pronto**, qualquer que seja o caso, e antes que o revólver seja detonado, será isso considerado uma saída falsa.
7. – Qualquer competidor que fizer uma saída falsa deverá ser advertido. Se um competidor for responsável por duas saídas falsas, ou três, no caso do Pentatlo ou do Decatlo, será desclassificado (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2004, p. 58).

A partir de 2003, a regra oficial para a saída baixa sofreu novas alterações, passando a vigorar com o seguinte texto:

Qualquer competidor que cometa uma saída falsa deve ser advertido. Somente uma saída falsa por partida será permitida sem a desqualificação do(s) atleta(s) que a cometeu. Qualquer (quaisquer) atleta(s) que cometer(em) outras saídas falsas na corrida deve(m) ser desqualificado(s) desta (aplicável a partir de 1-1-2003) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, p. 106, 2004).

De acordo com essas informações é possível concluir que antigamente cada atleta podia cometer uma saída falsa. Se esse mesmo atleta cometesse uma nova saída irregular, seria punido com a desclassificação da prova. Hoje em dia é permitido apenas uma saída falsa por prova, como determina a regra específica.

4.2.4. Sobre a evolução técnica

A corrida é algo natural ao ser humano, tendo como objetivo a locomoção de uma forma mais rápida que o caminhar. Para Barros (1978): "...a boa técnica de correr é a manifestação dos movimentos naturais do ser humano, quando pretende deslocar-se com mais velocidade e por isso, deixa de andar e passa a correr" (p.31).

Na corrida, diferentemente da caminhada, as alavancas do corpo possuem uma certa amplitude, fazendo com que a pessoa tenha uma fase da passada chamada de "aérea", onde os dois pés não ficam em contato com o solo. A amplitude da passada e, conseqüentemente, a fase aérea, dependem do tipo de corrida que está sendo realizada (BARROS, 1978, p.31).

Os 100 metros rasos, que é uma corrida de velocidade, possui uma amplitude maior que a dos demais tipos de corrida. No momento da corrida, o corpo se inclina ligeiramente para a frente, adiantando o centro de gravidade. A perna que está atrás na passada se estende fazendo uma pressão para trás e para baixo. Enquanto a perna de trás se estende, a da frente flexiona o joelho, levando-o para cima e para a frente. Os braços são muito importantes na corrida, sendo que sua principal função é o equilíbrio. Mesmo com um bom movimento dos membros inferiores, o corredor pode diminuir seu rendimento se o movimento dos membros superiores não for coordenado. Os braços trabalham no sentido ântero-posterior formando aproximadamente um ângulo de 90 graus. A superfície de contato dos pés com o solo na prova de velocidade é pequena, fazendo com que o corredor se movimente encostando apenas a ponta do pé no solo (BARROS, 1978, p.31-32).

A técnica detalhada anteriormente é específica para uma corrida de velocidade, no caso, a dos 100 metros rasos. Uma corrida de maior distância possui detalhes técnicos um pouco diferentes. Os gregos, segundo Tsirakis (2004), já percebiam essas diferenças técnicas, pois retratavam de formas diferentes um corredor de curta e um de longa distância. Ou seja: "Os gregos sabiam que cada modalidade esportiva requeria habilidade e preparo físico específicos e que a maneira de correr deveria variar de acordo com os diferentes tipos de corrida"(Tsirakis, 2004, p.80). Com isso, os gregos consideravam que o corredor ideal para curtas distâncias deveria ser grande/forte e possuir uma boa explosão.

Com a observação de imagens de vasos desse período, é possível verificarmos as diferentes técnicas utilizadas nas corridas da Grécia Antiga. No primeiro tipo de corrida, isto é, nas de velocidade, os corredores são representados com ambas as mãos estendidas, sendo que uma está apontada para cima e a outra para baixo, conforme ilustra a figura 153.

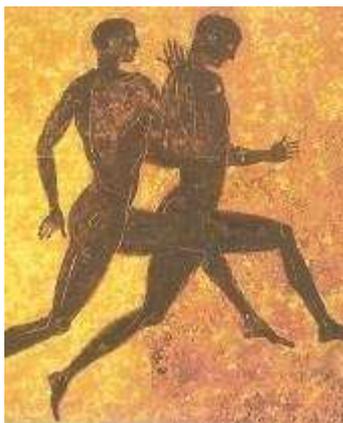


Figura 153: Corredores com movimentos mais curtos (GODOY, 2001, p. 76).

Já os atletas de corridas mais longas são representados, como observa Tsirakis (2004), com os braços flexionados na altura da cintura, conforme podemos evidenciar na figura 154.

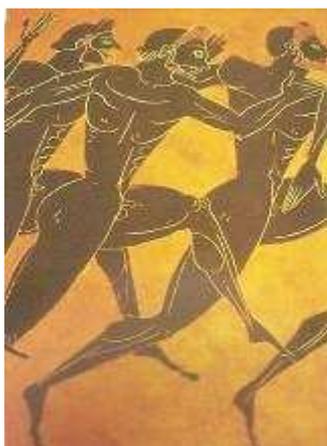


Figura 154: Corredores com movimentos mais amplos (GODOY, 2001, p. 28).

Como vemos, a representação e, portanto, a técnica da corrida é distinta de uma corrida para outra. Tsirakis (2004) relaciona isso com as provas da atualidade dizendo: “Se observarmos os corredores de hoje em dia, veremos que os corredores têm um preparo e uma postura diferenciada dependendo do tipo de corrida que disputam: de longa ou curta distância” (p.80).

Segundo Godoy (2001), o corpo do corredor, durante a largada na Grécia Antiga, se apoiava sobre a perna esquerda cujo joelho deveria estar flexionado. O braço esquerdo ficava à frente, enquanto o braço direito ficava alinhado para trás com a perna direita. Esta era considerada a partida clássica das corridas de velocidade, conforme observamos na figura 94.

A largada das provas de velocidade, hoje em dia, é feita por meio da saída baixa e com a ajuda do bloco de partida. Esses blocos, como vimos, são peças de madeira, sendo que os mais modernos podem ser feitos de outro tipo de material. O bloco de partida é fixado no solo possibilitando o apoio dos pés do corredor para que se possa dar um impulso inicial. Nesse tipo de saída, a perna de impulso fica na frente, sendo que ambos os pés se apoiam no bloco. As mãos ficam atrás da linha de partida e os braços ficam na vertical. O joelho da perna de trás se apóia no solo, alinhando-se com a ponta do pé da frente, enquanto que o joelho da perna da frente se alinha com os braços. Quando tudo isso estiver pronto o corredor deverá transferir o peso de seu corpo para a frente, provocando um pequeno desequilíbrio. Essa posição inicial é feita após o comando de “às suas marcas”. O segundo comando, “prontos”, só é feito quando todos os competidores estiverem imóveis e o corredor se adianta, elevando o quadril. O próximo passo é o tiro de largada, quando o corredor tira as mãos do solo e pressiona os blocos com os pés, impulsionando o corpo para frente. A primeira passada é feita pela perna que estava atrás no bloco (BARROS, 1978).

4.2.5. Sobre a chegada

A chegada das provas de velocidade da Antiga Grécia era marcada por um poste que ficava posicionado a oeste do altar de Zeus, recebendo o nome de terma (GODOY, 2001, p.75-76).

Já nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, podemos observar, por meio de imagens mais antigas, que a chegada era marcada por uma linha suspensa na altura do tórax do atleta como nos mostra as figuras a seguir.



Figura 155: Jesse Owens em uma prova de 100 jardas.¹⁵³



Figura 156: Valeriy Borzov, 1971.¹⁵⁴

Analisando as imagens dos Jogos Olímpicos da Era Moderna é possível observarmos que essa linha suspensa esteve presente até os Jogos Olímpicos do México, em 1968. Depois disso ela não aparece mais, como pode ser visto nas imagens dos Jogos Olímpicos seguintes.

¹⁵³ Fonte: GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331124>, acesso em 23/07/09.

¹⁵⁴ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=1443>, acesso em 28/07/09.



Figura 157: Final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos do México, 1968.¹⁵⁵



Figura 158: Final dos 100 metros rasos feminino dos Jogos Olímpicos de Munique, 1972.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9445>, acesso em 28/07/09.

¹⁵⁶ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7782>, acesso em 28/07/09.



Figura 159: Final masculina dos 100 metros rasos de 1972.¹⁵⁷



Figura 160: Final dos 200 metros rasos dos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976.¹⁵⁸

Deve-se deixar claro que foi apenas nos Jogos Olímpicos que a linha suspensa foi utilizada até 1968, já que existem registros que mostram o uso das linhas em outros campeonatos posteriores até mesmo o ano de 1972, data dos primeiros Jogos onde não foi usado essa linha. Na figura 161, podemos ver a final dos 100 metros rasos feminino do Campeonato Europeu, onde a linha suspensa de chegada está presente.

¹⁵⁷ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7762>, acesso em 28/07/09.

¹⁵⁸ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9903>, acesso em 28/07/09.



Figura 161: Final dos 100 metros rasos feminino do Campeonato Europeu, em 1974.¹⁵⁹

Segundo o livro de regras da Confederação Brasileira de Desportos (1973), o fio na linha de chegada ainda poderia ser utilizado na época:

10. – A menos que, na opinião do Árbitro, seja indesejável, por causa da direção e da velocidade do vento, o fio de lã, na chegada, deve ser estendido através da pista, entre os postes de chegada, a 1,22 m acima do solo e amarrada aos mesmos com a intenção de ajudar o Árbitro e os Juízes na colocação dos competidores. O fio deve estar imediatamente acima da borda da linha de chegada que está mais perto da saída (p.58).

Contudo, podemos concluir que essa linha deixou de existir nessa época, pois hoje em dia não são mais usadas nos campeonatos oficiais, sendo que de acordo com as regras da Confederação Brasileira de Atletismo (2004), as atuais regras da chegada são:

1. A chegada de uma corrida deve ser marcada por uma linha branca de 5 cm de largura.
2. Com a finalidade de facilitar a colocação do equipamento de photo finish e a leitura do filme de photo finish, a intercessão das linhas das raia e a linha de chegada deverá ser pintada de preto de uma maneira adequada.
3. Os competidores devem ser classificados na ordem em que qualquer parte de seu tronco (ficando excluídos: cabeça, pescoço, braços, pernas, mãos ou pés) atinja o plano vertical que passa pela borda anterior da linha de chegada, como ficou definido anteriormente.

O sistema utilizado hoje para verificar o vencedor de uma prova de velocidade atualmente é o photo finish, que determina o vencedor por meio de um registro fotográfico, como nos conta Silva (2007):

Cada atleta deverá se manter exclusivamente na sua raia do início ao final da prova, seguindo na direção anti-horária, isto é, num sentido tal que sua mão esquerda fique voltada a parte interna da pista de corrida – para a grama, por exemplo. Ganha a disputa o atleta que cruzar primeiro, com qualquer parte

¹⁵⁹ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=10370>, acesso em 28/07/09.

de seu tronco, a linha de chegada, que também é branca e tem 5 cm de largura.

Junto dela fica instalado o equipamento eletrônico de medição de tempo e um photo-finish, que atualmente é moderno a ponto de funcionar automaticamente e pode gerar imagens que estabelecem o tempo de cada competidor, acusando variações de até milésimos de segundo. Como se não bastasse, para tornar a tomada de tempos ainda mais segura, soma-se a esse instrumento de aferição um equipamento de cronometragem aprovado pela IAAF, que é disparado simultaneamente ao tiro de partida da prova (p. 33).

Silva (2007) também revela que esse equipamento de registro fotográfico não é algo recente, na verdade, ele é usado há muito tempo:

Foi durante a competição nos Estados Unidos em 1932 que o photo-finish – equipamento capaz de fazer, como o próprio nome já indica, um registro da chegada, em imagem e valor numérico – foi adotado em definitivo e num formato já bem mais avançado em relação aos primeiros aparelhos do início do século XX (p. 21).

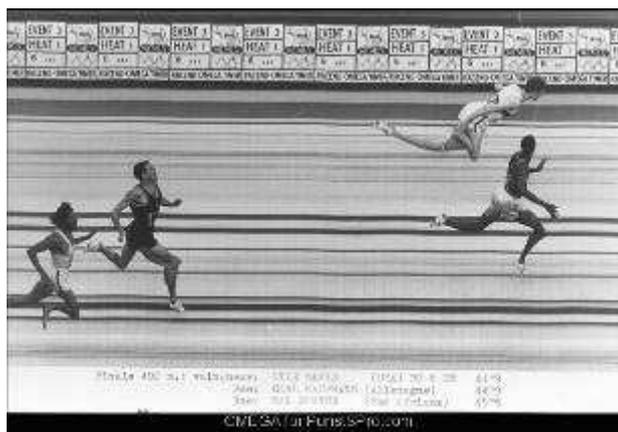


Figura 162: Imagem do photo finish.¹⁶⁰



Figura 163: Imagem sem o photo finish.¹⁶¹

¹⁶⁰ Fonte: ÔMEGA, Omega Moments in Olympic Timekeeping. Disponível em: <http://omega.watchprosite.com/show-nblog.post/ti-436441/>, acesso em 30/07/09.

¹⁶¹ Fonte: ÔMEGA, Omega Moments in Olympic Timekeeping. Disponível em: <http://omega.watchprosite.com/show-nblog.post/ti-436441/>, acesso em 30/07/09.

Segundo o livro de regras da Confederação Brasileira de Atletismo (2004), o primeiro equipamento surgiu antes de 1932:

Em 1916, a KNAU (Holanda) apresentou o primeiro equipamento de “câmera lenta” para realizar o photo finish, com finalidade de eliminar o fator humano de arbitragem e cronometragem na chegada. Foi utilizado, em 1928, nos Jogos Olímpicos de Amsterdã e, em 1930, foram aceitas as marcas cronometradas eletricamente como recordes mundiais.

Desde janeiro de 1977, para os recordes de todas as corridas até 400 m, inclusive, somente são aceitas as marcas obtidas mediante cronometragem elétrica totalmente automática. Desde 1º de janeiro de 1981, são registrados os centésimos de segundo, nos tempos elétricos de todas as corridas até 10.000 m, inclusive. O último dispositivo de cronometragem aprovado pela IAAF é um sistema que tem incorporado uma câmera de vídeo, acoplada a computadores (p.12).

Diante disso é possível observar que esse sistema que é acionado na largada, registra a chegada dos atletas, contribuindo para sanar possíveis dúvidas sobre o verdadeiro vencedor da prova, além de tempos, aferindo com precisão os centésimos de segundos.

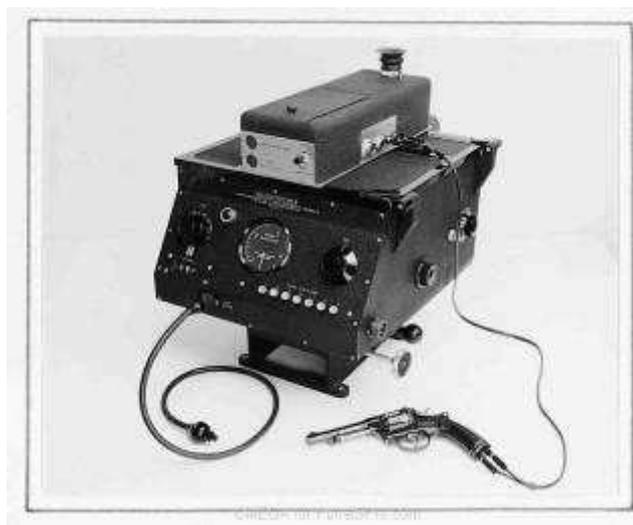


Figura 164: Sistema de largada acoplado à cronometragem usado em 1948.¹⁶²

¹⁶² Fonte: ÔMEGA, **Omega Moments in Olympic Timekeeping**. Disponível em: <http://omega.watchprosite.com/show-nblog.post/ti-436441/>, acesso em 30/07/09.



Figura 165: Sistema de cronometragem e photo finish usado nos Jogos Olímpicos de 1948.¹⁶³



Figura 166: Imagem do photo finish dos Jogos Olímpicos do México, 1968.¹⁶⁴



Figura 167: Imagem do photo finish dos Jogos Olímpicos de Seul, 1988.¹⁶⁵

Segundo a Confederação Brasileira de Atletismo (2004), a cronometragem oficial pode ser manual ou elétrica (automático a partir do photo finish). Na cronometragem Manual:

2. Os cronometristas devem estar alinhados com a chegada e do lado externo da pista. Onde, possível, eles devem se posicionar a pelo menos 5 m da raia externa da pista. A fim de que todos possam ter uma boa visão da linha de chegada, uma plataforma elevada deve ser providenciada.

¹⁶³ Fonte: OMEGA WATCHES, **London 1948**. Disponível em: <http://www.omegawatches.cn/index.php?id=1072&L=>, acesso em 30/07/09.

¹⁶⁴ Fonte: OMEGA WATCHES, **Mexico City 1968**. Disponível em: <http://www.omegawatches.cn/index.php?id=1072&L=>, acesso em 30/07/09.

¹⁶⁵ Fonte: OMEGA WATCHES, **Seoul 1988**. Disponível em: <http://www.omegawatches.cn/index.php?id=1072&L=>, acesso em 30/07/09.

3. Os cronometristas devem usar cronômetro manual ou cronômetro eletrônico operado manualmente com leitura digital. Tais aparelhos são chamados “relógios” de acordo com as Regras da IAAF (p.111).



Figura 168: Cronometristas e o sistema de photo finish.¹⁶⁶

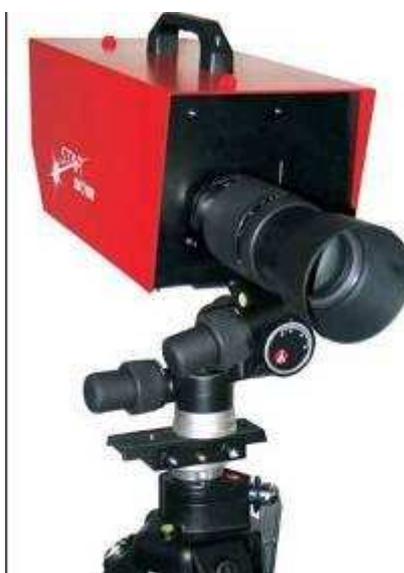


Figura 169: Photo finish.¹⁶⁷

¹⁶⁶ Fonte: ÔMEGA, Omega Moments in Olympic Timekeeping. Disponível em: <http://omega.watchprosite.com/show-nblog.post/ti-436441/>, acesso em 30/07/09.

¹⁶⁷ Fonte: SWISS TIMING, Photofinish. Disponível em: <http://www.swisstiming.co.uk/osv4.htm>, acesso em 30/07/09.



Figura 170: Imagem da chegada e do photo finish.¹⁶⁸

4.2.6. Sobre os atletas - masculino

Muitos foram os atletas que participaram e conquistaram medalhas nas corridas de velocidade ao longo da história. Uns ganharam apenas uma medalha, outros conquistaram mais e outros ainda conseguiram se destacar em mais de um tipo de prova.

Dentre os atletas que merecem destaque na história da prova dos 100 metros rasos, mencionaremos o norte-americano Thomas Edward Burke, o primeiro atleta a ganhar medalha de ouro olímpica nas provas dos 100 metros rasos, com o tempo de 12 segundos e nos 400 metros rasos, com o tempo de 54,2 segundos (WIKIPEDIA, 2007).



Figura 171: Thomas Burke.¹⁶⁹

Outro grande atleta dos 100 metros rasos foi o também norte-americano James Owens, mais conhecido como Jesse Owens, que, quando criança, alternava estudo e trabalho para ajudar seus pais, que eram meeiros. Com nove anos, Jesse e sua família mudaram-se para Cleveland, Ohio, para fugir do racismo existente no estado americano do Alabama. Na nova cidade, Owens mostrou seu talento nas corridas de velocidade, nos saltos e, também nos estudos. Antes de seus 16 anos, já havia estabelecido todos os recordes mundiais em sua

¹⁶⁸ Fonte: THE SUN, Photo finish at Beijing 2008. Disponível em: http://img.thesun.co.uk/multimedia/archive/00551/Photo-finish_682x40_551906a.jpg, acesso em 30/07/09.

categoria. Por esse motivo, esse grande atleta pôde escolher entre 28 universidades que lhe ofereceram bolsas de estudo (LANCELLOTTI, 1996).



Figura 172: Jesse Owens em 1935.¹⁷⁰



Figura 173: Jesse Owens treinando enquanto estava indo de navio para os Jogos Olímpicos de Berlim.¹⁷¹

¹⁶⁹ Fonte: Fonte: WIKIPEDIA, THE FREE ENCYCLOPEDIA, disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Tom_Burke, acesso em 30/10/2007.

¹⁷⁰ Fonte: GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331133>, acesso em 23/07/09.

¹⁷¹ Fonte: GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331130>, acesso em 23/07/09.



Figura 174: Owens na sua volta para os EUA depois das medalhas de ouro conquistada nos Jogos Olímpicos de Berlim.¹⁷²



Figura 175: Jesse Owens e o vice-presidente dos EUA Richard Nixon em 1958.¹⁷³

Apesar de ser um grande atleta Jesse Owens sempre perdia quando competia com os atletas Eulace Peacock e Ralph Metcalfe. Depois de aproximadamente vinte confrontos com Metcalfe, Owens venceu-o pela primeira vez nas seletivas dos Estados Unidos da América para os Jogos Olímpicos de 1936, ocasião em que o venceu, mais uma vez, ao conquistar a medalha de ouro nos 100 metros rasos. Nesses Jogos, Jesse ainda conquistou mais três medalhas de ouro: 200 metros rasos, revezamento 4x100 metros e salto em distância (LANCELLOTTI, 1996).

¹⁷² Fonte: GUARDIAN, Jesse Owens, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331148>, acesso em 23/07/09.

¹⁷³ Fonte: GUARDIAN, Jesse Owens, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331139>, acesso em 23/07/09.

Outro atleta que merece ser lembrado é o norte-americano Jim Hines, já que ele é o detentor do primeiro recorde abaixo dos 10 segundos. Hines foi, então, o primeiro homem a conseguir essa marca. Hines marcou 9,95 segundos na final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos do México em 1968 e com isso levou a medalha de ouro para casa, além de contribuir para que a equipe de revezamento 4x100 dos Estados Unidos conquistasse mais um ouro nessa prova. Além das medalhas e do recorde mundial, Jim Hines foi mais um entre os negros norte-americanos que protestaram contra o preconceito nos EUA, como nos conta Vieira (2007):

Muitos negros norte-americanos foram campeões nas provas de velocidade e acabaram por fazer de suas vitórias e recordes verdadeiras bandeiras contra o preconceito nos Estados Unidos. James Hines, o primeiro a correr os 100m em menos de 10s; Tommie Smith, recordista nos 200m; Lee Evans, recordista nos 400m e dono do feito por quase vinte anos, foram alguns dos que lideraram, nos pódios, manifestações e movimentos contra o racismo (p. 24 e 25).



Figura 176: Jim Hines no alto do pódio protestando contra o racismo.¹⁷⁴

¹⁷⁴ Fonte: THE MODERN HISTORIAN, *On this day in history: Jim Hines wins Olympic 100m final, 1968*. Disponível em: <http://modernhistorian.blogspot.com/2008/10/on-this-day-in-history-jim-hines-wins.html>, acesso em 31/07/09.



Figura 177: Jim Hines, 1966.¹⁷⁵

A antiga União Soviética também teve seu representante nas corridas de velocidade, Valery Borzov. Esse atleta participava das provas de 100 e 200 metros rasos, além do revezamento 4x100 metros. Nos Jogos Olímpicos conquistou 3 medalhas no ano de 1972, 2 de ouro nos 100 e 200 metros rasos e uma de prata no revezamento 4x100 metros. Nos Jogos Olímpicos seguintes, em Montreal, conquistou duas medalhas de bronze nas provas de 100 e 4x100 metros. No Campeonato Europeu, entre os anos de 1969 e 1974 ganhou 4 medalhas de ouro, sendo 3 nos 100 metros rasos e uma nos 200 metros rasos, além de ter conquistado mais uma medalha de prata no revezamento 4x100 metros. Vale lembrar que nessa época o Campeonato Mundial de atletismo ainda não existia como hoje.

¹⁷⁵ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8669>, acesso em 31/07/09.

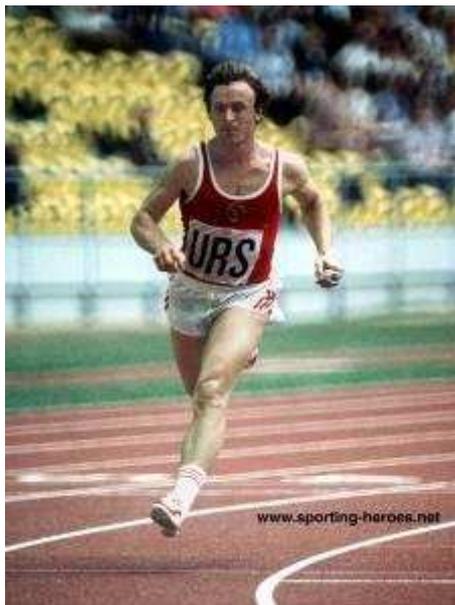


Figura 178: Valery Borzov.¹⁷⁶

Carl Lewis foi outro norte-americano que marcou a história dos 100 metros rasos. Ele ganhou dez medalhas olímpicas, sendo nove de ouro e uma de prata. Ganhou também oito medalhas de ouro em campeonatos mundiais, uma de prata e uma de bronze entre 1983 e 1993. Todas essas medalhas conquistadas por Lewis se dividiram entre as seguintes provas: 100 metros rasos, 200 metros rasos, revezamento 4x100 metros e salto em distância (WIKIPÉDIA, 2008).¹⁷⁷

Além das 18 medalhas conquistadas por Carl Lewis em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais, o norte-americano também merece destaque por ter sido o único homem a conquistar 2 medalhas olímpicas de ouro na prova dos 100 metros rasos. Além disso, foi ele que, em 1988, nos Jogos Olímpicos de Seul, estabeleceu o recorde mundial e olímpico da época na prova dos 100 metros rasos com o tempo de 9,92 segundos. Não bastasse isso, em 1991 ele melhorou seu tempo e estabeleceu outro recorde com o tempo de 9,86 segundos.

¹⁷⁶ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7764>, acesso em 28/07/09.

¹⁷⁷ Fonte: WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE, disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Lewis, acesso em 30/10/2007.



Figura 179: Carl Lewis em 1987.¹⁷⁸



Figura 180: Carl Lewis nos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996.¹⁷⁹

Diferentemente dos dois últimos atletas citados, o norte-americano Michael Johnson não se destacou por ganhar medalhas nas provas de 100 metros e salto em distância. Mesmo sendo esse, um trabalho cujo foco principal é a prova de 100 metros rasos, Michael Johnson merece ser mencionado como o grande velocista das provas de 200 e 400 metros rasos que foi. Nos Jogos Olímpicos conquistou 5 medalhas de ouro. A primeira foi conquistada em

¹⁷⁸ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9194>, acesso em 28/07/09.

¹⁷⁹ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9198>, acesso em 28/07/09.

1992 no revezamento 4x400 metros. Em 1996, ganhou as provas de 200 e 400 metros rasos. Em sua última participação em 2000 ganhou ouro nos 400 metros rasos e no revezamento 4x400 metros. Michael Johnson foi o primeiro homem a vencer os 200 e 400 metros rasos nos mesmos Jogos Olímpicos.



Figura 181: Michael Johnson.¹⁸⁰

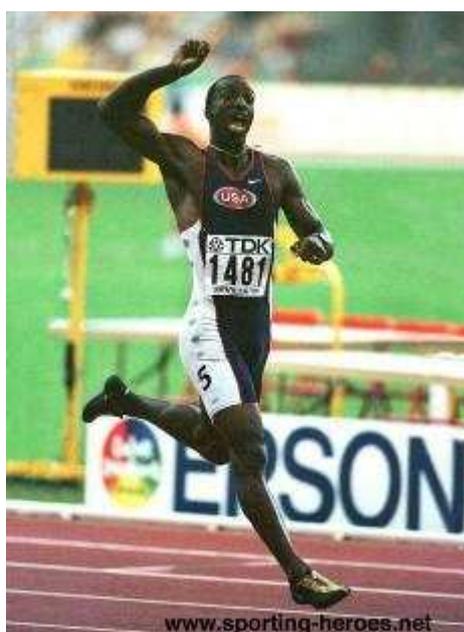


Figura 182: Michael Johnson, 1999.¹⁸¹

¹⁸⁰ Fonte: FACT MONSTER, Olympics 2004: Memorable Moments. Disponível em <http://www.factmonster.com/sports/olympics/summer-memorable-moments.html>, acesso em 31/07/09.

¹⁸¹ Fonte: SPORTING-HEROES – Athletes. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8850>, acesso em 28/07/09.

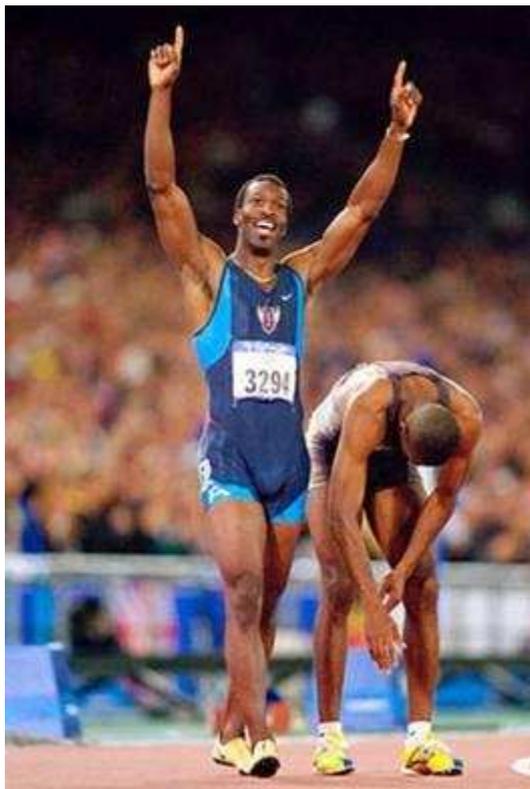


Figura 183: Michael Johnson¹⁸²

Em Campeonatos Mundiais esse atleta conquistou mais 9 medalhas, todas de ouro. Esse período de conquistas nas provas de 200, 400 e 4x400 metros aconteceram entre os anos de 1991 e 1999. Foi ele, ainda, quem superou, o recorde mundial do italiano Pietro Mennea de 19s72 em 1979, marcando 19s66 em 1996. Dois meses depois, ele baixou seu tempo para 19s32, recorde mantido até 2009, quando o jamaicano Usain Bolt marcou 19s19. Nos 400 metros rasos ele ainda é o recordista com 43s18, conquistado em 1999.

Além desses resultados, merece destaque sua técnica de corrida, por meio da qual verificasse que seu tronco fica mais ereto do que o da maioria dos corredores.

Na atualidade, um dos nomes que merece destaque é o do jamaicano Asafa Powell, que apesar de não ter conquistado um grande número de medalhas em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais, superou por duas vezes o recorde mundial dos 100 metros rasos. As provas disputadas por ele são: 100, 200 e 4x100 metros. Nos Jogos Olímpicos conquistou apenas uma medalha de ouro no revezamento 4x100 metros dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. No Campeonato Mundial em 2007 conquistou uma medalha de bronze nos 100 metros rasos e uma medalha de prata no revezamento 4x100 metros.

¹⁸² Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

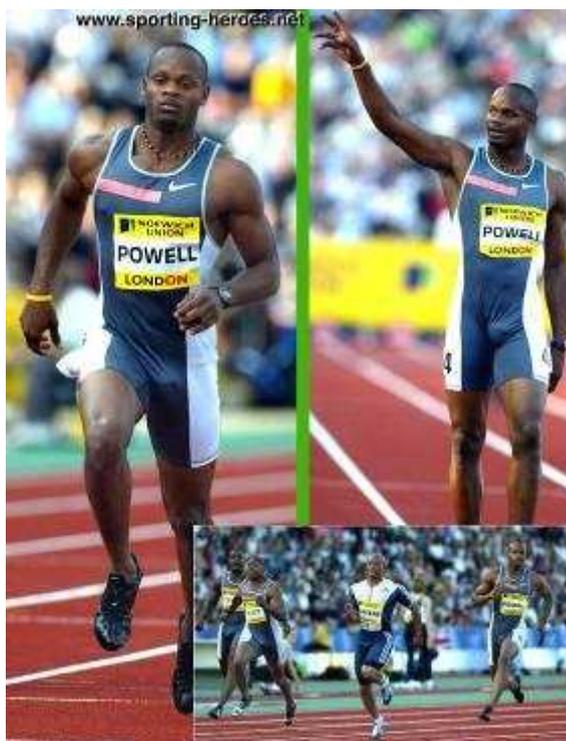


Figura 184: Asafa Powell, 2004.¹⁸³

Apesar das poucas medalhas Asafa Powell estabeleceu o recorde mundial em 2005 com o tempo de 9,77. Não bastasse isso igualou seu recorde mais duas vezes no ano de 2006. Em 2007 melhorou ainda mais seu tempo marcando 9,74 segundos, recorde superado posteriormente por seu compatriota Usain Bolt com o tempo de 9,72 segundos.

Poucos meses depois, nos Jogos Olímpicos de Pequim, 2008, Usain Bolt quebrou novamente o recorde mundial com o impressionante tempo de 9,69 segundos, que lhe rendeu sua primeira medalha de ouro olímpica. Quatro dias depois conquistou sua segunda medalha de ouro e mais um recorde mundial, agora, na prova dos 200 metros rasos. Não bastasse isso ele ainda ajudou a equipe jamaicana a ganhar a medalha de ouro no revezamento 4x100 metros e ainda quebrar o recorde mundial da prova, que era de 37,40 segundos para 37,10 segundos.

Bolt ainda tem no currículo 2 medalhas de prata em Campeonatos Mundiais, uma nos 200 metros rasos e outra no 4x100 metros, ambas conquistadas em 2007. No Campeonato Mundial de 2009, em Berlim, Bolt conquistou mais três medalhas de ouro (100 e 200 metros

¹⁸³ Fonte: SPORTING-HEROES – Athletes. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9856>, acesso em 28/07/09.

rasos e no revezamento 4x100 metros) e ainda superou o recorde dos 100 e 200 metros rasos com os tempos de 9s58 e 19s19, respectivamente.

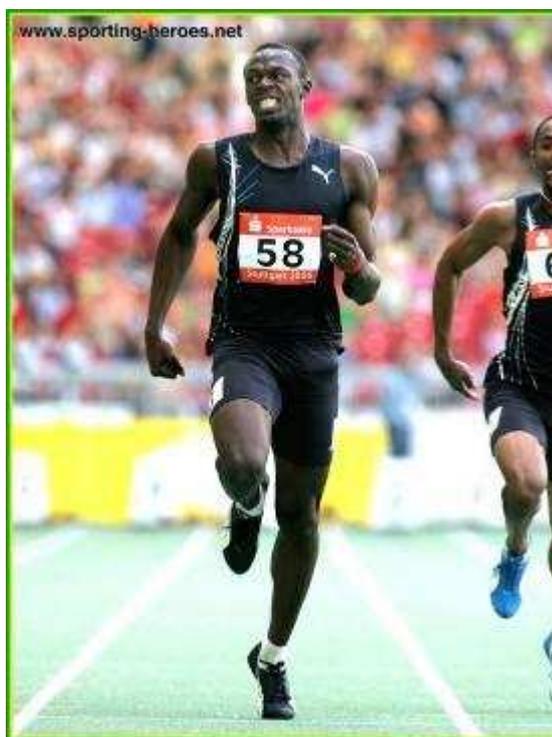


Figura 185: Usain Bolt, 2006.¹⁸⁴



Figura 186: Usain Bolt, de amarelo, em 2007.¹⁸⁵

¹⁸⁴ Fonte: SPORTING-HEROES – Athletes. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7740>, acesso em 31/07/09.

Entre os brasileiros já mencionados, merece destaque Robson Caetano da Silva que, em 1988, nos Jogos Olímpicos de Seul, conquistou a medalha de bronze nos 200 metros rasos e o 5º. lugar nos 100 metros rasos com o tempo de 10''11. Em 1996 ganhou mais uma medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta, na prova dos 4x100 metros.

Nos Jogos Pan-americanos de Caracas, em 1983, ganhou medalha de bronze no revezamento 4x100 metros e em 1987, em Indianápolis, conquistou a medalha de prata nos 200 metros rasos. O primeiro ouro de Robson chegou em dose dupla no ano de 1991, em Havana, nas provas de 100 e 200 metros rasos.

Na Copa do Mundo de Atletismo o brasileiro também conseguiu alguns bons resultados, como 3 medalhas de ouro nos 200 metros rasos e duas medalhas de prata no revezamento 4x100 metros entre os anos de 1985 e 1992. Além destas conquistas, Robson é o atual recordista sul-americano com o tempo de 10 segundos, conquistados no Campeonato Ibero-americano do México, em 1988. Em 1989, marcou o recorde sul-americano dos 200 metros rasos com o tempo de 19,96 segundos no Meeting de Bruxelas, recorde que durou 10 anos. Hoje, o recordista dos 200 metros é o brasileiro Claudinei Quirino com o tempo de 19,89 conquistados em 1999, em Munique.

Robson encerrou sua carreira em 2001 e hoje é comentarista do canal esportivo Sportv.

¹⁸⁵ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7741>, acesso em 31/07/09.

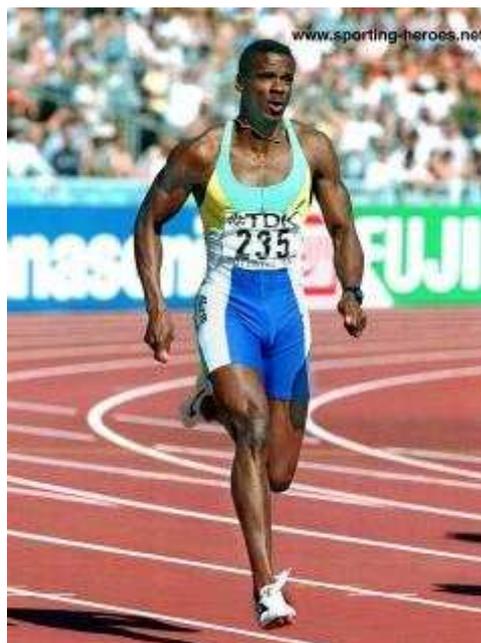


Figura 187: Robson Caetano da Silva, 1995.¹⁸⁶

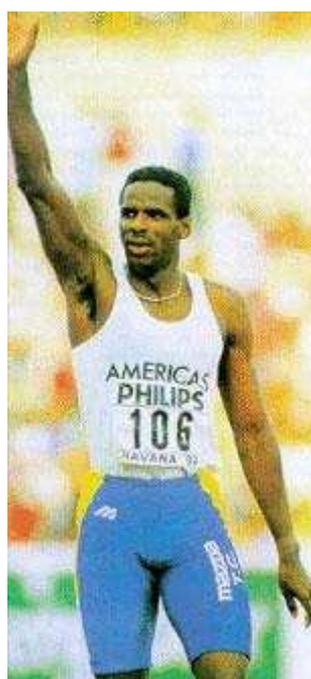


Figura 188: Robson Caetano.¹⁸⁷

4.2.7. Sobre as atletas - feminino

¹⁸⁶ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8091>, acesso em 31/07/09.

¹⁸⁷ Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATELTISMO, **atletas**, disponível em: <http://www.cbat.org.br/atletas/robsoncaetano.asp>, acesso em: 11/03/2008.

Também são várias as corredoras que merecem destaque na história dos 100 metros rasos. Começamos pela norte-americana Betty Robinson, a primeira a vencer os 100 metros rasos na estréia das mulheres em Jogos Olímpicos. Essa atleta também conquistou a medalha de prata no revezamento 4x100 metros durante esses Jogos Olímpicos realizados em Amsterdã, em 1928 e, oito anos mais tarde, foi medalhista de ouro nessa mesma prova, nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936.



Figura 189: Betty Robinson.¹⁸⁸

¹⁸⁸ Fonte: Disponível em: www.answers.com/topic/betty-robinson, acesso em: 11/03/08.

Outro nome que não poderíamos esquecer é o da norte-americana Wyomia Tyus, já que são raros os atletas que conseguiram 2 medalhas olímpicas de ouro na prova dos 100 metros rasos, tanto no feminino como no masculino. Apenas 3 pessoas conseguiram isso: Carl Lewis, Gail Devers, e Wyomia Tyus. Em 1964, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, Tyus conquistou duas medalhas: uma de ouro nos 100 metros rasos e uma de prata no revezamento 4x100 metros. Quatro anos mais tarde, a atleta conquistou dois ouros nas mesmas provas. Vale lembrar que o tempo feito na final dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos de 1968, no México, de 11.08 segundos, lhe rendeu o recorde mundial da prova.



Figura 190: Wyomia Tyus, 1968.¹⁸⁹

¹⁸⁹ Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=10521>, acesso em 04/08/09.

Outra norte-americana, também conhecida como Flo-Jo, é a atual recordista mundial dos 100 e 200 metros rasos Florence Griffith-Joyner, com os respectivos tempos de 10.49s e 21.34s, ambos de 1988. Ao todo, essa atleta conquistou cinco medalhas olímpicas, sendo três de ouro e duas de prata. As de ouro foram conquistadas nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, nas provas de 100 metros rasos, 200 metros rasos e revezamento 4x100 metros. Uma de suas medalhas de prata foi conquistada nos Jogos Olímpicos de Seul com a prova de revezamento 4x400 metros; a outra foi sua primeira medalha olímpica, conquistada nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, na prova de 200 metros rasos.

Em Campeonatos Mundiais, Flo-Jo ainda conquistou uma medalha de prata nos 200 metros rasos e uma de ouro no revezamento 4x100 metros, ambas em 1987.

Florence faleceu em 1998, deixando um rastro de suspeita sobre o uso de anabolizantes, já que seus principais resultados foram conquistados em uma única época, entre 1987 e 1988. É verdade que ela já havia ganho uma medalha de prata em 1984, porém os melhores resultados aconteceram 4 anos depois, quando a atleta já tinha 28 anos. Apesar das suspeitas, nada foi comprovado.

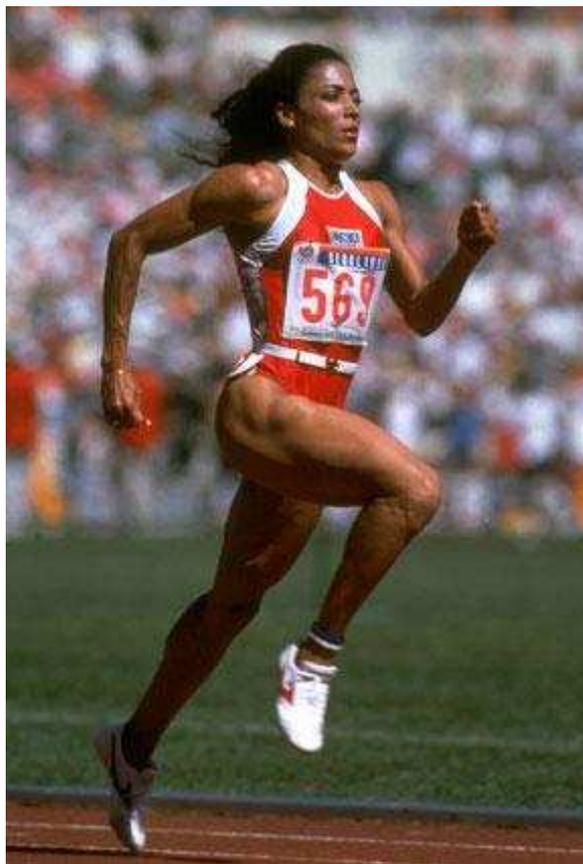


Figura 191: Florence Griffith-Joyner¹⁹⁰

¹⁹⁰ Fonte: Disponível em: www.todo-olimpiadas.com, acesso em 2006.

Gail Devers é mais uma norte-americana que merece ser lembrada, já que está no seleto grupo de 3 atletas que conseguiram o bi campeonato dos 100 metros rasos em Jogos Olímpicos. Além dessas medalhas de ouro conquistadas em 1992 e 1996, Devers também ganhou o ouro no revezamento 4x100 metros nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996.

Em Campeonatos Mundiais a atleta conquistou um total de 8 medalhas, sendo 5 de ouro e 3 de prata, divididas entre as provas de 100 metros rasos, 100 metros com barreiras e revezamento 4x100 metros, entre os anos de 1991 e 2001.

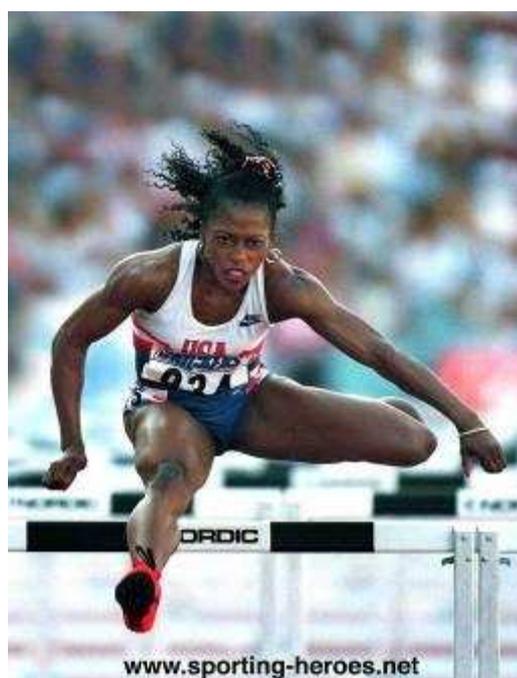


Figura 192: Gail Devers, 1995.¹⁹¹

¹⁹¹ Fonte: SPORTING-HEROES – Athletes. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8111>, acesso em 04/08/09.



Figura 193: Gail Devers, 2003.¹⁹²

A melhor velocista brasileira de todos os tempos é sem dúvida Lucimar Aparecida Moura. Sua melhor conquista foi a medalha de prata nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg, em 1999, na prova dos 200 metros rasos. Lucimar ainda é detentora do recorde sul-americano nas provas dos 100, 200 metros rasos e revezamento 4x100 metros. Todos foram obtidos em Bogotá, Colômbia, sendo os 2 primeiros em 1999 e o último em 2004.

Em Jogos Olímpicos, seu melhor resultado foi em Pequim, em 2008, na prova do revezamento 4x100 metros em que a equipe brasileira ficou apenas 0,10 segundos da conquista da medalha de bronze.¹⁹³

¹⁹² Fonte: SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8116>, acesso em 04/08/09.

¹⁹³ Fonte: WIKIPÉDIA, Lucimar Apesar Moura. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lucimar_Aparecida_de_Moura, acesso em 04/08/09.



Figura 194: Lucimar Aparecida Moura.¹⁹⁴

4.3. RECORDES E RESULTADOS

4.3.4. Recordes olímpicos masculinos

Começaremos nossa análise dos resultados com os dados dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, priorizando os vencedores dos 100 metros rasos, visto que essa é a prova central de nossa pesquisa. O quadro a seguir mostra todas as finais, ano, local de realização, nome do atleta vencedor, nacionalidade e o tempo de término da prova.

Ano	Local da prova	Atleta vencedor	País de origem	Tempo (segundos)
1896	Atenas	Thomas Burke	EUA	12.0
1900	Paris	Frank Jarvis	EUA	11.0
1904	St. Louis	Archibald Hahn	EUA	11.0
1908	Londres	Reginald Walker	RSA	10.8
1912	Estocolmo	Ralph Craig	EUA	10.8
1920	Antuérpia	Charles Paddock	EUA	10.8
1924	Paris	Harold Abrahams	GBR	10.6
1928	Amsterdam	Percy Williams	CAN	10.8
1932	Los Angeles	Thomas Tolan	EUA	10.3
1936	Berlim	James “Jesse” Owens	EUA	10.3
1948	Londres	Harrison Dillard	EUA	10.3

¹⁹⁴ Fonte: ESPORTE SITE, **Lucimar Moura vence prova mais rápida do atletismo no GP de Fortaleza**. Disponível em: <http://www.esportesite.com.br/2009/05/10/lucimar-moura-vence-prova-mais-rapida-do-atletismo-no-gp-de-fortaleza/>, acesso em 04/08/09.

1952	Helsinque	Lindy Remigino	EUA	10.4
1956	Melbourne	Bobby Joe Morrow	EUA	10.5
1960	Roma	Armin Hary	ALE	10.2
1964	Tóquio	Robert Hayes	EUA	10.0
1968	Cidade do México	James Hines	EUA	9.95
1972	Munique	Valery Borzov	SOV/UKR	10.14
1976	Montreal	Hsely Crawford	TRI	10.06
1980	Moscou	Allan Wells	GBR	10.25
1984	Los Angeles	F. Carlton Lewis	EUA	9.99
1988	Seul	F. Carlton Lewis	EUA	9.92
1992	Barcelona	Linford Christie	GBR	9.96
1996	Atlanta	Donovan Bailey	CAN	9.84
2000	Sydney	Maurice Greene	EUA	9.87
2004	Atenas	Justin Gatlin	EUA	9.85
2008	Pequim	Usain Bolt	JAM	9.69

Quadro 2: Resultados olímpicos.

Por meio do quadro 1 podemos observar que há um predomínio dos norte-americanos na prova dos 100 metros rasos. Dos 25 Jogos Olímpicos, os americanos ganharam essa prova 16 vezes. Ou seja, os norte-americanos venceram 64% das provas de 100 metros rasos em Jogos Olímpicos. O segundo país com maior número de vitórias é a Inglaterra, com 3 vitórias em Jogos Olímpicos, ou seja, 12% das provas disputadas.

Outro dado interessante é que apenas um atleta, Carl Lewis, ganhou os 100 metros rasos em duas edições dos Jogos Olímpicos. Ou seja, Carl Lewis conquistou a medalha de ouro em Los Angeles, em 1984 e em Seul, em 1988.

O gráfico 1 mostra os tempos de todos os vencedores dos 100 metros rasos em Jogos Olímpicos. Vale lembrar que os tempos a seguir não são os melhores resultados de cada edição olímpica, ou seja, não são os recordes, são apenas os tempos das finais da prova dos 100 metros rasos. Por esse motivo, não podemos afirmar se determinadas mudanças nessa prova influenciaram ou não na melhora dos tempos dos atletas. Mesmo assim, podemos verificar, de uma forma geral, que os atletas ficaram mais rápidos e as finais mais competitivas.

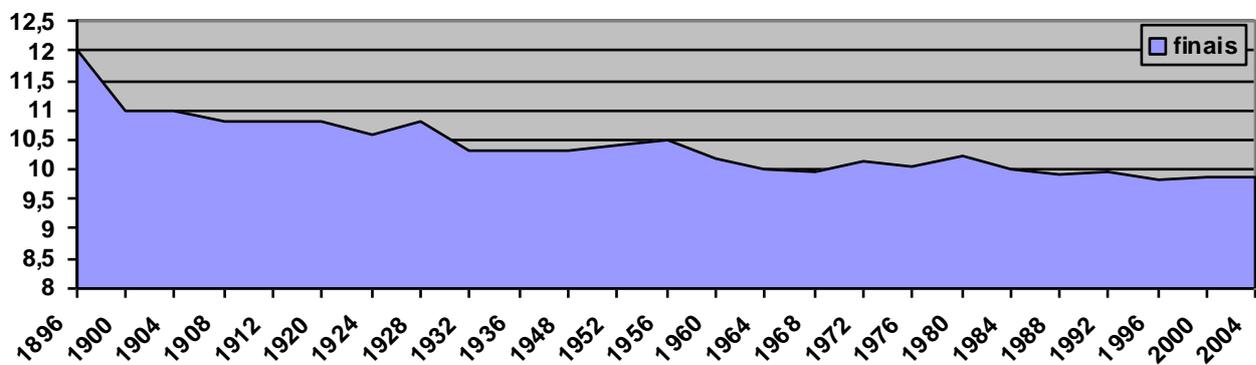


Gráfico 1: Evolução das finais olímpicas

O quadro 3 mostra os recordes da prova dos 100 metros rasos dos Jogos Olímpicos desde sua primeira edição em 1896, realizada em Atenas. Com isso podemos observar se as mudanças ocorridas nessa prova influenciaram a melhora dos tempos.

NR	RESULTS	NAME	NOC	DATE	EVENT	LOCATION
12	9.69	Usain Bolt	JAM	16/08/2008	Olympic Games	Beijing (CHN)
11	9.84	Donovan Bailey	CAN	27/07/1996	Olympic Games	Atlanta, GA (USA)
10	9.92	Carl Lewis	USA	24/09/1988	Olympic Games	Seoul (KOR)
9	9.95	Jim Hines	USA	14/10/1968	Olympic Games	Mexico City (MEX)
8	10.02	Charlie Greene	USA	13/10/1968	Olympic Games	Mexico City (MEX)
7	10.00	Bob Hayes	USA	15/10/1964	Olympic Games	Tokyo (JPN)
6	10.20	Armin Hary	N/A	31/08/1960	Olympic Games	Rome (ITA)
5	10.30	Ralph Metcalfe	USA	01/08/1932	Olympic Games	Los Angeles, CA (USA)
5	10.30	Eddie Tolan	USA	01/08/1932	Olympic Games	Los Angeles, CA (USA)
4	10.40	Eddie Tolan	USA	31/07/1932	Olympic Games	Los Angeles, CA (USA)
3	10.60	Donald Lippincott	USA	06/07/1912	Olympic Games	Stockholm (SWE)

2	10.80	Frank Jarvis	USA	14/07/1900	Olympic Games	Paris (FRA)
1	11.80	Tom Burke	USA	06/04/1896	Olympic Games	Athens (GRE)

Quadro 3: Recordes olímpicos desde 1896.¹⁹⁵

Comparando o quadro 2 com o quadro 3 – que se referem aos tempos dos 100 metros rasos masculino nos Jogos Olímpicos – podemos observar que nem sempre os recordes foram superados nas finais e nem sempre o recordista foi o campeão da prova, embora isso só tenha acontecido 3 vezes. Os recordes de 1912, 1932 e 1968, não fizeram os recordistas ganharem a medalha de ouro, isso porque o tempo foi feito em uma das etapas eliminatórias e não na final, onde o recordista não conseguiu mostrar o mesmo desempenho e acabou perdendo a medalha de ouro. Diante disso, podemos fazer algumas perguntas como: será que foi melhor ter superado o recorde olímpico ou ter ganho a medalha de ouro? Qual atleta era o melhor: o recordista ou o medalhista?

Nossa análise demonstra que, na maioria dos casos os atletas recordistas também ganharam a tão sonhada medalha de ouro. Além disso, observamos que dos 12 recordes olímpicos estabelecidos até hoje, 7 foram realizados durante a final dos 100 metro rasos. Vale lembrar que no ano de 1932 o recorde foi superado duas vezes, ou seja, de 10.6s foi para 10.4s e depois para 10.3s. Além disso, um outro atleta ainda igualou o tempo de 10.3s nesse mesmo evento.

Em 1964, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, foi utilizada, pela primeira vez em Jogos Olímpicos, uma pista sintética. Talvez isso tenha fovorecido o norte-americano Bob Hayes a igualar o recorde mundial do alemão Armin Hary, com o tempo de 10s, estabelecido em 1960, porém fora dos Jogos Olímpicos. Apesar de não ter superado o recorde mundial Hayes estabeleceu o recorde olímpico da prova.

Ao analisar o quadro 3, dos recordes olímpicos masculinos, percebemos que o primeiro atleta a correr os 100 metros abaixo dos 10s em Jogos Olímpicos foi o norte-americano Jim Hines, com o tempo de 9”95, nos Jogos Olímpicos do México, em 1968. O mais interessante é que esse recorde só foi superado 20 anos mais tarde, nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. Isso se deve a alguns fatores ambientais e a própria estrutura da pista, como nos conta Cardoso (1996):

¹⁹⁵ Fonte: COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, disponível em: http://www.olympic.org/uk/sports/records/results_uk.asp?DIS_S_CODE=AT&GET_C_ID=M&GET_C_OL=1&GET_C_WO=&EVT_S_CODE=001&RESULT=TRUE, acesso em 24/03/09.

A pista de atletismo do estádio olímpico estava recoberta com uma camada de tartan, material sintético que garantia uma superfície branda, plana e uniforme. Os atletas tiravam o pé da lama.

Desde que a cidade do México foi escolhida, levantou-se a discussão sobre o efeito da altitude no desempenho dos atletas. Sabia-se que nestas condições os atletas adaptados à vida ao nível do mar seriam beneficiados em provas de velocidade e prejudicados nas de resistência. A questão era saber que tipo de prejuízo poderia ocorrer. O médico britânico Roger Bannister, que como atleta foi o primeiro homem a correr a milha em menos de quatro minutos, exagerou. Disse que seriam necessários 25 anos para que um atleta da planície se adaptasse à altitude. Outros médicos afirmavam que haveria risco de vida para os atletas. O Comitê Olímpico da Grã-Bretanha chegou à conclusão de que treinando em altitude por quatro semanas nos três meses anteriores à competição o corredor não teria problemas. Os países ricos mandaram seus times para treinar nas alturas. Os americanos fizeram um estágio em Lake Tahoe e os soviéticos em Alma Ata. Ninguém morreu, mas os efeitos foram de arrasar. Os recordes caíram em todas as provas de curta distância. Os atletas caíram em todas as provas de longa distância. O australiano Ron Clarke, recordista mundial dos 5.000 e 10.000 metros, desmaiou depois de cruzar a linha de chegada numa e noutra corrida, sem glória e sem medalha. Mas era o ano de 1968 e na pauta de discussões havia coisas muito mais importantes do que o efeito da altitude na taxa de oxigênio do sangue dos atletas (p.160).

Vale ressaltar que os recordes mundiais das provas de 100, 200 e 400 metros rasos duraram 16, 11 e 20 anos respectivamente, após 1968.

4.3.5. Recordes olímpicos femininos

Com base no quadro 4, observamos as vencedoras olímpicas dos 100 metros rasos feminino e dos recordes mundiais femininos.

Ano	Local da prova	Atleta vencedor	País de origem	Tempo (segundos)
1928	Amsterdã	Elizabeth Robinson	EUA	12.2
1932	Los Angeles	Stanislawa Walasiewicz	POL	11.9
1936	Berlim	Helen Stephens	EUA	11.5
1948	Londres	Fanny Blankers-Koen	HOL	11.9
1952	Helsinque	Marjorie Jackson	AUS	11.5
1956	Melbourne	Elizabeth Cuthbert	AUS	11.5
1960	Roma	Wilma Rudolph	EUA	11.0

1964	Tóquio	Wyomia Tyus	EUA	11.49
1968	Cidade do México	Wyomia Tyus	EUA	11.08
1972	Munique	Renate Stecher	RFA ¹⁹⁶	11.07
1976	Montreal	Annegret Richter	ALE	11.08
1980	Moscou	Lyudmila Kondratyeva	RUS	11.06
1984	Los Angeles	Evelyn Ashford	EUA	10.97
1988	Seul	Florence Griffith- Joyner	EUA	10.54
1992	Barcelona	Gail Devers	EUA	10.82
1996	Atlanta	Gail Devers	EUA	10.94
2000	Sydney			
2004	Atenas	Yuliya Nesterenko	BLR	10.93
2008	Pequim	Shelly-Ann FRASER	JAM	10.78

Quadro 4: Campeãs olímpicas.

Ao analisá-lo observamos que os tempos das finais olímpicas passaram de 12.2 segundos (o mais lento) para 10.54 segundos, obtidos por Florence Griffith-Joyner em 1988. Observando esse quadro, também é possível perceber que não há registro da vencedora dos 100 metros rasos no ano 2000. Na verdade, a vencedora foi Marion Jones, que 7 anos mais tarde, confessou ter feito uso de substâncias ilegais naquele ano. Por esse motivo o COI retirou suas 5 medalhas, deixando os Jogos Olímpicos de Sydney sem vencedores nas provas que Jones conquistou.

Outro dado interessante é que apenas duas atletas conseguiram o bicampeonato na prova dos 100 metros rasos: Wyomia Tyus em 1964 e 1968 e Gail Devers em 1992 e 1996.

A seguir, no quadro 5, podemos observar a evolução do recorde olímpico dos 100 metro rasos feminino.

NR	RESULTS	NAME	NOC	DATE	EVENT	LOCATION
17	10.62	Florence Griffith Joyner	USA	24/09/1988	Olympic Games	Seoul (KOR)
16	10.88	Florence Griffith Joyner	USA	24/09/1988	Olympic Games	Seoul (KOR)

¹⁹⁶ RDA: República Democrática Alemã (Alemanha Oriental).

15	10.97	Evelyn Ashford	USA	05/08/1984	Olympic Games	Los Angeles, CA (USA)
14	11.01	Annegret Richter	N/A	25/07/1976	Olympic Games	Montreal (CAN)
13	11.05	Annegret Richter	N/A	24/07/1976	Olympic Games	Montreal (CAN)
12	11.07	Renate Stecher	N/A	02/09/1972	Olympic Games	Munich (N/A)
11	11.08	Wyomia Tyus	USA	15/10/1968	Olympic Games	Mexico City (MEX)
10	11.12	Barbara Ferrell	USA	14/10/1968	Olympic Games	Mexico City (MEX)
9	11.20	Wyomia Tyus	USA	15/10/1964	Olympic Games	Tokyo (JPN)
8	11.30	Wilma Rudolph	USA	01/09/1960	Olympic Games	Rome (ITA)
7	11.40	Betty Cuthbert	AUS	24/11/1956	Olympic Games	Melbourne (AUS)
6	11.50	Marjorie Jackson	AUS	22/07/1952	Olympic Games	Helsinki (FIN)
5	11.60	Marjorie Jackson	AUS	21/07/1952	Olympic Games	Helsinki (FIN)
4	11.90	Stanislawa Walasiewicz	POL	01/08/1932	Olympic Games	Los Angeles, CA (USA)
4	11.90	Fanny Blankers-Koen	NED	02/08/1948	Olympic Games	London (GBR)
3	12.20	Betty Robinson	USA	31/07/1928	Olympic Games	Amsterdam (NED)
2	12.40	Betty Robinson	USA	30/07/1928	Olympic Games	Amsterdam (NED)
2	12.40	Fanny Rosenfeld	CAN	30/07/1928	Olympic Games	Amsterdam (NED)

1	12.60	Fanny Rosenfeld	CAN	29/07/1928	Olympic Games	Amsterdam (NED)
1	12.60	Ethel Smith	CAN	29/07/1928	Olympic Games	Amsterdam (NED)

Quadro 5: Evolução do recorde olímpico feminino.¹⁹⁷

O recorde olímpico melhorou quase 2 segundos em 60, passando de 12.60 s, em 1928, para 10.62 s, em 1988. O mais incrível é que esse recorde ainda não foi superado. Isso nos leva às seguintes questões: será que Florence Griffith Joyner fez um tempo fora do normal para a sua época? Será que as atletas não se empenharam tanto para quebrar esse recorde? Será que Florence Griffith Joyner era um fenômeno ou conseguiu esse desempenho graças ao uso de substâncias ilegais? Será que esse tempo será superado? Só o tempo dirá!

4.3.6. Evolução do recorde mundial na prova dos 100 metros rasos masculino

O quadro 6 faz referência aos recordes mundiais conquistados pelos homens entre 1912 e 2009.

Atleta	Origem	Data do recorde	Recorde
Donald Lippincott	EUA	06/07/1912	10s6
Charles Paddock	EUA	23/04/1921	10s4
Percy Williams	CAN	09/08/1930	10s3
Jesse Owens	EUA	20/06/1936	10s2
Willie Williams	EUA	03/08/1956	10s1
Armin Hary	ALE	21/06/1960	10s
Jim Hines	EUA	14/10/1968	9s95
Calvin Smith	EUA	03/07/1983	9s93
Carl Lewis	EUA	24/09/1988	9s92
Leroy Burrell	EUA	14/06/1991	9s90
Carl Lewis	EUA	25/08/1991	9s86
Leroy Burrell	EUA	06/07/1994	9s85
Donovan Bailey	CAN	27/07/1996	9s84

¹⁹⁷ Fonte: COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, disponível em: http://www.olympic.org/uk/sports/records/results_uk.asp?DIS_S_CODE=AT&GET_C_ID=W&GET_C_OL=1&GET_C_WO=&EVT_S_CODE=001&RESULT=TRUE, acesso em 24/03/09.

Maurice Greene	EUA	16/06/1999	9s79
Tim Montgomery	EUA	14/09/2002	9s78
Asafa Powell	JAM	14/06/2005	9s77
Justin Gattlin	EUA	12/05/2006	9s77
Asafa Powell	JAM	09/09/2007	9s74
Usain Bolt	JAM	31/05/2008	9s72
Usain Bolt	JAM	16/08/2008	9s69
Usain Bolt	JAM	16/08/2009	9s58

Quadro 6: Recorde mundial.

O gráfico 2 ilustra os mesmos resultados do quadro 6 realçando a evolução do recorde mundial masculino.

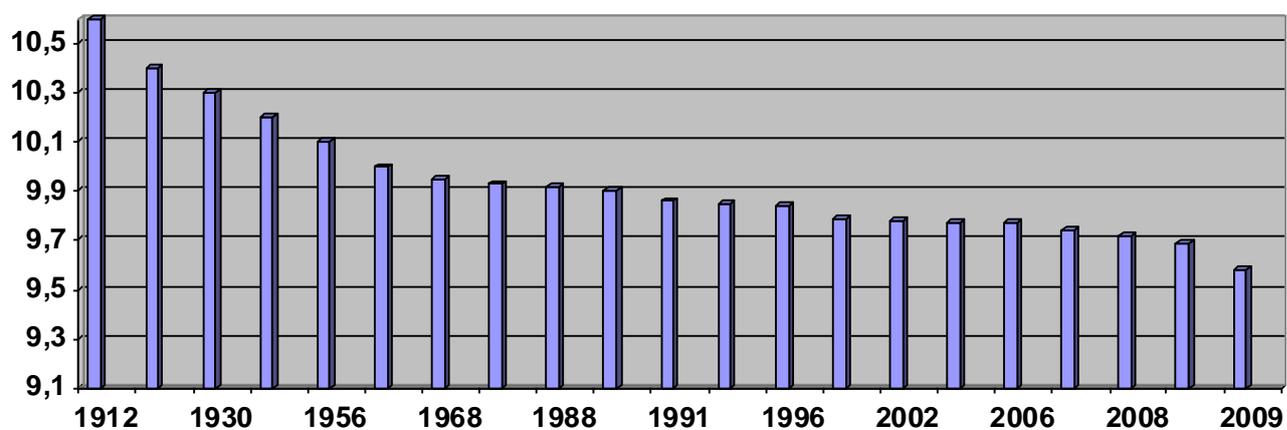


Gráfico 2: Evolução do recorde mundial masculino.

A análise do quadro 6 e do gráfico 2 permite-nos tecer algumas observações acerca da evolução da prova dos 100 metros rasos. A primeira delas é em relação ao bloco de partida, que passou a ser obrigatório a partir de 1937. Pela análise dos dados anteriores, podemos notar que a obrigatoriedade do bloco de partida não interferiu diretamente na melhora do recorde mundial, já que depois de sua obrigatoriedade, o recorde melhorou apenas 0,1 segundo. Para que o recorde de 1936, de 10,2 segundos, fosse superado, foram precisos 20 anos, já que apenas em 1956 o recorde passou para 10,2 segundos.

Entretanto, o piso sintético não interferiu na conquista do recorde mundial dos 100 metros rasos de maneira imediata já que esse tipo de piso foi usado pela primeira vez em 1964 e o recorde mundial foi superado apenas em 1968, nos Jogos Olímpicos do México, quando, pela primeira vez na história, o tempo baixou dos 10 segundos, passando para 9,95 s.

Os dados coletados por essa pesquisa também confirmam a superioridade norte-americana nas corridas de velocidade, já que evidenciamos que somente cinco atletas não americanos chegaram ao posto de “homem mais rápido do mundo”, até o ano de 2008. Dois canadenses, Donovan Bailey (9,84s), jamaicano naturalizado canadense, em 1996 e Percy Williams (10,3s) em 1930; um alemão, Armin Hary (10s) em 1960 e dois jamaicanos, Asafa Powell (9,77s e 9,74s) em 2005 e 2007 e Usain Bolt (9,72s, 9,69s e 9s58) em 2008 e 2009.

Em 2006, ocorreu um fato curioso. O recorde de Asafa Powell foi “quebrado por alguns dias”. O americano Justin Gatlin, no dia 12 de maio de 2006, terminou os 100 metros rasos, no Qatar, com alguns milésimos abaixo dos 9,77 segundos (recorde mundial da época), isto é, com 9,766. Num primeiro momento, esse tempo foi arredondado para 9,76 segundos e Gatlin foi considerado “o homem mais rápido do mundo”. Entretanto, alguns dias depois da quebra do recorde, a IAAF determinou que o tempo não poderia ser arredondado para baixo. Portanto, o tempo de Gatlin ficou registrado como 9,77 segundos, igualando-se ao tempo do jamaicano Asafa Powell.

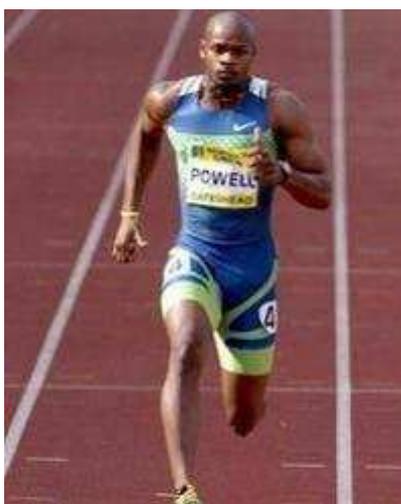


Figura 195: Asafa Powell¹⁹⁸

¹⁹⁸ Fonte: Disponível em: sevilla.abc.es, acesso em 2006.



Figura 196: Justin Gatlin.¹⁹⁹

Depois disso, Asafa Powell ainda melhorou sua marca no ano de 2007, confirmando ser ele o “homem mais rápido do mundo”. Porém, um ano depois, um outro jamaicano roubou o título correndo os 100 metros em 9,72 segundos, faltando menos de 3 meses para os Jogos Olímpicos de Pequim. Entretanto, foi durante os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, que Usain Bolt confirmou seu favoritismo ganhando a medalha de ouro na prova, além de estabelecer o novo recorde com 9,69 segundos. Não bastasse isso, exatamente um ano depois, no Campeonato Mundial de Atletismo, Usain Bolt fez o que parecia impossível e superou seu próprio recorde com o tempo de 9,58 segundos.

Segundo o livro de regras da Confederação Brasileira de Atletismo (2004-2005), a primeira lista de Recordes Mundiais foi publicada em 1914. Essa lista era apenas dos tempos masculinos. Com isso é possível observar que o primeiro recorde mundial dos 100 metros rasos registrado é de 1912 com o tempo de 10,6 segundos. Porém, no quadro 7, verificamos que o primeiro tempo dos 100 metros rasos que aparece, data de 1867. Segundo a legenda desse quadro, nota-se que os recordes confirmados aparecem com uma marca do lado esquerdo, realçando que o primeiro recorde oficial e confirmado é de 1912. Apesar disso é interessante observar que mesmo antes dos Jogos Olímpicos já eram disputadas corridas de 100 metros rasos organizadas e com cronômetro, sendo que o primeiro registro data de 1867.

A seguir, verificamos os recordes mundiais completos, inclusive com os tempos repetidos dos 100 metros rasos masculino.

Listagem dos Recordes mundiais nos 100 metros rasos masculino:

• - Recorde ratificado * - Recorde repetido

Tempo manual				
11.0	William MacLaren	GBR	Haslingden	Jul 27, 1867
10.8	Luther Cary	USA	Paris	Jul 04, 1891
10.8*	Cecil Lee	GBR	Brussels	Sep 25, 1892
10.8*	Etienne de Ré	BEL	Brussels	Aug 04, 1893
10.8*	L. Atcherley	GBR	Frankfurt/Main	Apr 13, 1895
10.8*	Harry Beaton	GBR	Rotterdam	Aug 28, 1895
10.8*	Harald Andersson-Arbin	SWE	Helsingborg	Aug 09, 1896
10.8*	Isaac Westergren	SWE	Gävle	Sep 11, 1898
10.8*	Isaac Westergren	SWE	Gävle	Sep 10, 1899
10.8*	Frank Jarvis	USA	Paris	Jul 14, 1900
10.8*	Walter Tewksbury	USA	Paris	Jul 14, 1900
10.8*	Carl Ljung	SWE	Stockholm	Sep 23, 1900
10.8*	Walter Tewksbury	USA	Philadelphia	Oct 06, 1900
10.8*	Andre Passat	FRA	Bordeaux	Jun 14, 1903
10.8*	Louis Kuhn	SUI	Bordeaux	Jun 14, 1903
10.8*	Harald Grönfeldt	DEN	Aarhus	Jul 05, 1903
10.8*	Eric Frick	SWE	Jonköping	Aug 09, 1903
10.8*	Vincent Duncker	GER	Berlin	Aug 06, 1905
10.8*	Emile Lesieur	FRA	St Cloud	May 06, 1906
10.8*	Leonard Tremeer	GBR	Brussels	Jul 21, 1906
10.8*	Knut Lindberg	SWE	Malmö	Aug 05, 1906
10.6	Knut Lindberg	SWE	Göteborg	Aug 26, 1906
10.6*	Richard Rau	GER	Prague	May 28, 1911
10.6*	Richard Rau	GER	Berlin	Jul 09, 1911
10.5	Emil Ketterer	GER	Karlsruhe	Jul 09, 1911
10.5*	Richard Rau	GER	Braunschweig	Aug 13, 1911
10.5*	Richard Rau	GER	München	May 12, 1912
10.5*	Erwin Kern	GER	München	May 26, 1912
● 10.6	Donald Lippincott	USA	Stockholm	Jul 06, 1912
10.6*	William Applegarth	GBR	Prague	Sep 29, 1912
10.6*	Charles Paddock	USA	New York	Jul 10, 1920
10.6*	Joseph Imbach	SUI	Geneve	Jul 25, 1920
10.6*	Jackson Scholz	USA	Kristiania	Sep 12, 1920

¹⁹⁹ Fonte: Disponível em: www.elconfidencial.com, acesso em 2006

● 10.6*	Jackson Scholz	USA	Stockholm	Sep 16, 1920
● 10.4	Charles Paddock	USA	Redlands	Apr 23, 1921
10.2	Charles Paddock	USA	Pasadena	Jun 18, 1921
10.4*	Charles Paddock	USA	Paris	May 06, 1923
10.4*	Helmut Körnig	GER	Halle	Aug 29, 1926
10.4*	Helmut Körnig	GER	Brieg	Sep 12, 1926
10.4*	Jakob Schüller	GER	Hannover	Sep 04, 1927
10.4*	Hubert Houben	GER	Hannover	Sep 04, 1927
10.4*	José E Barrientos	CUB	Habana	Apr 21, 1928
10.4*	Richard Corts	GER	Düsseldorf	Jun 15, 1928
10.4*	Ernst Geerling	GER	Frankenthal	Jul 01, 1928
10.4*	Georg Lammers	GER	Barmen	Aug 26, 1928
10.4*	Georg Lammers	GER	Oldenburg	May 12, 1929
10.4*	Eugen Eldracher	GER	Mannheim	Jun 30, 1929
10.4*	Georg Lammers	GER	Bremen	Jul 13, 1929
10.4*	Georg Lammers	GER	Neuss	Jul 21, 1929
10.4(w?)*	Helmut Körnig	GER	Budapest	Jul 28, 1929
10.4*	Eddie Tolan	USA	Köln	Jul 31, 1929
10.4*	Georg Lammers	GER	Köln	Jul 31, 1929
● 10.4*	Eddie Tolan	USA	Stockholm	Aug 08, 1929
10.4*	Eddie Tolan	USA	Berlin	Aug 18, 1929
● 10.4*	Eddie Tolan	USA	Copenhagen	Aug 25, 1929
10.4*	Georg Lammers	GER	Bochum	Sep 08, 1929
10.4*	Eddie Tolan	USA	Bochum	Sep 08, 1929
10.4*	Georg Lammers	GER	Flensburg	Jun 01, 1930
10.2*	Eddie Tolan	USA	Vancouver	Jul 01, 1930
10.4(w?)*	Helmut Körnig	GER	Berlin	Jul 13, 1930
10.4*	Helmut Körnig	GER	Stockholm	Jul 20, 1930
10.4*	Georg Lammers	GER	Königsberg	Aug 02, 1930
● 10.3	Percy Williams	CAN	Toronto	Aug 09, 1930
● 10.3*	Arthur Jonath	GER	Bochum	Jul 05, 1932
● 10.3*	Eddie Tolan	USA	Los Angeles	Aug 01, 1932
● 10.3*	Ralph Metcalfe	USA	Los Angeles	Aug 01, 1932
10.3*	Ralph Metcalfe	USA	Chicago	Aug 18, 1932
10.3*	Arthur Jonath	GER	Düsseldorf	Jul 23, 1933
10.3*	Ralph Metcalfe	USA	Malmö	Jul 28, 1933
10.3*	Ralph Metcalfe	USA	Düsseldorf	Jul 30, 1933
10.3*	Erich Borchmeyer	GER	Köln	Aug 12, 1933
● 10.3*	Ralph Metcalfe	USA	Budapest	Aug 12, 1933
10.3*	Erich Borchmeyer	GER	Berlin	Jul 01, 1934
10.3*	Erich Borchmeyer	GER	Frankfurt/Main	Jul 22, 1934
● 10.3*	Eulace Peacock	USA	Oslo	Aug 06, 1934
● 10.3*	Christiaan Berger	NED	Amsterdam	Aug 26, 1934
● 10.3*	Ralph Metcalfe	USA	Osaka	Sep 15, 1934

● 10.3*	Ralph Metcalfe	USA	Dairen	Sep 23, 1934
● 10.3*	Takayoshi Yoshioka	JPN	Tokyo	Jun 15, 1935
10.3*	Takayoshi Yoshioka	JPN	Osaka	Jul 06, 1935
10.3*	Eulace Peacock	USA	Basel	Aug 06, 1935
● 10.2	Jesse Owens	USA	Chicago	Jun 20, 1936
● 10.2*	Harold Davis	USA	Compton	Jun 06, 1941
10.2*	Lloyd LaBeach	PAN	Willemstad	Aug 08, 1943
10.2*	George Lewis	TRI	Port of Spain	Nov 16, 1946
10.2*	Lloyd LaBeach	PAN	Compton	Jan 04, 1948
● 10.2*	Lloyd LaBeach	PAN	Fresno	May 15, 1948
● 10.2*	Norwood Ewell	USA	Evanston	Jul 09, 1948
● 10.2*	Emmanuel McDonald Bailey	GBR	Belgrad	Aug 25, 1951
10.2*	Hector Hogan	AUS	Sydney	Mar 13, 1954
● 10.2*	Heinz Fütterer	GER	Jokohama	Oct 31, 1954
● 10.2*	Bobby Morrow	USA	Houston	May 19, 1956
● 10.2*	Ira Murchison	USA	Compton	Jun 01, 1956
● 10.2*	Bobby Morrow	USA	Bakersfield	Jun 22, 1956
10.2*	Thane Baker	USA	Los Angeles	Jun 29, 1956
● 10.2*	Bobby Morrow	USA	Los Angeles	Jun 29, 1956
● 10.2*	Ira Murchison	USA	Los Angeles	Jun 29, 1956
● 10.1	Willie Williams	USA	Berlin	Aug 03, 1956
● 10.1*	Ira Murchison	USA	Berlin	Aug 04, 1956
10.1*	Willie Williams	USA	Berlin	Aug 05, 1956
● 10.1*	Leamon King	USA	Ontario	Oct 20, 1956
● 10.1*	Leamon King	USA	Santa Ana	Oct 27, 1956
● 10.1*	Ray Norton	USA	San José	Apr 18, 1959
● 10.0	Armin Hary	GER	Zürich	Jun 21, 1960
● 10.0*	Harry Jerome	CAN	Saskatoon	Jul 15, 1960
● 10.0*	Horacio Esteves	VEN	Caracas	Aug 15, 1964
● 10.0*	Robert Hayes	USA	Tokyo	Oct 15, 1964
10.0*	Chen Chia-Chuan	CHN	Chungking	Oct 24, 1965
10.0*	Willie Turner	USA	Modesto	May 27, 1967
● 10.0*	Jim Hines	USA	Modesto	May 27, 1967
● 10.0*	Enrique Figuerola	CUB	Budapest	Jun 17, 1967
● 10.0*	Paul Nash	RSA	Krugersdorp	Apr 02, 1968
10.0*	Paul Nash	RSA	Standerton	Apr 06, 1968
● 10.0*	Oliver Ford	USA	Albuquerque	May 31, 1968
● 10.0*	Charles Greene	USA	Sacramento	Jun 20, 1968
● 10.0*	Roger Bambuck	FRA	Sacramento	Jun 20, 1968
● 9.9	Jim Hines	USA	Sacramento	Jun 20, 1968
● 9.9*	Charlie Greene	USA	Sacramento	Jun 20, 1968
● 9.9*	Ronnie-Ray Smith	USA	Sacramento	Jun 20, 1968
● 9.9*	Jim Hines	USA	Mexico City	Oct 14, 1968
● 9.9*	Steve Williams	USA	Los Angeles	Jun 21, 1972

● 9.9*	Eddie Hart	USA	Eugene	Jul 01, 1972
● 9.9*	Reggie Robinson	USA	Eugene	Jul 01, 1972
● 9.9*	Silvio Leonard	CUB	Ostrava	Jun 05, 1975
● 9.9*	Steve Williams	USA	Siena	Jul 16, 1975
9.9*	Reggie Jones	USA	Boston	Jul 26, 1975
● 9.9*	Steve Williams	USA	Berlin	Aug 22, 1975
● 9.9*	Steve Williams	USA	Gainesville	Mar 27, 1976
● 9.9*	Harvey Glance	USA	Columbia	Apr 03, 1976
● 9.9*	Harvey Glance	USA	Baton Rouge	May 01, 1976
● 9.9*	Donald Quarrie	JAM	Modesto	May 22, 1976
Tempo Eletrônico				
10.64	Ralph Metcalfe	USA	Stanford	Jul 16, 1932
10.53	Eddie Tolan	USA	Los Angeles	Jul 31, 1932
10.38	Ralph Metcalfe	USA	Los Angeles	Aug 01, 1932
10.38	Eddie Tolan	USA	Los Angeles	Aug 01, 1932
10.34	Norwood Ewell	USA	Evanston	Jul 09, 1948
10.32	Ray Norton	USA	Thonon-les-Bains	Aug 10, 1958
10.32	Jocelyn Delecour	FRA	Thonon-les-Bains	Aug 10, 1958
10.29	Peter Radford	GBR	Colombes	Sep 13, 1958
10.25	Armin Hary	FRG	Zürich	Jun 21, 1960
10.06	Robert Hayes	USA	Tokyo	Oct 15, 1964
10.03	Jim Hines	USA	Sacramento	Jun 20, 1968
10.02	Charlie Greene	USA	Mexico City	Oct 13, 1968
● 9.95	Jim Hines	USA	Mexico City	Oct 14, 1968
● 9.93	Calvin Smith	USA	Colorado Springs	Jul 03, 1983
9.93*	Carl Lewis	USA	Rome	Aug 30, 1987
9.93*	Carl Lewis	USA	Zürich	Aug 17, 1988
● 9.92	Carl Lewis	USA	Seoul	Sep 24, 1988
● 9.90	Leroy Burrell	USA	New York	Jun 14, 1991
● 9.86	Carl Lewis	USA	Tokyo	Aug 25, 1991
● 9.85	Leroy Burrell	USA	Lausanne	Jul 06, 1994
● 9.84	Donovan Bailey	CAN	Atlanta	Jul 29, 1996
● 9.79	Maurice Greene	USA	Athens	Jun 16, 1999
● 9.78(DQ)	Tim Montgomery	USA	Paris	Sep 14, 2002
● 9.77	Asafa Powell	JAM	Athens	Jun 14, 2005
9.77*	Justin Gatlin	USA	Doha	May 12, 2006
● 9.77*	Asafa Powell	JAM	Gateshead	Jun 11, 2006
● 9.77*	Asafa Powell	JAM	Zürich	Aug 18, 2006
● 9.74	Asafa Powell	JAM	Rieti	Sep 09, 2007

Quadro 7: Recordes mundiais masculinos.²⁰⁰

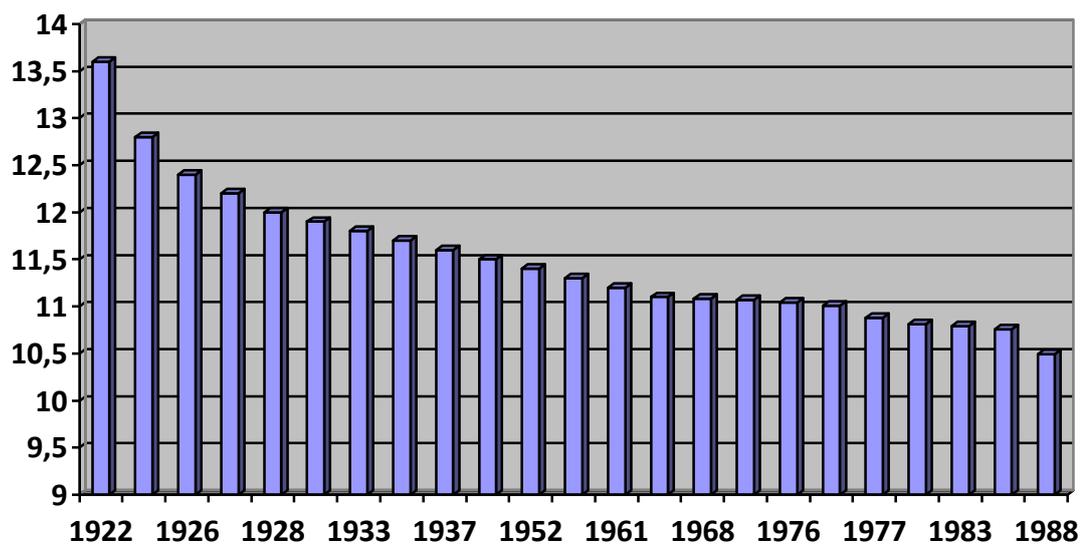
²⁰⁰Fonte: TRACK AND FIELD STATISTICS, disponível em: http://trackfield.brinkster.net/RecProg_All.asp?RecCode=WR&Gender=M, acesso em 28/10/2007.

4.3.7. Evolução do recorde mundial na prova dos 100 metros rasos feminino

A seguir, observamos o quadro 7 com os recordes mundiais femininos dos 100 metros rasos.

NR	RESULTS	NAME	NOC	DATE	EVENT	LOCATION
23	10.49	Florence Griffith Joyner	USA	16/07/1988	N/A	Indianapolis, IN (USA)
22	10.76	Evelyn Ashford	USA	22/08/1984	N/A	Zurich (SUI)
21	10.79	Evelyn Ashford	USA	03/07/1983	N/A	Colorado Springs, CO (USA)
20	10.81	Marlies Göhr	N/A	08/06/1983	N/A	East Berlin (N/A)
19	10.88	Marlies Göhr	N/A	01/07/1977	N/A	Dresden (N/A)
18	11.01	Annegret Richter	N/A	25/07/1976	N/A	Montreal (CAN)
17	11.04	Inge Helten	N/A	13/06/1976	N/A	Fürth (N/A)
16	11.07	Renate Stecher	N/A	02/09/1972	Olympic Games	Munich (N/A)
15	11.08	Wyomia Tyus	USA	15/10/1968	Olympic Games	Mexico City (MEX)
14	11.10	Irena Kirszenstein	POL	09/07/1965	N/A	Prague (N/A)
13	11.20	Wilma Rudolph	USA	19/07/1961	N/A	Stuttgart (N/A)
12	11.30	Shirley Strickland	AUS	04/08/1955	N/A	Warsaw (POL)
11	11.40	Marjorie Jackson	AUS	04/10/1952	N/A	Gifu (JPN)

10	11.50	Fanny Blankers-Koen	NED	13/06/1948	N/A	Amsterdam (NED)
9	11.60	Stanislawa Walasiewicz	POL	01/08/1937	N/A	Berlin (GER)
8	11.70	Stanislawa Walasiewicz	POL	26/08/1934	N/A	Warsaw (POL)
7	11.80	Stanislawa Walasiewicz	POL	17/09/1933	N/A	Poznan (GER)
6	11.90	Tollien Schuurman	NED	05/06/1932	N/A	Haarlem (NED)
5	12.00	Myrtle Cook	CAN	02/07/1928	N/A	Halifax (CAN)
4	12.20	Kinue Hitomi	JPN	20/05/1928	N/A	Osaka (JPN)
3	12.40	Gundel Wittman	GER	22/08/1926	N/A	Braunschweig (GER)
2	12.80	Mary Lines	GBR	20/08/1922	N/A	Paris (FRA)
1	13.60	Marie Mejzlíková I	N/A	05/08/1922	N/A	Prague (N/A)

Quadro 8: Recorde feminino.²⁰¹

²⁰¹ Fonte: OLYMPIC, **Women – world Record.** Disponível em: http://www.olympic.org/uk/sports/records/results_uk.asp, acesso em 05/08/09.

Gráfico 3: Evolução do recorde mundial feminino.

Analisando os dados do quadro 8 e do gráfico 3, verificamos que o recorde mundial feminino teve, inicialmente uma grande queda, já que em 15 dias o recorde baixou de 13,60 segundos para 12,80 segundos. Depois disso sua queda foi mais regular. Porém, é interessante observar que demorou 11 anos para baixar de 11,6 para 11,5 segundos, entre 1937 a 1948. Mas, o dado mais impressionante corresponde ao recorde de Florence Griffith Joyner, que superou o recorde da também norte-americana Evelyn Ashford de 10,76 para 10,49 segundos, que ainda não foi superado.

Mais do que a análise dos tempos, é interessante observar que a participação feminina em provas de 100 metros rasos aconteceu antes da primeira participação feminina nos Jogos Olímpicos, em 1928.

A seguir, verificamos os recordes mundiais completos, inclusive com os tempos repetidos dos 100 metros rasos feminino.

Listagem dos recordes mundiais nos 100 metros rasos feminino:

• - Recorde ratificado * - Recorde repetido

Tempo Manual				
● 13.6	Marie Mejzlíková II	TCH	Prague	Aug 05, 1922
● 12.8	Mary Lines	GBR	Paris	Aug 20, 1922
12.8*	Marie Mejzlíková II	TCH	Prague	May 13, 1923
12.7	Emmy Haux	GER	Frankfurt/Main	May 21, 1925
12.4	Leni Schmidt	GER	Leipzig	Aug 30, 1925
12.2	Leni Junker	GER	Wiesbaden	Sep 13, 1925
12.2*	Leni Junker	GER	Hannover	Aug 29, 1926
12.1	Gertrud Gladitsch	GER	Stuttgart	Jul 03, 1927
12.0	Elizabeth Robinson	USA	Chicago	Jun 02, 1928
● 12.0*	Myrtle Cook	CAN	Halifax	Jul 02, 1928
● 12.0*	Tollien Schuurman	NED	Amsterdam	Aug 31, 1930
12.0*	Helene Thymm	GER	Magdeburg	Aug 01, 1931
12.0*	Leni Junker-Thymm	GER	Magdeburg	Aug 01, 1931
12.0*	Helene Thymm	GER	Magdeburg	Aug 02, 1931
● 11.9	Tollien Schuurman	NED	Haarlem	Jun 05, 1932
11.9*	Tollien Schuurman	NED	Amsterdam	Jun 12, 1932
● 11.9**	Stanislawa Walasiewicz	POL	Los Angeles	Aug 01, 1932
11.9*	Stanislawa Walasiewicz	POL	Los Angeles	Aug 01, 1932
11.9**	Stanislawa Walasiewicz	POL	Los Angeles	Aug 02, 1932

11.9*	Hilda Strike	CAN	Los Angeles	Aug 02, 1932
11.9*	Stanislawa Walasiewicz	POL	Chicago	Aug 18, 1932
11.9*	Tollien Schuurman	NED	Amsterdam	Jul 16, 1933
11.9*	Tollien Schuurman	NED	Deventer	Jul 23, 1933
11.9*	Tollien Schuurman	NED	Brussels	Aug 13, 1933
11.9*	Stanislawa Walasiewicz	POL	Brussels	Aug 13, 1933
● 11.8	Stanislawa Walasiewicz	POL	Poznan	Aug 17, 1933
11.8*	Stanislawa Walasiewicz	POL	Warsaw	Sep 04, 1933
11.6	Stanislawa Walasiewicz	POL	Warsaw	Aug 04, 1934
11.6*	Helen Stephens	USA	Kansas City	Jun 08, 1935
11.6*	Stanislawa Walasiewicz	POL	Cleveland	Jun 10, 1935
11.6*	Helen Stephens	USA	New York	Sep 14, 1935
11.5	Helen Stephens	USA	Memphis	May 15, 1936
11.5*	Helen Stephens	USA	Dresden	Aug 10, 1936
11.5*	Lulu Mae Hymes	USA	Tuskegee	May 06, 1939
11.5*	Rowena Harrison	USA	Tuskegee	May 06, 1939
● 11.5*	Fanny Blankers-Koen	NED	Amsterdam	Sep 05, 1943
11.5*	Fanny Blankers-Koen	NED	Amsterdam	Jun 13, 1948
11.5**	Marjorie Jackson	AUS	Helsinki	Jul 22, 1952
● 11.5*	Marjorie Jackson	AUS	Helsinki	Jul 22, 1952
11.5*	Fanny Blankers-Koen	NED	Frechen	Sep 28, 1952
● 11.4	Marjorie Jackson	AUS	Gifu	Oct 04, 1952
● 11.3	Shirley Strickland	AUS	Warsaw	Aug 04, 1955
11.3*	Vera Krepkina	URS	Kiev	Sep 13, 1958
11.3*	Wilma Rudolph	USA	Rome	Sep 02, 1960
11.3*	Wilma Rudolph	USA	Moscow	Jul 15, 1961
● 11.2	Wilma Rudolph	USA	Stuttgart	Jul 19, 1961
● 11.2*	Wyomia Tyus	USA	Tokyo	Apr 15, 1964
11.1	Ewa Klobukowska#	POL	Prague	Jul 09, 1965
● 11.1*	Irena Kirszenstein	POL	Prague	Jul 09, 1965
● 11.1*	Wyomia Tyus	USA	Kiev	Jul 31, 1965
● 11.1*	Barbara Ferrell	USA	Santa Barbara	Jul 02, 1967
11.1*	Wyomia Tyus	USA	Mexico City	Apr 21, 1968
● 11.1*	Lyudmila Samotyosova	URS	Leninakan	Aug 15, 1968
11.1**	Margaret Bailes	USA	Aurora	Aug 18, 1968
11.1*	Margaret Bailes	USA	Aurora	Aug 18, 1968
11.1*	Barbara Ferrell	USA	Mexico City	Oct 14, 1968
● 11.1*	Irena Szewinska-Kirszenstein	POL	Mexico City	Oct 14, 1968
● 11.0	Wyomia Tyus	USA	Mexico City	Oct 15, 1968
● 11.0*	Chi Cheng	TWN	Vienna	Jul 18, 1970
● 11.0*	Renate Meissner	GDR	Berlin	Aug 02, 1970
● 11.0*	Renate Stecher-Meissner	GDR	Berlin	Jul 31, 1971
● 11.0*	Renate Stecher	GDR	Potsdam	Jun 03, 1972
● 11.0*	Ellen Stropahl	GDR	Potsdam	Jun 15, 1972

● 11.0*	Eva Gleskova	TCH	Budapest	Jul 01, 1972
11.0*	Renate Stecher	GDR	Potsdam	Aug 19, 1972
● 10.9	Renate Stecher	GDR	Ostrava	Jun 07, 1973
10.9*	Renate Stecher	GDR	Leipzig	Jun 30, 1973
10.9*	Renate Stecher	GDR	Dresden	Jul 20, 1973
● 10.8	Renate Stecher	GDR	Dresden	Jul 20, 1973
Tempo Eletrônico				
12.18*	Catherine Hardy	USA	Helsinki	Jul 21, 1952
12.18	Winsome Cripps	AUS	Helsinki	Jul 21, 1952
11.86	Marjorie Jackson	AUS	Helsinki	Jul 21, 1952
11.72	Marjorie Jackson	AUS	Helsinki	Jul 22, 1952
11.65	Marjorie Jackson	AUS	Helsinki	Jul 22, 1952
11.65*	Wilma Rudolph	USA	Rome	Sep 01, 1960
11.41	Wilma Rudolph	USA	Rome	Sep 02, 1960
11.23	Wyomia Tyus	USA	Tokyo	Apr 15, 1964
● 11.21	Wyomia Tyus	USA	Mexico City	Oct 14, 1968
● 11.12	Barbara Ferrell	USA	Mexico City	Oct 14, 1968
● 11.08	Wyomia Tyus	USA	Mexico City	Oct 15, 1968
● 11.07	Renate Stecher	GDR	München	Sep 02, 1972
11.07*	Renate Stecher	GDR	Dresden	Jul 20, 1973
11.04	Inge Helten	FRG	Fürth	Jun 13, 1976
● 11.01	Annegret Richter	FRG	Montréal	Jul 25, 1976
● 10.88	Marlies Oelsner	GDR	Dresden	Jul 01, 1977
10.87	Lyudmila Kondratyeva	URS	Leningrad	Jun 03, 1980
● 10.81	Marlies Göhr-Oelsner	GDR	Berlin	Jun 08, 1983
● 10.79	Evelyn Ashford	USA	Air Force Academy	Jul 03, 1983
● 10.76	Evelyn Ashford	USA	Zürich	Aug 22, 1984
● 10.49	Florence Griffith-Joyner	USA	Indianapolis	Jul 16, 1988

Quadro 7: Recordes mundiais dos 100 metros rasos feminino.²⁰²

²⁰²Fonte: TRACK AND FIELD STATISTICS, disponível em: http://trackfield.brinkster.net/RecProg_All.asp?RecCode=WR&EventCode=WA1&Gender=W, acesso em 28/10/2007.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante essa pesquisa, conseguimos reunir o maior número de informações possíveis acerca da história das corridas de velocidade, em especial, dos 100 metros rasos.

Vimos, por exemplo, que as corridas de velocidade, em forma de competição, estão presentes desde muito tempo nos Jogos Olímpicos, já que na Grécia Antiga, elas eram disputadas, ainda que o nome da prova e sua distância fossem diferentes da prova atual. Enquanto naquela época a corrida mais rápida era o stádion e possuía 192,27 metros, hoje a prova mais rápida é o 100 metros rasos, tanto masculino como feminino.

A primeira parte da história das corridas de velocidade começa na Grécia Antiga, onde ela surgiu como uma brincadeira na qual o objetivo era homenagear Zeus, como nos conta Godoy (1996):

Em Olímpia, originalmente, eram venerados os deuses mais antigos, como Urano e Gaia. A seguir surgiu Cronos, que destronou Urano e batizou a montanha que domina Olímpia com seu próprio nome.

Depois, os Curetas, cinco irmãos – sacerdotes que viviam no Monte Ida, em Creta -, instalaram-se em Olímpia. O mais velho deles, Hércules, para homenagear Zeus, propôs como brincadeira uma corrida a pé entre seus quatro irmãos, coroando o vencedor com um ramo de oliveira selvagem. Assim, coube a Hércules de Ida a honra de ter instituído os Jogos, estabelecendo sua periodicidade para cada quatro anos. Isso teria ocorrido entre 2500 e 2300 a.C. (p.54).

Juncosa Gual (1971) e Silva (1978) mencionam que essa corrida entre os quatro irmãos de Hércules, na verdade, aconteceu em 1496 a. C. Porém, o importante é que esse fato deu origem a primeira corrida de velocidade em forma de competição em um grande evento como os Jogos Olímpicos.

Outro fato importante a ser observado é que o surgimento, tanto dessa corrida como dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, tiveram um sentido religioso, como nos conta Godoy (1996):

Para homenagear Zeus, eram promovidos os Jogos Olímpicos a cada quatro anos, em Olímpia, local onde ele era especialmente venerado. Da mesma forma que o poderoso Zeus era o supremo rei do Olimpo, os jogos

públicos a ele dedicados eram soberanos de todos os confrontos esportivos na Grécia Antiga. Representaram a expressão máxima do esplendor alcançado pela educação física na Antigüidade e, sem interrupção, foram realizados durante doze séculos (p.53).

Além de ter um significado religioso, os Jogos Olímpicos também representavam um momento de paz entre os gregos, sendo que as guerras eram abolidas durante as disputas, punindo-se àqueles que descumprissem essa regra, ou seja:

Essas competições representavam a cada quatro anos o maior encontro pacífico de todos os gregos, pois iniciavam-se com a suspensão das hostilidades. Quem decidia sobre a proclamação da trégua sagrada era o senado olímpico, cuja sede ficava em Elis.

Os arautos ou mensageiros que recebiam como atribuição definida proclamar a trégua sagrada chamavam-se espondoforos. Escolhidos entre as mais nobres famílias, eram uma espécie de embaixadores encarregados de anunciar a boa nova.

Deixavam Elis três meses antes da abertura das competições. Separados em três grupos, partiam com seus auxiliares e percorriam todo o território grego. Recebidos pelas associações locais, estas se encarregavam de reunir o povo. Assim, a mensagem era transmitida aos chefes de estado, divulgado à população e todos os gregos tomavam conhecimento da proclamação da trégua (GODOY, 1996, p. 65).

Como tudo naquela época, a premiação também era algo que tinha um significado diferente do atual.

O único prêmio (áthlos) concedido pela vitória nos jogos olímpicos era o kótinós, uma coroa feita com ramos de oliveira selvagem. Segundo uma lenda local de Élis, acreditava-se que as árvores de oliveiras selvagens brotaram da oliveira plantada por Hércules no desolado terreno do Crônion: ele trouxera a árvore do país dos hiperbóreos, aonde ele havia ido em perseguição à corça de chifres de ouro, consagrada a Ártemis [...]

Segundo a tradição, Ífíto estabeleceu a coroa de oliveira selvagem como prêmio, após a resposta do oráculo de Delfos. Flégon considera que o primeiro atleta a ser coroado com kótinós foi Daícles da Messênia, que venceu a prova de corrida do stádion na sétima olimpíada (752 a. C.).

O ramo de oliveira era sempre cortado da mesma antiga árvore de oliveira selvagem, denominada Kallistéphanos (literalmente, 'belas coroas'), que crescia à direita do opisthódomos do templo de Zeus. Um jovem cujos pais ainda vivessem (país amphithalés), utilizando uma tesoura de ouro, cortava da árvore a quantidade exata de ramos equivalente ao número de competições; com eles em mãos, penetrava no templo de Hera e colocava-os sobre uma mesa crisefantina, adornada com representações das competições, obra do escultor Colotes, e deste local eles eram retirados pelos hellanodíkai para coroar os vencedores (CABRAL, 2004, p. 124 - 125).

Vale observar que embora a premiação dessa época não tivesse nenhum valor material, os atletas empenhavam-se na conquista da coroa de oliveiras, tradição que deixou de

existir, cedendo espaço aos prêmios em dinheiro e ao profissionalismo, mencionados por Godoy (1996) que observa que:

A rivalidade entre as várias cidades fez a Grécia entrar em decadência e, com ela, seus jogos esportivos. Os nobres conceitos morais e religiosos que os sustentavam desvirtuaram-se e o idealismo enfraqueceu à medida que o profissionalismo se fortalecia. O sentido de honra decaiu para ceder lugar ao espírito de lucro. Os melhores atletas eram comprados pelas cidades e dessa forma, cabia aos habitantes a honra de aclamarem um vencedor. Os aurigas aumentaram seus preços e os escravos trapaceavam nas corridas de carros, quando seus donos lhes prometiam liberdade em caso de vitória (p. 101).

Com o tempo, os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga deixaram de ser disputados, até que em 1894, o Barão Coubertin decidiu reviver esse evento, dando origem aos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Segundo Godoy (1996), Coubertin manifestou sua intenção em reviver esse evento dizendo:

‘Atletas amadores de todas as partes do mundo deverão, uma vez mais, competir de quatro em quatro anos, sem nenhuma restrição de raça, religião, classe social e riqueza. Todo o futuro do esporte repousa no renascimento dos Jogos Olímpicos. Devemos, unidos, lutar para que isso se concretize’ (p. 120).

Assim como o Barão de Coubertin, o Comitê Olímpico Brasileiro (2009) enaltece o papel do olimpismo como:

[...] uma filosofia de vida que utiliza o esporte como instrumento para a promoção de paz, união, respeito por regras, adversários, diferenças culturais, étnicas e religiosas. Sua base é formada pela combinação entre esporte, cultura e meio ambiente. O objetivo é contribuir na construção de um mundo melhor, sem qualquer tipo de discriminação, encarando o esporte como um direito de todos. Tem como ideal a participação em massa, a educação, a integração cultural e a busca pela excelência através do esporte. Seus princípios são a amizade, a compreensão mútua, a igualdade, a solidariedade e o "fair play" (jogo limpo). Esses valores devem ser aplicados para além do esporte, para o dia-a-dia, para a vida.

Apesar de nos referirmos aos Jogos Olímpicos, vale lembrar que este evento está diretamente ligado à história do atletismo, principalmente a dos 100 metros rasos, o que nos leva a pensar se a filosofia do olimpismo e as idéias de Barão de Coubertin continuam sendo seguidas na atualidade.

Não é difícil observar que o amadorismo, assim como na Grécia Antiga, deixou de existir dando lugar ao profissionalismo, quando os atletas passaram a ser pagos para treinar, competir e fazer resultados. Ao contrário dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, quando os atletas participavam para homenagear Zeus, hoje os atletas são pagos e pressionados para competirem e obterem resultados, não importando quem seja Zeus ou Barão de Coubertin.

O fato é que com o profissionalismo, o esporte se tornou algo comercial, que traz muito dinheiro para muitas pessoas. Isso até parece ser algo bom, se não fosse o fato que esse comércio enriquece apenas uma pequena parte da população.

Hoje em dia, o atleta profissional é pago para usar todo o seu tempo com treinos, para melhorar seu rendimento, trazendo mais dinheiro para quem o sustenta (os patrocinadores). Juntando isso a outros fatores, a vitória passa a ser algo de grande importância para o esporte moderno. Ganhar ou perder não representa apenas uma vontade de Deus, mas sim o sucesso e o fracasso. Será que não seria esse um dos principais fatores que motivam o uso do doping visando a melhora da performance?

Por outro lado, será que se não existisse o profissionalismo, a ciência estaria cada dia mais se aprimorando para fazer um atleta percorrer 100 metros rasos em 9,58 segundos? Será que o esporte ainda existiria e traria tantos espectadores? Será que haveria tantos interessados em participar, organizar e assistir aos Jogos Olímpicos?

Essas e outras perguntas como: “até onde essa prova evoluirá? Até quando os tempos masculinos e femininos dessa prova poderão ser superados?” não deveriam ser questões discutidas com os alunos que estão aprendendo o atletismo na escola, por exemplo?

Com base nessas informações e no registro organizado dos dados referentes às regras, ao vestuário, à técnica, entre outras coisas pertinentes à história dos 100 metros rasos, esperamos contribuir com o trabalho do profissional de Educação Física que, de posse desse conhecimento, poderá ensiná-lo de diferentes formas.

Mais do que isso, esperamos que os professores percebam o quanto o atletismo se modificou com o tempo, especialmente a corrida de 100 metros rasos e o quanto ela se distanciou do amadorismo. É preciso mostrar aos alunos que aquilo que começou com um simples “apostar corrida entre irmãos” (na Grécia Antiga) – que é muito semelhante as atuais brincadeiras infantis – está muito distante da superação de um recorde mundial, já que para se chegar aos 9”58 foram precisos muitos treinamentos, muitos estudos e muita tecnologia.

Ao término desse trabalho, esperamos poder ajudar o profissional de Educação Física a ensinar o atletismo, em especial os 100 metros rasos, fazendo com que as crianças vivenciem e compreendam todas essas mudanças que ocorreram ao longo de sua história.

Mais do que isso, esperamos que as questões polêmicas que envolvem o esporte, em especial, o atletismo sejam discutidas, despertando o senso crítico dos alunos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADIDAS, **Adidas Press Room** – Olympic History. Disponível em: <http://www.press.adidas.com/en/DesktopDefault.aspx/tabid-86/>, acesso em 24/07/2009.

ANCIENT OLYMPICS. Disponível em: <http://ancientolympics.arts.kuleuven.be/picEN/slides/P0423.jpg.html>, acesso em 24/07/09.

ANCIENT OLYMPICS. Disponível em: <http://ancientolympics.arts.kuleuven.be/picEN/slides/P0197.jpg.html>, acesso em 24/07/09.

ANCIENT OLYMPICS. Disponível em: <http://ancientolympics.arts.kuleuven.be/picEN/slides/P0424.jpg.html>, acesso em 24/07/09.

ANCIENT OLYMPICS. Disponível em: <http://ancientolympics.arts.kuleuven.be/picEN/slides/P0427.jpg.html>, acesso em 24/07/09.

ARCHAEOLOGY, **Stadia and Starting Gates**. Disponível em: <http://www.archaeology.org/online/features/olympics/stadia.html> ,acesso em 24/07/09.

BARBOSA, S. M. **Jogos Olímpicos Modernos: Esboço de História**. O maior atleta do mundo. Rio de Janeiro: Mobral, 1979.

BARROS, N. , DEZEM, R. **O atletismo**. São Paulo: Ggete Macônice, 1978.

BIEGANIE. Disponível em: http://www.bieganie.com.pl/joomla/index.php?option=com_content&task=view&id=127&Itemid=49, acesso em 27/05/09.

BLOGSPOT - **A Trini in London**. Disponível em: <http://redtrinigirl.blogspot.com/>, acesso em 26/05/09

CABRAL, L. A. M. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2004. 333p.

CARDOSO, M. **100 anos de Olimpíadas**. São Paulo: Scritta, 1996.

CASA SENA, disponível em: www.casasenna.com/produtos/atletismo.htm, acesso em 09/03/2008

CLEVELAND. Disponível em:
http://blog.cleveland.com/sports/2008/06/_when_jamaicas_usain_bolt.html, acesso em 25/05/09

CLICRBS, **China em foco**, disponível em:
<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,log&uf=1&local=1&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=95091&blog=471&coldir=1&topo=4242.dwt>, acesso em 22/07/09

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, **Olimpismo**. Disponível em:
http://www.cob.org.br/movimento_olimpico/olimpismo.asp, acesso em: 01/10/2009.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, disponível em:
http://www.olympic.org/uk/sports/records/results_uk.asp?DIS_S_CODE=AT&GET_C_ID=W&GET_C_OL=1&GET_C_WO=&EVT_S_CODE=001&RESULT=TRUE, acesso em 24/03/09.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, disponível em:
http://www.olympic.org/uk/sports/records/results_uk.asp?DIS_S_CODE=AT&GET_C_ID=M&GET_C_OL=1&GET_C_WO=&EVT_S_CODE=001&RESULT=TRUE, acesso em 24/03/09.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, **atletas**, disponível em:
<http://www.cbat.org.br/atletas/robsoncaetano.asp>, acesso em: 11/03/2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Regras Oficiais de Atletismo 2004-2005**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – **Heróis do Atletismo**. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/galeria/herois/galeria.asp#>, acesso em 27/05/09.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – **Recordes**. Disponível em: http://www.cbat.org.br/estatisticas/recordes/recordes_quadro.asp?id=7, acesso em 29/05/09.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS. **Regras oficiais de atletismo: 1973**. Bloch, 1973.

CONWAYCORP, Receiver. Disponível em: <http://users.conwaycorp.net/tstone/receiver.html>, acesso em: 25/05/09.

CROSS COUNTRY SKIER, **Equipment**. Disponível em:
http://www.crosscountryskier.com/2007_08/equipment/karhu.htm, acesso em 28/07/09.

DARIDO, S.C. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DEARQUEOLOGIA. Disponível em: http://www.dearqueologia.com/santuario_delfos4.htm, acesso em 24/07/09.

DEPORTES OLÍMPICOS, **Atletismo**, disponível em: www.todo-olimpiadas.com, acesso em 05/12/2006.

DEPORTES OLÍMPICOS, **Atletismo**, disponível em: www.todo-olimpiadas.com, acesso em 09/03/2008.

DEPORTES OLÍMPICOS, **Atletismo**, disponível em: www.todo-olimpiadas.com, acesso em 05/12/2006.

DEPORTES OLÍMPICOS, **Atletismo**, disponível em: www.todo-olimpiadas.com, acesso em 2006.

DIE OLYMPISHEN **Spiele** 1936: In Berlin Garmish-Partenkirchen. Altona-Bahrenfeld: Cigaretten- Bilderdienst, 1936. Band 2.

Disponível em: <http://5fjoiaseroupasdoantigoegito.blogspot.com/2009/06/joias-roma-antiga-joia-e-um-acessorio.html>, acesso em 17/07/09.

Disponível em: sevilla.abc.es, acesso em 2006.

Disponível em: www.elconfidencial.com, acesso em 2006

Disponível em: www.answers.com/topic/betty-robinson, acesso em: 11/03/08.

ESPORTE SITE, **Lucimar Moura vence prova mais rápida do atletismo no GP de Fortaleza**. Disponível em: <http://www.esportesite.com.br/2009/05/10/lucimar-moura-vence-prova-mais-rapida-do-atletismo-no-gp-de-fortaleza/>, acesso em 04/08/09.

ESPORTE UOL - **Olimpíadas**. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/ultimas/2004/08/23/ult2247u384.jhtm>, acesso em 01/06/09.

ESTRATÉGIA EMPRESARIAL. Disponível em: <http://estrategiaempresarial.wordpress.com/2008/09/04/>, acesso em 28/07/09.

FACT MONSTER, Olympics 2004: Memorable Moments. Disponível em <http://www.factmonster.com/sports/olympics/summer-memorable-moments.html>, acesso em 31/07/09.

FERNANDES, J. L. **Atletismo**: corridas. São Paulo: EPU, 1979.

FLICKR. Disponível em: <http://www.flickr.com/groups/fotografiacms/discuss/72157600200442469/>, acesso em 29/07/09.

FRANK WYKOFF – **Track & Field**. Disponível em: <http://frankwykoff.com/semi-finals.htm>, acesso em 27/05/09.

FREE PATENTS ONLINE – all the inventions of mankind. Disponível em: <http://www.freepatentsonline.com/1701026.pdf>, acesso em 03/06/09.

GLOBOESPORTE.COM – **Atletismo**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Atletismo/0,,MUL875032-16316,00-BRASIL+PODE+HERDAR+OURO+DOS+JOGOS+DE+SYDNEY+APOS+CONFISSAO+DE+MONTGOMERY.html>, acesso em: 28/05/09.

GODOY, L. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

GREEKLANDSCAPES, **Anciente Olympia Pictures**, disponível em: http://www.greeklandscapes.com/greece/olympia/slides/olympia127_2760_jpg.htm, acesso em 17/07/09

GRIFFI, G. **História da Educação Física e do Esporte**. Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1989.

GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331124>, acesso em 23/07/09.

GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331127>, acesso em 23/07/09.

GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331133>, acesso em 23/07/09.

GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331139>, acesso em 23/07/09.

GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em:
<http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331145>,
acesso em 23/07/09.

GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em:
<http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331148>,
acesso em 23/07/09.

GUARDIAN, **Jesse Owens**, disponível em:
<http://www.guardian.co.uk/sport/gallery/2008/mar/31/photography?picture=333331154>,
acesso em 23/07/09.

HARTFORD PUBLIC HIGH SCHOOL. Athletic Hall of Fame – Lindy J. Remigino.
Disponível em: <http://www.hphshof.org/Inductees/2002/RemiginoLindyJ.htm>, acesso em:
25/05/09.

HELART, disponível em: www.helart.com.br/Catalogo/bloco_partida.htm, acesso em
16/07/2009.

HICKOKSPORTS.COM. **History** – U.S. Men's Outdoor Track Champions – Track Events.
Disponível em: <http://www.hickoksports.com/history/usmotrk1.shtml>, acesso em 03/06/09.

IDEKE. Disponível em: http://www.ideke.edu.gr/sde/sde_pirgou/υσπ1.jpg, acesso em
24/07/09.

IHSA, **Illinois H.S.toric**: Early Girls Track and Field. Disponível em:
http://www.ihsa.org/initiatives/hstoric/track_girls_early.htm, acesso em 28/07/09.

IMOTION, **Imagens**, disponível em:
http://www.imotion.com.br/imagens/details.php?image_id=5479&mode=search&sessionid=1bb71ca785f395cdab31b621e29c2176, acesso em 22/07/09

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em:
http://www.olympic.org/uk/athletes/results/search_r_uk.asp, acesso em 28/05/2009.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em:
http://www.olympic.org/uk/games/past/index_uk.asp?OLGT=1&OLGY=1896, acesso em
19/02/2008

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em:
http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/photo_uk.asp?EntIdProv=15&EntId=1172&LinkName=AMSTERDAM&Direct=0, acesso em 19/02/2008.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/utilities/multimedia/gallery/photo_uk.asp, acesso em 19/02/2008.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, **Olympic Games**, disponível em: http://www.olympic.org/uk/athletes/results/search_r_uk.asp, acesso em 27/05/2009.

ITOMIZER, **Il marketing incontra lo sport: la storia di Adidas**. Disponível em: <http://itomizer.com/2008/07/19/il-marketing-incontra-lo-sport-la-storia-di-adidas/>, acesso em 28/07/09.

JUNCOSA GUAL, J. **Carreras de velocidad**. Barcelona: Editorial Sintesis, 1971.

KARHU, **Finland's Legendary Running Brand**. Disponível em: <http://karhu.com/index.php?pid=3>, acesso em 28/07/09.

KINGSTON STATE OF MIND, disponível em: <http://dutybwoy.wordpress.com/2008/08/17/shelly-ann-frazerkerron-stewart-sheron-simpson-sweep-womens-100m-final/>, acesso em 13/05/2009

KRING, R. F. **Atletismo nas escolas: guia prático de treinamento**. São Paulo: Editora Cultura, 1968.

LAKATOS, E. V.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2000.

LANCELOTTI, Sílvio. **Olimpíada 100 anos**. São Paulo: Círculo do livro, 1996.

LAWSON, G. **World Record Breakers in Track Field Athletics**. EUA: Human Kinetics, 1997.

LIFE. Disponível em: <http://www.life.com/image/3315880>, acesso em 27/05/09

LIFE. Disponível em: <http://www.life.com/image/53348248>, acesso em 01/06/09.

LIFE. Disponível em: <http://www.life.com/image/56930020>, acesso em 01/06/09.

LIFE. Disponível em: <http://www.life.com/image/56935749>, acesso em 01/06/09.

LIFE. Disponível em: <http://www.life.com/image/56935853>, acesso em 01/06/09.

MAGALHÃES, G. **Introdução à metodologia científica: caminhos da ciência e tecnologia**. São Paulo: Ática, 2005.

MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

MATTHIESEN, S. Q. **Sobre o ensino da história do atletismo em aulas de Educação Física**, 2009 (mimeo).

MERCADO LIVRE, disponível em: http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-67658203-sapatilha-de-atletismo-para-velocidade-nike-zoom-rival-s-_JM, acesso em 03/09/2008.

MSN. Disponível em: http://encarta.msn.com/media_701765446/linford_christie.html, acesso em 27/05/09

NETSCHOOL. **Sport** – Sportgeschichte. Disponível em: <http://www.netschool.de/spo/dsomk/dsomk06.htm>, acesso em 25/05/09.

NEWSHOLME, E. A., LEECH, T., DUESTER, G. **Corrida: Ciência do Treinamento e desempenho**. São Paulo: Phorte, 2006.

OCASIONALIDADES, disponível em: <http://ocasionalidades.wordpress.com/2007/01/09/atletismo-obikwelu-eleito-atleta-europeu-do-ano/>, acesso em 09/03/2008

OLYMPIC, **Women** – **world Record**. Disponível em: http://www.olympic.org/uk/sports/records/results_uk.asp, acesso em 05/08/09.

OMEGA, Omega Moments in Olympic Timekeeping. Disponível em: <http://omega.watchprosite.com/show-nblog.post/ti-436441/>, acesso em 30/07/09.

OMEGA WATCHES. Disponível em: http://www.omegawatches.cn/index.php?id=235&tx_ttnews%5BpS%5D=1207000800&tx_ttnews%5BpL%5D=1209592799&tx_ttnews%5Barc%5D=1&tx_ttnews%5Bcat%5D=4&tx_ttnews%5Btt_news%5D=981&tx_ttnews%5BbackPid%5D=225&cHash=dabee8c622, acesso em 30/07/09.

OMEGA WATCHES, **London 1948**. Disponível em: <http://www.omegawatches.cn/index.php?id=1072&L=>, acesso em 30/07/09.

OMEGA WATCHES, **Los Angeles 1932**. Disponível em: <http://www.omegawatches.cn/index.php?id=1072&L=>, acesso em 30/07/09.

OMEGA WATCHES, **Mexico City 1968**. Disponível em: <http://www.omegawatches.cn/index.php?id=1072&L=>, acesso em 30/07/09.

OMEGA WATCHES, **Seoul 1988**. Disponível em: <http://www.omegawatches.cn/index.php?id=1072&L=>, acesso em 30/07/09.

PAIOLI, C. C. **Brasil Olímpico**. São Paulo: IMESP, 1985.

PALLICCA, G. **Ai vostri posti, pronti, via**. *Atleticastudi*, Centro Studi & Ricorche, nº 34, dyetro, 1960.

PANORAMIO, **Foto de Stadium in Epidauros**. Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/3894567>, acesso em 24/07/2009.

PARRA FILHO, D. ; SANTOS, J. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Futura, 1998.

PHOTOTIMING, **Doug Lynch Sports Timing Services**, disponível em: www.phototiming.com, acesso em 06/12/2006

REEBOK, **Institucional**. Disponível em: <http://www.reebok.com.br/>, acesso em 27/07/09.

RHODES PRIVATE TOURS. Disponível em: http://www.rhodesprivatetours.com/images/New_Town/set_11/site_042_mod_small.jpg, acesso em 24/07/09

RIBEIRO JR., W.A. **O vaso dos corredores**. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. Disponível em www.greciantiga.org/iniciantes.asp?num=0362. Consulta: 24/7/2009.

RUIZ, J. Á. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SILVA, E. M. Tecnologia em roupas e calçados fará a diferença em Pequim. Disponível em: <http://www.boletimef.org/forum/viewtopic.php?f=21&t=272>, acesso em 29/07/09.

SILVA, J. F. **Atletismo: corridas**. Tecnoprint, 1978.

SILVA, N. P. **Atletismo**. São Paulo: Cia. Brasil editora, 19-.

SIMPLES CIDADE, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.simplescidade.com.br/rio-janeiro/postagens/2008-04-15/1111/vila-olimpica-do-salgueiro-esta-de-cara-nova-e-oferece-capacitacao-para-jovens/>, acesso em 29/07/09.

SMIT, B. **Invasão de Campo**: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

SPARTA – Black History Month. Disponível em: <http://www.sparta.k12.il.us/lincoln/curric/blackam/p2blam.htm>, acesso em 03/06/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=1443>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4220>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4562>, acesso em 27/05/09

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4634>, acesso em 26/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4669>, acesso em 29/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4688>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4987>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=4988>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=5074>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=5345>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=5356>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=5661>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7087>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7109>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7243>, acesso em 27/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7740>, acesso em 31/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7741>, acesso em 31/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7762>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7764>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=7782>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8066>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8090>, acesso em 26/05/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8091>, acesso em 31/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8111>, acesso em 04/08/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8116>, acesso em 04/08/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8556>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8557>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8558>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8559>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8560>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8620>, acesso em 05/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8669>, acesso em 31/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=8850>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9166>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9194>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9198>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9445>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9856>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=9903>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=10319>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=10370>, acesso em 28/07/09.

SPORTING-HEROES – **Athletes**. Disponível em: <http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=10521>, acesso em 04/08/09.

SPORTS ILLUSTRATED, Photos. Disponível em: http://sportsillustrated.cnn.com/multimedia/photo_gallery/0808/best.woman.athlete.by.birth.state/content.42.html, acesso em 28/07/09.

STRATEGIA, Caso Reebok – história. Disponível em: http://www.strategia.com.br/Casos/casos_corpo_reebok.htm, acesso em 27/07/09.

SVAROG. Disponível em: <http://nnd.svarog.org/?leto=1960>, acesso em 25/05/09.

SWISS TIMING, Photofinish. Disponível em: <http://www.swisstiming.co.uk/osv4.htm>, acesso em 30/07/09.

THE MODERN HISTORIAN, **On this day in history**: Jim Hines wins Olympic 100m final, 1968. Disponível em: <http://modernhistorian.blogspot.com/2008/10/on-this-day-in-history-jim-hines-wins.html>, acesso em 31/07/09.

THE SUN, Photo finish at Beijing 2008. Disponível em: http://img.thesun.co.uk/multimedia/archive/00551/Photo-finish_682x40_551906a.jpg, acesso em 30/07/09.

TRACK AND FIELD STATISTICS, disponível em: http://trackfield.brinkster.net/RecProg_All.asp?RecCode=WR&EventCode=WA1&Gender=W, acesso em 28/10/2007.

TRACK AND FIELD STATISTICS, disponível em:
http://trackfield.brinkster.net/RecProg_All.asp?RecCode=WR&Gender=M, acesso em
 28/10/2007

TSIRAKIS, S. **Uma viagem à Grécia**: os Jogos Olímpicos e os deuses. São Paulo: Odysseus, 2004. 213p.

TV CABO BRANCO – **Paraíba Comunidade**. Disponível em:
<http://www.cabobranco.tv.br/paraibacomunidade/index.php?ev=1&d=2008-07-27>, acesso em:
 28/05/09.

UOL ESPORTES, Olimpíadas. Disponível em:
<http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/brasileiros/atletismo/andredomingos.jhtm>, acesso em
 27/05/09

UOL – **Últimas Notícias**. Disponível em:
<http://noticias.uol.com.br/ultnot/2006/01/27/ult28u42236.jhtm>, acesso em 01/06/09.

VENI VIDI TRAVEL, **Greece**. Disponível em:
<http://www.venividitravel.com/greece/packages/info/66/old-city-philerimos-tour.html>, acesso
 em 24/07/09.

VICARI, B. **Pedaladas**. Disponível em:
<http://blogs.jovempan.uol.com.br/pedaladas/tag/pequim-2008/>, acesso em 28/07/09.

VIGARELLO, G. **Une Histoire Culturelle du Sport**: Techniques D’Hier... Et D’Aujourd’Hui. Paris: Éditions Robert Laffont, 1988.

VIEIRA, S., FREITAS, A. **O que é atletismo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2007.

WALLPAPER, Fashion. Disponível em: <http://www.wallpaper.com/fashion/nike-swiftsuit-victory-spike/2514>, acesso em 28/07/09.

WIKIMEDIA COMMONS. Disponível em:
http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bundesarchiv_Bild_183-C10379,_Hermann_Ratjen_alias_%22Dora_Ratjen%22.jpg, acesso em 27/05/09.

WIKIPÉDIA, **A Enciclopédia Livre**, disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Archie_Hahn,
 acesso em: 27/05/2009.

WIKIPÉDIA, **A Enciclopédia Livre**, disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ben_Johnson, acesso em: 30/10/2007

WIKIPÉDIA, **A Enciclopédia Livre**, disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Lewis, acesso em 30/10/2007.

WIKIPÉDIA, **A Enciclopédia Livre**, disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Marion_Jones, acesso em: 27/05/2009.

WIKIPÉDIA, **Lucimar Apesar Moura**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lucimar_Aparecida_de_Moura, acesso em 04/08/09.

WIKIPEDIA, **The Free Encyclopedia**, disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/100_metros_rasos, acesso em 09/03/2008

WIKIPEDIA, **The Free Encyclopedia**, disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Frank_Jarvis, acesso em 27/05/2009.

WIKIPEDIA – **The Free Encyclopedia**. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Mike_Murphy_\(trainer_and_coach\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Mike_Murphy_(trainer_and_coach)), acesso em 03/06/09.

WIKIPEDIA, **The Free Encyclopedia**, disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Tom_Burke, acesso em 30/10/2007

WORLD'S LATEST SPORTS EVENTS. Disponível em: http://worldsportsinfo.blogspot.com/2008_08_01_archive.html, acesso em 28/07/09.

YALOURIS, N. **The Olympic Games** – In Ancient Greece. Athens: Athenon S.A. 2003.

ZAPAPEDIA. Disponível em: <http://www.zapapedia.com/category/bread-butter/>, acesso em 27/07/09.